

**UNIVERSIDADE TIRADENTES
DIRETORIA DE PESQUISA E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**SIGNIFICADOS DO SER PSICÓLOGO: DAS CRENÇAS
CULTURAIS À REFLEXÃO DA PRÁTICA PSICOLÓGICA
EM ALUNOS DE GRADUAÇÃO**

LÍVIA DE MELO BARBOSA

ARACAJU, SE- BRASIL

Novembro de 2011

LÍVIA DE MELO BARBOSA

**SIGNIFICADOS DO SER PSICÓLOGO: DAS CRENÇAS
CULTURAIS À REFLEXÃO DA PRÁTICA PSICOLÓGICA
EM ALUNOS DE GRADUAÇÃO**

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Orientador: Prof^a Dr^a Fabrícia Teixeira Borges

ARACAJU, SE - BRASIL

NOVEMBRO de 2011

LÍVIA DE MELO BARBOSA

SIGNIFICADOS DO SER PSICÓLOGO: DAS CRENÇAS CULTURAIS À REFLEXÃO
DA PRÁTICA PSICOLÓGICA EM ALUNOS DE GRADUAÇÃO

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE TIRADENTES COMO PARTE DOS REQUISITOS
NECESSÁRIOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM EDUCAÇÃO

Aprovada por:

Prof(a). Dr(a). Fabícia Teixeira Borges (Orientador)

Prof(a). Dr(a). Silviane Bonnacorsi Barbato (Membro Externo da Banca)

Prof(a). Dr(a). Giovana Scareli (Membro Interno da Banca)

ARACAJU, SE - BRASIL

NOVEMBRO de 2011

FICHA CATALOGRÁFICA

AGRADECIMENTOS

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive”.*
Fernando Pessoa

Nesse momento de plena alegria e realização agradeço a Deus pela oportunidade de crescer profissionalmente. Agradeço também a minha família principalmente a minha tia Simone, a minha avó Célia, meu avô João, meu pai e minha irmã Lillian por terem acompanhado todo o processo de seleção sempre torcendo por mim. Ao meu esposo Paulo, por todo o amor, carinho, apoio, paciência e cumplicidade dedicados incondicionalmente.

A minha orientadora Dr^a. Fabrícia exemplo de sabedoria, humildade, respeito, amor e carinho, obrigada por ter sido a mediadora do conhecimento, nessa etapa tão importante da minha formação acadêmica. Por todas as palavras, por todo aprendizado, por todo carinho, apoio, compreensão.

Ao programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes, por ter me concedido a bolsa de estudos, em especial a professora Dr^a Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do Nascimento obrigada pela confiança depositada em mim.

As professoras Dr^a Silviane Barbato e Dr^a Giovana Scareli por terem participado da minha banca e por todas as contribuições que colaboraram imensamente para a pesquisa e para o meu aprendizado.

Obrigada a coordenação do curso de Psicologia da Unit, por ter disponibilizado os alunos para participarem da pesquisa e aos alunos de psicologia que participaram da pesquisa, em especial a Sara Bezerra Costa, muito obrigada, sem vocês essa pesquisa não seria possível.

Aos colegas de mestrado: Angélica Piovesan, Evanildo Vasco, Valéria Bonini, Anthony Fábio, Francisco Diemerson e Dayler pelos momentos de estudo, descontração, lágrimas e alegrias compartilhadas durante esses dois anos.

As minhas amigas psicólogas: Luciana, Maria, Mônica, Manuella, Ana Carolina e Thirza por entenderem a minha ausência durante esses dois anos nas nossas tradicionais quintas das amigas, obrigada por me incentivarem sempre.

RESUMO

O trabalho teve como objetivo principal descrever e identificar quais os significados do ser psicólogo, construídos por dois alunos do curso de psicologia de uma instituição de Ensino Superior no município de Aracaju- SE, mediados por narrativas da vida acadêmica e por fotografias. Para tanto, realizamos três entrevistas coletivas: a primeira entrevista narrativa foi sobre as histórias acadêmicas, a segunda foi mediada por fotografias e a terceira mediada pelo álbum de fotografias construído coletivamente. Para a análise dos dados utilizamos a análise temática dialógica, adaptada para a psicologia. As entrevistas foram transcritas na íntegra, e, após realizarmos várias leituras, dividimos em temas e subtemas, considerando os temas e subtemas mais recorrentes para a construção dos mapas de significados. Ao construirmos os mapas observamos que os significados foram se desenvolvendo, tornando-se mais elaborados, dividindo-se em cinco grupos temáticos. No primeiro deles estão os significados referentes à relação psicólogo-paciente: não julgar, servir o outro, respeitar o outro, humanização, promover saúde. No segundo grupo encontramos os significados referentes à realização profissional e pessoal: trabalhar com alegria, dedicação, realização. O terceiro refere-se à formação profissional: experiência profissional, participação em eventos, currículo. No quarto grupo de significados estão as características do psicólogo: passar segurança, superar desafios, resistência a pressões, inovar, refletir, observar. O quinto grupo de significados refere-se às expectativas futuras: medo/ansiedade e seguir em frente. A presente pesquisa nos proporcionou compreendermos que os significados do ser psicólogo da atualidade estão situados na fronteira entre: os significados históricos que foram construídos ainda no início da profissão no país, os significados construídos pelas crenças do imaginário popular e pelos novos significados que são construídos no momento presente das interações dos psicólogos com os livros, os professores, os colegas, os pacientes, os familiares, a comunidade, as instituições. Essa fronteira permite que esses significados construídos em diferentes momentos, sejam negociados, produzindo assim novos significados do ser psicólogo.

Palavras-chave: narrativas, significados, psicologia, fotografias.

ABSTRACT

The study aimed at describing and identifying what are the meanings of being a psychologist, built by two students of psychology from an institution of higher education in Aracaju-SE, Brazil, mediated by narratives of academic life and photographs. For that, we made three collective interviews: the first narrative interview was about the academic record, the second was mediated by photographs and third was mediated by the photo album collectively built. Thematic dialogical analysis was applied, adapted to psychology. The interviews were transcribed in full, and after several readings, the data were divided into themes and subthemes, and the most recurrent themes and subthemes were considered for the construction of maps of meaning. As we build the maps, we observed that the meanings were developing, becoming more elaborate, and dividing into five thematic groups. In the first, meanings are related to the psychologist-patient relationship: do not judge, to serve others, respecting each other, humanization, promoting health. In the second group we found the meanings related to professional and personal fulfillment: working with joy, dedication, achievement. The third refers to professional training: work experience, participation in events, curriculum. In the fourth group, the meanings are the characteristics of the psychologist: to pass security, overcome challenges, pressure resistance, innovate, to think, to observe. The fifth group of meanings refers to future expectations, fear / anxiety and move on. This research provided us with the understanding that the meanings of being a psychologist at current time are situated in the edge between the historical meanings that were built in the early part of the profession in the country, the meanings constructed by the beliefs of the popular imagination and by the new meanings that are constructed by the current psychologists interactions with the books, teachers, colleagues, patients, family members, community institutions. This frontier allows that these meanings, constructed at different times, be negotiated, thus producing new meanings of the being psychologist.

Keywords: narratives, meanings, psychology, photography.

SUMÁRIO

RESUMO	vi
ABSTRACT	vii
APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	12
1. PSICOLOGIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL	16
1.1. História da Psicologia no Brasil e Identidade profissional	16
2. PRESSUPOSTOS TEORICOS DA PSICOLOGIA CULTURAL	24
2.1. Teoria da atividade e trabalho	24
2.2. Mediação e linguagem	26
2.3. A Cultura na Psicologia Cultural	30
3. NARRATIVAS, CULTURA E SIGNIFICADOS	34
3.1. Narrativa, Tempo e Memória	37
3.2. Memória	39
3.3. Memória e Fotografia	42
3.4. Imagens Fotográficas	44
4. RESULTADOS	46
4.1. Método	46
4.1.1 Procedimento de construção dos dados	46
4. 1. 2. Análise das entrevistas	48
4.2. Mapa de significados e Entrevista coletiva sobre a história acadêmica	50
4.2.1. Significados construídos antes do curso	55
4.2.2. Significados construídos durante o curso de graduação em psicologia	57
4.3. Mapa de significados e análise da entrevista mediada por fotografias	63
4.3. Análise da entrevista coletiva mediada pelo álbum de fotografias	82
5. DESENVOLVIMENTO DA DINÂMICA DA CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS	108
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- A estrada	48
Figura 2- Significados do ser psicólogo na primeira entrevista.....	52
Figura 3-Construção dos significados do ser psicólogo na entrevista mediada por fotografia.....	65
Figura 4- “Aprendi a ficar sozinha”	66
Figura 5-Primeira foto de Nícolas. A escolha foi permeada pela fala de Fernanda.	67
Figura 6 - “Lançamento da revista”	68
Figura 7 - Publicação	70
Figura 8 - “Psicologia da Saúde”	71
Figura 9 - “O brincar promovendo saúde!!”	72
Figura 10 - “Crianças, minhas maiores lições de vida!”	73
Figura 11-“O ser ativo”	74
Figura 12 - “Na brinquedoteca trabalhamos e encontramos diversos sentimentos e formas distintas de senti-los”.....	74
Figura 13 - A estrada	75
Figura 14 - Potencial.....	76
Figura 15 - Observação.....	78
Figura 16 - Única imagem intitulada por Nícolas: “galera do 4º período na simulação”	79
Figura 17 - “Humanizar”	82
Figura 18 - Significados do ser psicólogo na entrevista mediada pelo álbum de fotografias.	83
Figura 19 - Servir- Humanização	86
Figura 20 - Confiança e segurança	88
Figura 21 - Trabalhar com alegria, o não julgar	91
Figura 22 - Práticas educativas	92
Figura 23 - Trabalhar com o que gosta	93

Figura 24- “Respeitar o outro”	95
Figura 25 - Potencial e Inovação	96
Figura 26 - Experiência na pesquisa	97
Figura 27 - Formação profissional.....	99
Figura 28 - “Desafios”	100
Figura 29 - A barragem.....	101
Figura 30 - Reflexão	102
Figura 31 - Observação.....	103
Figura 32 - Reflexão	104
Figura 33 - A estrada da nossa vida.....	105
Figura 34 - Desenvolvimento da construção dos significados do ser psicólogo	108

APRESENTAÇÃO

O interesse por realizar esse trabalho surgiu ao longo da minha graduação e da minha experiência como aluna bolsista Cnpq de iniciação científica, após realizar pesquisas como bolsista, sobre o posicionamento do ser professora, ser mãe e ser mulher, e sobre os significados que permeiam as construções do *self* no professor e no policial. As leituras sobre a construção dos significados através das interações sociais me proporcionaram a reflexão sobre a construção dos significados que eu tinha construído ao longo da graduação sobre o ser psicólogo. Desse modo, nos últimos semestres comecei a refletir sobre a forma como eu pensava antes do curso, as ideias que eu tinha do curso e de como fui me construindo como psicóloga. Pude observar também que os meus posicionamentos foram mudando ao longo da graduação, inclusive sobre qual área seguir.

No início da graduação eu tinha um interesse em psicologia jurídica, mas ao longo da minha história acadêmica fui conhecendo vários professores, inclusive pesquisadores. Ao me tornar bolsista da iniciação científica, pude conhecer como fazer pesquisa. Esse campo me envolveu, então, passei a estudar o desenvolvimento humano pelo viés da psicologia histórico-cultural, que entende o ser humano como um ser ativo, que é construído nas e pelas interações sociais. A psicologia histórico-cultural era uma disciplina que até então não fazia parte da grade curricular. Através da pesquisa comecei a participar de grupos de estudo, onde tive a oportunidade de estudar e discutir assuntos que me despertavam questionamentos sobre como o ser psicólogo é construído. Sendo assim, escolhi seguir a carreira acadêmica após concluir o curso de psicologia.

Todas essas experiências me despertaram o interesse para estudar, no mestrado, a construção dos significados do “ser psicólogo”, a fim de melhor compreender o desenvolvimento da profissão, e também colaborar com a educação e com a sociedade, contribuindo para uma melhor preparação no ensino superior, na qualificação dos profissionais da área de psicologia que irão atender às demandas sociais.

INTRODUÇÃO

Durante a formação inicial, os alunos constroem significações a partir de suas crenças anteriores e reflexões relacionadas a estudos e práticas desenvolvidas ao longo do curso. Nessa pesquisa entendemos que as crenças culturais são produzidas nas interações entre os estudantes de psicologia e o contexto socio-cultural o qual estão inseridos (BRUNER, 1997). Ao ingressarem no curso de psicologia, os alunos passam a modificar as crenças culturais que tinham inicialmente em relação ao curso, ao interagirem com os professores, colegas, as disciplinas e os estágios, os alunos passam a construir novos significados sobre a profissão (VIGOTSKI, 2001; BAKTHIN, 1995). Dessa forma, consideramos o contexto histórico-cultural em que esses significados são construídos, pois acreditamos que o momento histórico e a cultura também permeiam todo o processo, uma vez que: “A cultura é pública porque o significado o é” (GEERTZ, 2008, p. 09). Além disso, entendemos o processo de construção da identidade profissional como um processo dinâmico, em constante mudança, e que é desenvolvido no decorrer das interações sociais (CAIXETA E BARBATO, 2004). Assim, a todo o momento a identidade está sendo construída, não é estável (HALL, 2003). Dessa maneira, acreditamos que seja possível identificar, ao longo da formação, e através das narrativas, os vários significados que os alunos vão construindo ao longo do curso.

Ao defendermos que os significados são compartilhados culturalmente e construídos historicamente aduzimos que, para alcançarmos uma melhor compreensão sobre os significados do ser psicólogo, é necessário que abordemos a história da psicologia no Brasil. Portanto, no primeiro capítulo discorreremos sobre os momentos históricos do Brasil: o Período Colonial, o Período Imperial e o Período Republicano, atrelados à história da psicologia no país e o seu desenvolvimento.

O pensamento psicológico era estudado desde o Período Colonial por diversas áreas do conhecimento, porém, tinha-se como referência apenas o pensamento psicológico, e não a psicologia propriamente dita (ANTUNES, 2007; MASSIMI, 2001). Nesse período, o pensamento psicológico abrangia desde as questões educacionais, sociais e médicas, como também as emocionais. O estudo do pensamento psicológico era abordado principalmente pelas áreas da saúde (medicina) e da educação (pedagogia), e utilizado para controlar e manipular a população (ANTUNES, 2007). No período imperial, com a chegada da família real ao Brasil, foram construídas instituições como bancos, escolas, bibliotecas, hospitais, hospícios e faculdades. Houve também um desenvolvimento do ensino superior no país,

porém a educação era focada em técnicas profissionalizantes, e não se preocupava com o desenvolvimento da reflexão crítica dos profissionais. No entanto, os estudos desenvolvidos nos períodos citados foram originais, e posteriormente desenvolvidos e aprofundados, já na época do Brasil república, quando a psicologia passou a ser considerada ciência e profissão.

Em 1962 a psicologia foi regulamentada como profissão no país, e ao ser considerada oficialmente como tal, podemos identificar as primeiras características do profissional brasileiro. Uma bastante peculiar do profissional, logo após a oficialização, era o foco na área clínica (CAMBAÚVA, SILVA E FERREIRA, 1998). O psicólogo se formava e abria um consultório particular, ao qual grande parte da população não tinha acesso (BOCK, 1999). A cultura profissional da época era permeada pela psicanálise, a construção individualizada do sujeito, e estava direcionada para a clínica (DIMENSTEIN, 2000).

No início dos anos 90, as mudanças históricas e sociais influenciaram na construção da identidade do psicólogo brasileiro, voltando-a para o social (PESCATORE, 2005; BOCK, 1999). O momento histórico vivenciado pelo país fez com que os profissionais da psicologia refletissem sobre suas práticas e voltassem a atenção para a o atendimento social, destinado à população que não tinha acesso ao atendimento psicológico (BOCK, 1999). Esse momento histórico produziu discussões para alterar as grades curriculares dos cursos de psicologia. Outro fator que colaborou com o desenvolvimento da psicologia de cunho social, voltada para atender às necessidades das comunidades, foi o trabalho multidisciplinar do psicólogo.

Abordamos no segundo capítulo os conceitos de trabalho, atividade e consciência, pois entendemos a atividade humana como sendo todas as ações desempenhadas pelos indivíduos, entre as quais o trabalho (LEONTIEV, 2004). Afirmamos que atividade inclui tanto os aspectos biológicos, como também os aspectos culturais (RATNER, 1997). Através da teoria da atividade podemos compreender o início das relações sociais, o trabalho, e o desenvolvimento da consciência. Compreendemos o trabalho como uma categoria da atividade, sendo coletiva, com um determinado objetivo que só pode ser desenvolvido culturalmente, e, dessa forma, apenas pelos humanos. Outra questão pertinente ao trabalho é a sua concepção marxista, que considera o capitalismo como o desencadeador das lutas de classes, e também como o responsável pelo processo de alienação do trabalhador.

O segundo capítulo ainda é composto pelos pressupostos teóricos da psicologia cultural, tendo como principais teóricos: Vigotski (2009, 2001, 1998, 1989), Luria (2001; 1990), Leontiev (2004), Ratner (1997), Valsiner (2006, 1999, 1989), Wertsch (2007, 1990). Também utilizamos alguns conceitos propostos por Bakhtin (2006; 1995): a palavra, o dialogismo, o enunciado, a polifonia, entre outros conceitos relacionados à linguagem. Temos

como principais instrumentos do nosso estudo as entrevistas narrativas, que são constituídas pela linguagem oral e mediadas por imagens fotográficas. Nossos resultados são, sobretudo, fundamentados na linguagem oral, ou seja, na fala dos entrevistados. Porém, a palavra por si só não tem sentido, “o que faz da palavra uma palavra é sua significação” (BAKTHIN, 1995, p. 49).

A pesquisa foi desenvolvida na perspectiva êmica, na qual quem atribuem significação à palavra são os dois estudantes de psicologia, analisamos os dados de acordo com o posicionamento dos estudantes sobre os significados do ser psicólogo. Entendemos que a palavra compõe tanto o nosso discurso interno quanto o externo. Além disso, “a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc” [...], e é o “indicador mais sensível de todas as transformações sociais [...]. A palavra é capaz de registrar as faces transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais” (BAKTHIN, 1995, p. 41). Através da fala podemos perceber como ocorre a relação dialógica entre os entrevistados e os acontecimentos de sua vida, como os alunos significam as suas experiências durante a graduação, e como se dão a construção do conhecimento e as reflexões que interferem no modo como os alunos se posicionam nos grupos através das interações verbais.

No terceiro capítulo, abordamos a teoria sobre narrativas, memórias e fotografias. Ao fazermos alusão à temporalidade e à narrativa, citamos teóricos como: Kennedy e Kohan (2008), Spink (2004), Ricouer (1994), Bruner (2001a, 2001b, 1997), Benjamin (1994); na parte sobre memória compactuamos com as ideias dos autores: Maurice Halbwachs (1990), Eclea Bosi (2002), Siqueira (1997). Para tratar das imagens fotográficas, citamos Barthes (2009), Joly (1996), Borges e Linhares (2008) e Aumont (1994). Durante as entrevistas pudemos observar o dialogismo entre as narrativas, a temporalidade, as memórias e as imagens. Essa relação dialógica entre elas permitiu que ocorresse a construção de conhecimento e de significados pelos participantes da pesquisa, não somente para os entrevistados, mas também para os pesquisadores. Destacamos também que “os significados são fluidos e contextuais” (SPINK, 2004, p.28).

Sendo assim, defendemos que os autores citados anteriormente irão nos auxiliar nas análises e discussões dos resultados, a fim de alcançar os seguintes objetivos:

- Objetivo geral:

- Descrever e identificar quais os significados do ser psicólogo, que foram construídos por dois alunos do curso de psicologia de uma instituição de Ensino Superior no município de Aracaju- SE, mediados por narrativas da vida acadêmica e por fotografias.

- Objetivos específicos:

- 1) Identificar e descrever a construção do ser psicólogo a partir da história acadêmica dos dois estudantes de psicologia, e dos significados que foram construídos coletivamente durante as narrativas, quais permaneceram, e os que foram modificados ao longo da vida acadêmica;

- 2) Montar um álbum de fotografias sobre os significados do ser psicólogo, e descrever como as imagens fotográficas contribuíram para a construção de novos significados nas narrativas da história acadêmica dos alunos entrevistados.

Utilizamos a metodologia qualitativa para alcançarmos os objetivos da pesquisa, na qual temos como instrumentos as entrevistas narrativas e as fotografias sobre a história acadêmica de dois estudantes do curso de psicologia. Realizamos três entrevistas coletivas, sendo a primeira sobre a história acadêmica dos participantes, a segunda mediada por fotografias e a terceira por um álbum de fotografias construído coletivamente pelos alunos. Para esse estudo utilizamos, como base, teóricos da metodologia em pesquisa científica, como Flick (2009), Jovchelovitch e Bauer (2008), que expõem técnicas metodológicas para trabalhar com entrevistas narrativas e fotografias em pesquisas qualitativas. Para análise dos dados, utilizamos a análise temática adaptada à psicologia, método desenvolvido por Braune e Clarke (2003), para análise de discurso.

Com o estudo sobre os significados da graduação, que foram construídos pelos estudantes dos últimos semestres de Psicologia, mediados pela história acadêmica e por fotografias, procuramos responder de forma satisfatória às seguintes questões de pesquisa:

- Como ocorrem as dinâmicas das construções dos significados durante o curso de psicologia?
- Quais as memórias construídas ao longo do curso pelos alunos, e como essas memórias contribuem para a construção do conhecimento?

1. PSICOLOGIA E IDENTIDADE PROFISSIONAL

1.1. História da Psicologia no Brasil e Identidade profissional

A fim de compreendermos a construção do ser psicólogo no Brasil, e ao trabalharmos com a perspectiva da psicologia cultural, percebemos a necessidade de estudarmos a história da psicologia no país. Dessa forma, consideramos relevante fazermos uma breve retrospectiva da psicologia no Brasil, os cursos a que estava vinculada, as mudanças curriculares, o perfil dos alunos, a fim de viabilizar uma percepção histórica geral do contexto onde os significados são construídos e que medeiam a construção do psicólogo na atualidade.

O estudo sobre os fenômenos psicológicos aparecem no Brasil desde o período colonial. Estando presente em obras literárias nas diversas áreas do saber, e mais tarde, no século XIX, surge em produções advindas das faculdades de medicina, e instituições como: escolas, hospícios e seminários (ANTUNES, 2007). Porém, naquele tempo havia apenas o estudo sobre o pensamento psicológico e não a psicologia propriamente dita. Sendo assim, podemos perceber que o pensamento psicológico no Brasil foi inserido por outras áreas do conhecimento, em especial, medicina e educação. Por muitos anos os estudos sobre os fenômenos psicológicos permaneceram vinculados a outras áreas do saber. Todavia o que antes era apenas fenômeno psicológico gradativamente foi ganhando autonomia com os estudos que estavam sendo desenvolvidos na Europa, entre eles os estudos de Freud. Esses estudos iniciais sobre o pensamento psicológico contribuíram para a construção da psicologia como ciência.

Os principais assuntos relatados pelos autores do período colonial eram: emoções, sentidos, auto-conhecimento, educação de crianças e jovens, trabalho, adaptação ao ambiente e características do sexo feminino (MASSIMI, 2001 ; ANTUNES, 2007). Sobre estas, as autoras destacam que as índias, após serem aculturadas, haviam de ter um comportamento diferenciado do que elas tinham antes da colonização, pois as características atribuídas pelos colonos às mulheres eram as características da mulher portuguesa. Com isso, podemos perceber que os autores daquela época, através da literatura, impunham novos significados à população indígena que aqui viviam.

Os principais autores do Brasil colonial que escreveram sobre o pensamento psicológico, são: Padre Vieira, Frei Mateus da Encarnação Pinna, Padre Angelo Ribeiro de Sequeira, Azeredo Coutinho, Mathias Aires (ANTUNES, 2007). Alguns desses autores são

brasileiros, outros são portugueses com formação jesuítica. Esses autores cursaram universidades europeias e ao chegarem à colônia exerceram funções de destaque: os que eram jesuítas exerciam funções religiosa e educadora, e os que não eram jesuítas geralmente ocupavam importantes cargos políticos. Os estudos jesuíticos inseriram o pensamento psicológico no período colonial. Os jesuítas também desenvolviam em seus colégios o que posteriormente viria a ser chamado de psicoterapia:

o aporte dos jesuítas à criação de formas, métodos e justificativas para a construção de um tipo de conhecimento da subjetividade e do comportamento humano muito relevante para a definição dos alicerces conceituais que darão origem à Psicologia moderna. Com efeito, o saber psicológico proposto pelos jesuítas não é de natureza puramente filosófica e exclusivamente especulativa, mas proporciona uma abordagem aos fenômenos psíquicos visando ao entendimento e controle em função das exigências da vida individual e social. Nessa perspectiva, práticas, tais como a direção espiritual, e o exame de consciência, construídas e utilizadas sistematicamente pelos jesuítas em seus colégios, podem ser consideradas ferramentas significativas no processo de elaboração daquele tipo de competência que será posteriormente chamada de Psicoterapia (MASSIMI, 2001, p. 626).

Outro tema da época discutido pela autora foi a questão do trabalho, o modo como era visto pelos colonizadores e o modo como os indígenas trabalhavam. Sobre o trabalho foram discutidas questões como: adaptação ao trabalho, importância do trabalho para a criança, pois os colonizadores também queriam escravizar as que aqui viviam, domínio sobre a atividade produtiva e o uso do trabalho como instrumento de controle (ANTUNES, 2007). Os autores que escreveram sobre o tema foram Mello Franco, Alexandre de Gusmão e Mathias Aires. O trabalho no período colonial foi abordado sob a perspectiva moral, social e psicológica. Os pressupostos morais da época condenavam o ócio, a preguiça e o vício, e quem os praticavam estavam propensos ao pecado, cuja cura acontecia através do trabalho, além de ser um instrumento para a “civilização” (ANTUNES, 2007). Através da literatura, compreendemos que os significados atribuídos ao trabalho, vão sendo construídos no país ainda no período colonial.

No final do período colonial Mello Franco escreve sobre a aplicação dos conhecimentos psicológicos à medicina. O autor aborda questões relativas a teorias sobre relação mente-corpo; estudos sobre os nervos e o sistema nervoso; psicopatologia; temperamentos; terapêuticas, teoria sobre o sono e os sonhos (ANTUNES, 2007). Entre as contribuições de Mello Franco destacamos a concepção da sexualidade como determinante da loucura.

Podemos observar que no período colonial são abordados diversos temas sobre os fenômenos psicológicos. Apesar de os mesmos serem controlados pela metrópole, nesse caso Portugal, muitos dos temas abordam como civilizar a população, em outras palavras, como dominar a população colonial. Em contrapartida, os assuntos são desenvolvidos de forma pelos autores da época. Posteriormente, com o desenvolvimento da psicologia esses temas vão sendo retomados e estudados com mais propriedade.

Sabemos que em 1808, o Brasil deixa de ser colônia e passa a ser Império, apesar de ainda permanecer vinculado a Portugal. Nesse período o Brasil passa a ter autonomia mesmo que relativa e sofre profundas transformações na sociedade brasileira, incluindo significativas mudanças no plano cultural, “inserindo-se aí a produção de ideias e práticas psicológicas” (ANTUNES, 2007, p.23). Isto porque tem início a instalação de instituições no Brasil, principalmente hospitais e escolas, e posteriormente, os hospícios.

Há autores que enfatizam o ensino superior no Brasil após 1808. Todavia, há estudos que apontam que o ensino superior no Brasil iniciou em 1553 ainda no período colonial. Apesar de Portugal não permitir instituições universitárias em suas colônias, os jesuítas tinham permissão para lecionarem cursos de ensino superior no Brasil, como os das ciências naturais (também denominado Artes ou Filosofia) e o curso de Teologia (CUNHA, 2000). Portugal naquela época só possuía a Universidade de Coimbra, todavia, concedia um determinado número de bolsas para que os filhos de colonos pudessem lá estudar. Porém, com a chegada da família real ao Brasil surgiram novas necessidades, aumentando as preocupações com a educação da população e a qualificação do trabalhador (ANTUNES, 2007). Houve um grande desenvolvimento do ensino superior no período imperial, por meio da multiplicação das faculdades isoladas de medicina, engenharia, direito, odontologia, arquitetura, economia, serviço social, jornalismo, filosofia, ciências, letras. Estas foram incorporadas às universidades posteriormente (CUNHA, 2000). Dessa forma, os cursos superiores, a partir desse momento, começam ganhar força no país apesar de que, inicialmente, eles se preocupavam somente com a profissionalização.

As áreas que contribuíram para que o desenvolvimento do pensamento psicológico aconteça no Brasil foram a pedagogia e a medicina. Na pedagogia os escritores são teólogos. Professores e médicos e tendem a considerar a psicologia como parte da metafísica, tendo como objeto de estudo a alma, o espírito e o eu (ANTUNES, 2007). Nas primeiras décadas do século XX a autora destaca que os assuntos que aparecem em obras pedagógicas e psicológicas são: a alma, o eu, a consciência, a identidade, a percepção, a emoção, a cognição, a motricidade, dentre outros.

No curso de pedagogia são trabalhadas questões como: educação das faculdades psíquicas, aprendizagem e utilização de recompensas e castigos como instrumentos educativos. A pedagogia, além de considerar as questões citadas anteriormente, também se preocupa com o desenvolvimento psíquico da criança, em especial, a inteligência (ANTUNES, 2007). Essas questões psicológicas que inicialmente foram estudadas e discutidas pela pedagogia no final do século XIX, posteriormente passam a ser estudadas com maior profundidade pela psicologia, não havendo ruptura, mas sim uma continuação dos estudos. A autora coloca em evidência a importância da relação pedagogia e psicologia.

A medicina também contribuiu bastante para os primeiros estudos sobre o pensamento psicológico no Brasil. Alguns estudantes de medicina, no período imperial, escreviam em seus trabalhos de conclusão de curso temas relacionados com os fenômenos psicológicos, entre eles: paixões ou emoções, diagnóstico e tratamento das alucinações mentais, epilepsia, histeria, ninfomania, hipocondria, psicofisiologia, instrução e educação física e moral, higiene escolar, sexualidade e temas de caráter psicossocial (ANTUNES, 2007). A autora aponta também que em 1842, é inaugurado o hospício D. Pedro II no Rio de Janeiro, e seis anos depois o primeiro hospício de São Paulo. Nesse período ocorre uma evolução no campo da psiquiatria no Brasil.

Dessa maneira, observamos na história da psicologia no Brasil que a origem do pensamento psicológico foi abordado por diversas áreas do conhecimento entre elas, pedagogia, medicina, filosofia, e outras. Portanto, a psicologia origina-se em outras ciências e evolui no desenvolvimento de suas teorias como ciência e profissão. Em 1962, a psicologia é institucionalizada, mediante a lei 4.119, que regulamentou a profissão no país (BOCK, 1999). Em seu primeiro momento, temos um perfil do profissional da psicologia focado na clínica. Esse dado ficou constatado através da pesquisa realizada pelo Conselho Nacional de Psicologia em 1988, sobre o perfil do psicólogo brasileiro, que observou que o perfil do profissional naquela época enfocava a aplicação dos conhecimentos apenas em seus pacientes (CAMBAÚVA, SILVA E FERREIRA, 1998).

Todavia, com o passar do tempo houve uma modificação na grade curricular do curso e, conseqüentemente, no perfil dos futuros psicólogos. Na atualidade há no mercado de trabalho uma interdisciplinaridade, onde o psicólogo não mais estuda somente as teorias da psicologia e se prepara para trabalhar isolado em seu consultório. Pescatore (2005) comenta em entrevista para o *Jornal de Psicologia CRP SP*, que a partir de 1992 o Conselho Federal de Psicologia deu início às reflexões sobre as mudanças que precisavam ser feitas nos cursos de psicologia. A partir desse momento passa-se a refletir colocar em prática também a

psicologia multidisciplinar voltada para o social. Em meados de 1997, a grade curricular adquire um novo formato, em que o profissional em formação passa a se especializar para trabalhar em conjunto com outras áreas do conhecimento e interagir com uma equipe multidisciplinar.

Com o constante processo de desenvolvimento a psicologia passa à condição de ciência “independente”, formando profissionais voltados para a clínica. E, com o passar do tempo e com as mudanças econômicas, sociais e históricas, a Psicologia volta-se para as demais áreas do saber. Observamos durante a pesquisa que esses momentos históricos da psicologia permeiam a construção da identidade do psicólogo atual. Os alunos entrevistados compreendem a psicologia como uma diversidade de teorias e áreas, com inúmeras possibilidades de trabalho em diversos setores. Defendemos que essa compreensão dos entrevistados foi construída permeada pelo contexto histórico-cultural vivenciados por eles, e dessa forma, observamos que esses futuros profissionais da psicologia são produtos da história da profissão no país.

Além disso, o estudo da identidade está associado à compreensão do indivíduo e da sociedade, “as possibilidades de diferentes configurações de identidade estão relacionadas com as diferentes configurações de ordem sociais” (CIAMPA, 1999, p. 72). Percebemos assim a importância de estudarmos a construção da identidade profissional vinculada à influência histórico-cultural que a mesma é submetida. Dessa forma, ao fazermos a revisão da literatura sobre a identidade do psicólogo, focamos os artigos brasileiros pelo fato de também acreditarmos que a identidade do psicólogo e de todas as demais profissões são construídas em um ambiente sócio-cultural específico, nesse caso, na realidade brasileira. Não temos com essa pesquisa a pretensão de definir ou traçar a identidade do psicólogo brasileiro, mas poder identificar, através das narrativas dos alunos de graduação, como ocorre a construção da identidade profissional, ainda no curso de graduação, em uma microanálise de suas narrativas.

Entendemos que são inúmeras as concepções sobre identidade. Além disso, existem diversos conceitos de identidade que foram desenvolvidos historicamente e culturalmente. Iremos nos restringir à perspectiva da psicologia interacionista, que compreende a identidade como fenômeno social que sofre mudanças ao longo da vida (CAIXETA, 2006). Porém, o próprio conceito de identidade passou por constantes mudanças. Antes, a identidade era percebida como estática, ou praticamente imutável. Estudos realizados no final do século passado relatam que a identidade, que muitas vezes era atribuída ao indivíduo contemporâneo, estava relacionada com a profissão que era exercida por ele, ou seja, falar sobre “quem é você” na

maioria das vezes induzia a dizer “o que alguém é” e vice-versa (BETTOI E SIMÃO, 2000; JACQUES, 1996;).

Enquanto que o sujeito pós-moderno não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente, onde a identidade torna-se mutável, em que o sujeito passa a assumir diferentes identidades. A perspectiva pós-moderna compreende que o sujeito sociológico se constitui na interação entre o eu e a sociedade. “O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem” (HALL, 2003, p.11). Nessa concepção nós temos o sujeito projetando-se nas identidades culturais, ao mesmo tempo em que internaliza os significados e valores culturais tornando-o como parte do próprio ser.

A construção histórica da cultura do profissional psicólogo teve como um dos marcos a psicanálise. O profissional da psicologia passa a ser construído no contexto social brasileiro na década de 60, em meio às ideias psicanalíticas, após mudanças políticas e desenvolvimento econômico no país. Nesse contexto histórico, a psicanálise torna-se evidente no país, aparecendo para suprir a uma necessidade de orientação das pessoas que passavam pela modernização acelerada (DIMENSTEIN, 2000). Uma das consequências da psicanálise foi produzir “uma concepção de subjetividade individualizada e individualizante, particular, singular a cada sujeito, mediada exclusivamente pela história pessoal de cada indivíduo” (p. 99). A psicanálise e sua concepção individualista despertaram interesse na classe média brasileira, que produziram a construção que definiria a identidade e a cultura dos profissionais de psicologia do país:

a difusão destes ideais analíticos terminou por oferecer referenciais estéticos, modelos identificatórios, ou seja, produziu uma representação ideal de sujeito- o sujeito psicológico - e de práticas baseadas neste modo particular de subjetividade, que no caso dos psicólogos, tornaram-se hegemônicas e definidoras de sua identidade e cultura profissionais (DIMENSTEIN, 2000, p. 99).

Como abordamos anteriormente, no início o profissional tinha um perfil voltado para a área clínica (CAMBAÚVA, SILVA E FERREIRA, 1998), que também foi construído permeado pela psicanálise. No início dos anos 90, as mudanças históricas e sociais influenciaram na construção da identidade do psicólogo brasileiro, voltando-o para o social (PESCATORE, 2005; BOCK, 1999). Naquela época o Brasil era considerado um país com péssimas condições de vida para a maioria da população que não tinha acesso aos serviços básicos de saúde e educação. Essa situação instigou os profissionais da psicologia a se questionarem se eles realmente estavam contribuindo para o bem-estar da população (BOCK,

1999), apesar de ser difícil para o profissional que trabalha em centros urbanos sair ou até mesmo largar os seus consultórios para trabalhar na comunidade. Todavia, os psicólogos perceberam as limitações da profissão na sua ação no campo social.

Podemos observar que o ser psicólogo brasileiro é construído permeado por essas mudanças históricas e sociais que foram abordadas ao longo desse primeiro capítulo. Uma característica da cultura profissional que foi construída historicamente é a individualização do psicólogo que foi produzida pela psicanálise. Durante 30 anos o profissional se construiu ao longo da sua formação para trabalhar sozinho em seu consultório, e somente a partir de 1999, os cursos de psicologia tentam inserir em seus currículos a ideia de trabalhar com a multidisciplinaridade e as questões sociais. Além disso, um dos significados construídos ainda no início da profissão é o da auto-reflexão que:

revela a adesão do psicólogo às ideias e valores individualistas, de forma que o seu saber e sua prática são voltados para a intimidade e privacidade dos indivíduos, além de caracterizar um dos aspectos mais importantes da sua cultura profissional: o fato da profissão ser colada ao modo de ser do sujeito, à sua compreensão de si, mais do que em qualquer outra (DIMENSTEIN, 2000, p.105).

Esse significado foi construído permeado pela psicanálise e pelo surgimento da profissão no país, mas, com o passar do tempo, novos significados vão sendo construídos, entre eles: a compreensão do contexto em que o psicólogo irá atuar, pois na atualidade a atuação do profissional não se resume apenas a seu consultório, mas se a estende a toda comunidade:

O psicólogo pode e deve, hoje, pensar sua intervenção de maneira mais ampla, no sentido da promoção da saúde da comunidade- e isto significa compreender o sujeito como alguém que, ampliando seu conhecimento e sua compreensão sobre a realidade que o cerca, se torna capaz de intervir, transformar, atuar, modificar a realidade (BOCK, 1999, p. 327).

A partir da compreensão da atuação, o profissional irá intervir modificando a realidade da comunidade, utilizando-se das práticas educativas na prevenção de doenças, promovendo saúde, atendimento psicológico nas unidades básicas de saúde, creches e escolas públicas e privadas, empresas, etc. E, ao modificar a comunidade, também se modifica, se constrói como profissional tornando-se psicólogo no momento da sua atuação. Assim, defendemos que ao estagiar em comunidades, instituições e na clínica, o aluno passa a fazer reflexões sobre como é o trabalho do psicólogo, sua função, criando projetos de intervenção, e

aplicando a teoria à prática. A atuação como profissional, a história acadêmica, a interação com colegas, professores, a participação em grupos de estudo, a leitura das teorias, os familiares, a participação em congressos, todos esses aspectos passam a compor o processo de construção da identidade profissional do estudante.

2. PRESSUPOSTOS TEORICOS DA PSICOLOGIA CULTURAL

2.1. Teoria da atividade e trabalho

Ao propormos estudar a dinâmica da construção dos significados do psicólogo, verificamos a necessidade de compreensão do conceito de trabalho, pelo fato de acreditarmos que o ser psicólogo é construído no momento em que o aluno está trabalhando como tal, tornando-se profissional através da atividade mediada. Abordando o conceito de trabalho na perspectiva de Leontiev (2004) entendemos o trabalho humano como “uma atividade originalmente social, assente na cooperação entre indivíduos que supõe uma divisão técnica, embrionária que seja das funções do trabalho; assim o trabalho é uma ação sobre a natureza, ligando entre si os participantes, mediatizando a sua comunicação” (LEONTIEV, 2004, p. 81). Nessa perspectiva podemos perceber a relação dialética entre o indivíduo e a natureza. Ao agir sobre a natureza, através do trabalho, o indivíduo a modifica como também modifica a si próprio. Outro ponto abordado pelo autor é que a humanização ocorre mediada pelo trabalho, além disso, ele também proporcionou a consciência humana, onde o indivíduo passa a ser racional, humano, social e histórico, ao passo que produz cultura.

Para trabalhar o indivíduo necessita do uso e do fabrico dos instrumentos (LEONTIEV, 2004). Os alunos a todo o momento necessitam de instrumentos mediadores para construírem a profissão, e citaram como tais: os professores, os livros, as linhas teóricas, testes psicológicos, materiais lúdicos, os pacientes, a comunidade, as instituições. Assim, defendemos que o ser psicólogo é construído através de instrumentos mediadores que são significados a partir das interações sociais, no contexto em que a atividade do trabalho é desenvolvida, ocorrendo a produção da consciência profissional.

Leontiev (2004), em seu texto sobre a consciência cita a atividade, e ao mencioná-la, ele também faz referência à palavra trabalho. Dessa forma temos um território em que atividade é trabalho. A fim de tentarmos esclarecer a questão da atividade e do trabalho em Leontiev, entendemos que o trabalho é necessariamente uma atividade, porém nem toda atividade humana é considerada trabalho. Assim, ao nos referirmos à palavra trabalho, podemos utilizar a denominação de atividade de trabalhar. Porém, o trabalho está relacionado a um produto, enquanto que a palavra atividade não.

Há também a atividade social, que é geradora de cultura, sendo dessa forma uma prática importante para os fenômenos psicológicos, pois a cultura é mais do que conceitos compartilhados sobre o significado das coisas. Cultura são também as atividades sociais

desempenhadas pelos indivíduos, seja a maneira como criam os filhos, educam a população, produzem bens e serviços (RATNER, 1997). Esses aspectos da cultura, gerados pela atividade interferem no psicológico dos indivíduos que a desempenham. Assim, a atividade é considerada uma categoria central para a compreensão do indivíduo, contudo, o trabalho é apenas uma categoria da atividade (LEONTIEV, 2004). Defendemos que através da atividade desempenhada pelos alunos de narrarem sobre as suas histórias acadêmicas, possamos compreender a dinâmica da construção do ser psicólogo, permeado pela cultura produzida nas e pelas atividades sociais.

Defendemos que o trabalho proporcionou o desenvolvimento social, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem, o convívio em sociedade, a troca de conhecimentos, surgimento da consciência e da cultura (LEONTIEV, 2004). O trabalho não somente gerou o convívio em sociedade como também proporcionou melhores condições de sobrevivência da mesma. Com o tempo, o trabalho foi se tornando cada vez mais específico e com as especificidades surgiram as profissões. Na atualidade, a sociedade tem o trabalho como o meio propulsor da sobrevivência, gerador de conhecimento profissional e retorno financeiro, que é bastante visado nesse tipo de sociedade, que a cada dia torna-se mais competitiva. Podemos pensar em relação ao capitalismo e a teoria da atividade que:

Leontiev mostra então que na sociedade capitalista opera-se uma ruptura alienada e alienante entre o significado da ação do operário e o sentido que essa ação tem para ele, ou seja, uma ruptura entre o conteúdo da ação do operário e o motivo pelo qual o operário age. [...] para o trabalhador a sua própria atividade é dada pelo salário que recebe, isto é, pelo valor de troca de sua força de trabalho. Daí ser possível que esse sentido adquira total independência em relação ao conteúdo da atividade de trabalho. (DUARTE, 2002, p. 288).

Na atualidade, o capitalismo e a alta competitividade, a nosso ver, podem gerar essa ruptura de sentido no trabalhador antes mesmo dele atuar como profissionais no mercado de trabalho. Ainda que na condição de estudante, no processo de profissionalização, o indivíduo passa a se preocupar previamente com o mercado de trabalho e com quanto ele irá receber, qual a área da psicologia cujo retorno financeiro é melhor, em vez de pensar como e o que ele poderá estar produzindo. Dessa forma:

O trabalho é mágico porque é duplo, carrega em si a maldição da mercadoria, a fantasmagoria do dinheiro: de um lado aparece como valor de uso, realizador de produtos capazes de atender necessidades humanas; de outro, como valor de troca, pago por salário, criador de mercadoria, e ele

mesmo é uma mercadoria no mercado (CODO, SAMPAIO & HITOMI, 1993, p. 97).

Os autores acima apresentam o trabalho de duas maneiras: o trabalho abstrato, em que, ao ser desempenhado gera um valor de troca. No sistema capitalista o trabalho atribui um valor, seja pelos conhecimentos previamente adquiridos antes de executá-lo, ou o tempo que se gasta para finalizá-lo. Essas e outras condições que o trabalho impõe gera um capital para o trabalhador. Dessa forma o trabalhador, no sistema capitalista, muda o significado do trabalho, passando a focar no salário que irá receber pelo mesmo e acaba entrando no processo de alienação. Ou seja, não se identifica com a sua produção, mas sim com o dinheiro gerado por esta produção.

O mundo capitalista exige cada vez mais que o indivíduo se qualifique profissionalmente. As profissões estão cada vez mais especializadas, principalmente na área da saúde, fazendo com que os profissionais trabalhem em equipe multidisciplinar. Na psicologia, por exemplo, o processo de formação do profissional, além da construção do conhecimento da psicologia, passa a estudar também a psicologia integrada com outras áreas e a pensar sobre os possíveis campos de atuação, que surgiram mediante às necessidades do contexto social o qual está inserido.

2.2. Mediação e linguagem

A relação humana com o meio, de uma forma geral, (seja com a natureza, com outros seres humanos ou com o ambiente), na maioria das vezes não ocorre de maneira direta, mas acontece através da mediação (VIGOTSKI, 1989). Além disso, as ações humanas, incluindo os processos mentais, só podem ser compreendidos mediados por instrumentos e signos. Dessa maneira, a mediação ocorre de diversas formas, seja por meio de instrumentos, pelos signos ou por outra pessoa. Nessa pesquisa, utilizamos como um dos nossos instrumentos para a compreensão da construção dos significados do ser psicólogo, as entrevistas narrativas e as fotografias. Nessa perspectiva o ser humano é entendido como um ser inacabado que necessita do outro para se desenvolver (PINO, 2005; VIGOTSKI, 2001). Ao nascer o indivíduo nasce um ser pura natureza, e após ter contato com os outros humanos, o biológico passa a ser orientado pela cultura passando a ser um ser cultural. Ao compreendermos que só nos tornamos humanos através do outro nas interações sociais (PINO, 2005; VIGOTSKI, 2001; BAKTHIN, 1995), defendemos que o ser psicólogo também é construído nas e pelas interações sociais. Todavia, é comum pensarmos que o individual é oposto ao social, porém,

nessa perspectiva dialógica compreendemos que o social é oposto ao natural (BAKTHIN, 1995). O ser natural refere-se às funções biológicas do ser humano, mas quando mencionamos o social, defendemos a construção deste tanto coletivamente, como também individualmente, pois cada indivíduo compõe o coletivo. “Assim, todo signo, inclusive o da individualidade, é social” (BAKTHIN, 1995, p. 59). Além disso, a pessoa não pode ser vista de maneira isolada estando imersa em um determinado contexto permeado pelas interações, ou seja, não há nada estritamente individual, pois o individual antes de ser construído circulou pelo social.

Ao estudarmos as funções mentais superiores, por exemplo, o pensamento e a linguagem, na perspectiva vigotskiana, compreendemos os instrumentos e os signos como mediadores da ação do indivíduo com o ambiente, que modificam a natureza e que também modificam o indivíduo. Dessa maneira, o ser psicólogo se constrói através da mediação semiótica, onde os livros, as disciplinas, os professores, os colegas, os familiares, a comunidade, os testes psicológicos, entre outros, são os instrumentos utilizados pelos alunos na construção dos significados da profissão. Esses significados construídos são expressos pelos alunos através da linguagem. Ao interagir com os instrumentos e signos, o aluno internaliza e a constrói os significados que irão regular a sua atividade profissional, ao passo que ao atuar como psicólogo o profissional também estará se modificando.

Defendemos ainda que os signos só ocorrem em um terreno interindividual, onde os indivíduos estejam organizados em grupos permeados por uma ideologia (BAKTHIN, 1995). Assim, acreditamos que os significados que são construídos durante o curso de psicologia, são mediados pela cultura ideológica da profissão. Ao estudarmos as narrativas das histórias acadêmicas de dois alunos do curso de psicologia, defendemos que eles não são indivíduos isolados, mas continuam imersos no meio social e cultural aos quais fazem parte e apresentam em suas narrativas os signos que foram construídos a partir da ideologia do grupo o qual participam.

As falas dos dois estudantes participantes foram enunciadas através das narrativas, sendo assim, acreditamos que a fala é importante no processo de organização do comportamento humano e no controle do ambiente (BAKTHIN, 1995), pois nós humanos antes de controlarmos nosso próprio comportamento, começamos a controlar o ambiente com a ajuda da fala (VIGOTSKI, 1989). Ou seja, percebemos que “a palavra não é somente um instrumento de reflexo da realidade, é o meio de regulação da conduta” (LURIA, 1987, p. 96). Inicialmente nós utilizamos a fala para controlar o ambiente, controlar nosso comportamento, possibilitando também organizar os nossos pensamentos e as funções superiores. Dessa forma, “a atividade mental não é visível nem pode ser percebida diretamente, mas, em

compensação, é compreensível” (BAKTHIN, 1995, p. 61). Ao narrar a pessoa coloca em evidência o seu psiquismo, externaliza as suas sensações, percepções e intenções ao mesmo tempo em que a fala ajuda os entrevistados a organizarem suas novas experiências, a evocarem a memória, significarem os fatos, ações e objetos. A fala também contribui na construção dos significados do ser psicólogo para os participantes, pois pode expressar os significados construídos pelos alunos entrevistados. Assim, defendemos que os significados enunciados pelos alunos foram produzidos primeiramente por uma dinâmica interpessoal, ou seja, os significados são construídos socialmente pelo grupo que faz parte do curso de psicologia, depois os significados são internalizados por cada aluno em uma dinâmica intrapessoal, onde cada um irá construir novos significados para os que foram, anteriormente, construídos socialmente (VIGOTSKI, 1989). A construção dos significados ocorre através do processo de internalização, “Chamamos de internalização a reconstrução interna de uma operação externa” (VIGOTSKI, 1989, p. 74).

A fala possibilita que a enunciação aconteça. A enunciação é a palavra dita numa sequência de ritmo, de significado, expressando uma ideia, concretização da ideia (BAKTHIN, 2006; 1995). Ao defendermos a relação dialógica entre a atividade mental do indivíduo, o outro e o contexto social, contribuindo na construção da enunciação da pessoa, podemos perceber que essa enunciação possui várias vozes. A narrativa ao ser enunciada possui tanto a voz de quem está enunciando, como também a voz do outro. Dessa maneira, entendemos que a narrativa é construída tanto pelo indivíduo como também coletivamente, ou seja, o discurso dos alunos entrevistados é construído também pelas vozes dos familiares, vozes dos professores, vozes dos colegas, amigos, conhecidos. Logo ele é construído por uma multiplicidade de vozes. Além disso, há a questão da multivocalização dos significados, onde não existe fala individual, uma vez que a fala é constituída por diversas vozes sendo uma construção social (BAKTHIN, 2006; 1995; WERTSCH, 1990). O enfoque dialógico associado à polifonia reforça a importância do outro na nossa constituição como pessoa (BEZERRA, 2007; BAKTHIN, 2006). A forma como o outro nos percebe, a forma como o outro nos ouve, interfere na formação do “eu”, o “eu” existe por causa do outro, nós precisamos da voz, do encontro e da troca de conhecimentos com o outro. O “outro” no conceito de polifonia é identificado pelas vozes. Sendo assim, cada “voz” é composta por várias “vozes”. Onde temos “a palavra como território comum do locutor e do interlocutor” (BAKTHIN, 1995, p. 113) território esse onde os encontros acontecem, favorecendo o dialogismo e aos diversos posicionamentos.

O dialogismo nos faz perceber que nossa enunciação é construída mediada pelas diversas enunciações a que tivemos acesso. Apesar da enunciação ser considerada como sendo a objetivação externa da atividade mental, ela é social (BAKTHIN, 2006, 1995). Acontece no momento em que nos encontramos com o outro, mediados pela interação verbal. “Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre os indivíduos” (BAKTHIN, 1995, p.41). O modo como as interações sociais acontecem influenciam no modo como os signos serão atribuídos, o local em que estamos, quem está nos ouvindo, ou seja, para quem estamos organizando a nossa fala. Só podemos compreender as enunciações, analisando o contexto das interações verbais, e os signos contidos nos discursos, são passíveis de movimentação, participam das dinâmicas polifônicas (BAKTHIN, 1995). O sentido da palavra é determinado por também pelo contexto. Valsiner (1999) nos apresenta duas perspectivas de compreensão sobre o contexto. A primeira seria que o contexto existe independente do sujeito e o sujeito existe independente do contexto; a segunda perspectiva citada pelo autor é de que o contexto só existe no encontro com o sujeito e o sujeito só existe também nesse contexto. Aqui partiremos da segunda perspectiva onde tanto o sujeito é constituído pelo contexto como também o constitui. Dessa maneira, os contextos:

definem e são definidos pelo número e características das pessoas que o frequentam, sendo ainda marcados pela articulação da história geral e local, entrelaçadas com os objetivos atuais, com o sistema de valores, as concepções e as crenças prevalentes (ROSSETTI, et. al., 2004, p. 26).

Ao estudarmos os significados da construção do ser psicólogo, mediados pelas narrativas de dois estudantes de uma universidade de ensino superior do município de Aracaju, também devemos levar em consideração os contextos que permeiam esses estudantes, as pessoas que circulam nesses contextos, o sistema de valores e as crenças prevalentes que regulam o contexto em que esses estudantes estão inseridos.

Outro ponto relevante para a compreensão do fenômeno proposto é a relação pensamento e palavra. A dialética é a dinâmica que rege a relação pensamento e palavra, “a relação entre o pensamento e a palavra é, antes de tudo, não uma coisa, mas um processo, é um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento (VIGOTSKI, 2009, p. 409). O pensamento e a linguagem são processos cognitivos que são independentes e autônomos entre si. Eles mantêm uma relação limítrofe, pois, tanto a linguagem possui aspectos do pensamento como o pensamento também possui elementos da linguagem (VIGOTSKI, 2009). Além disso, o pensamento verbal pode ocorrer sem que o mesmo seja externalizado através da palavra, gestos ou qualquer tipo de comunicação, que seria no caso o

discurso interior. O discurso interior possui características semelhantes à enunciação, porém no discurso interior não há comunicação com o outro (BAKHTIN, 1995). Além disso, a palavra contém o pensamento e o organiza, mas a palavra não é o pensamento explícito (VIGOTSKI, 2009). “Ao transforma-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica. O pensamento não é expresso, mas se realiza na palavra” (VIGOTSKI, 2009, p. 412). Através das narrativas dos entrevistados não acessamos o pensamento dos participantes na íntegra, mas conseguimos identificar aspectos desse pensamento. Podemos observar como os entrevistados atribuem significados às experiências, e pela fala podemos perceber também mudanças na forma de pensar. As contradições no discurso existem e fazem parte da construção do ser.

2.3. A Cultura na Psicologia Cultural

Entendemos a cultura como processo não somente social como também mental (VALSINER, 2006; RATNER, 2002; BRUNER, 1997; VIGOTSKY, 1989). Pelo fato das funções psíquicas superiores serem orientadas pelo social, consequentemente pelo cultural, não exclui a participação do indivíduo. Eles constituem o mesmo lado da moeda, o que é social circula e faz parte do indivíduo e vice-versa. Defendemos a ideia de que para um determinado evento tornar-se cultural além do fato de que ele deve ser comum a diversos indivíduos, o mais relevante é o fato de que esses eventos sejam baseados nas atividades práticas (RATNER, 2002), ou seja, que eles sejam organizados por cada indivíduo e que cada um possa expressá-los socialmente. Através da psicologia cultural interpretamos a forma como os alunos constroem os significados do ser psicólogo, não somente através do que eles falam, mas também na forma como eles se comportam e interagem com o meio, pois é na interação que os significados são construídos.

A narrativa é um importante mediador na compreensão do processo de construção dos significados (BRUNER, 1997; 1991), pois possui elementos fundamentais para a compreensão dos processos mentais, entre eles estão: a temporalidade, que não é medida por relógio, mas sim é regida pelos eventos e ações humanas, a sequência e a relevância como são relatados os fatos (BRUNER, 1997; 1991). Além disso, a narrativa nos possibilita avançar e voltar no tempo, podendo alterar os significados. As ações são movidas por crenças, desejos, valores e estados motivacionais. Outra característica da narrativa é que o indivíduo é o autor, porém ele não constrói sua história sozinho, já que a sua mente está em constante diálogo com outras mentes e com ela mesma.

Bakthin (2006), em sua obra *Estética da criação verbal*, cita a relação entre o autor e o herói, analisando obras de diversos autores, entre eles: Dostoiévski, Púchkin, Gógol e Gontcharov, entre outros.

Quando estava criando, o autor vivenciou apenas a sua personagem e lhe introduziu na imagem toda a sua atitude essencialmente criadora em face dele; já quando em sua confissão de autor, como Gógol e Gontcharov, começa a falar de suas personagens, externa sua verdadeira posição em face delas, já criadas e definidas, enuncia a impressão que agora elas produzem sobre ele como imagens artísticas e a posição que ele sustenta em relação a elas enquanto pessoas vivas e definidas do ponto de vista social, moral, etc; elas já se tornam independentes dele, e ele mesmo, seu criador ativo, também se tornou independente de si mesmo – é a pessoa, o crítico, o psicólogo ou o moralista (BAKTHIN, 2006, p. 06 e 07).

O autor ao escrever uma obra, cria personagens, porém, esse autor não tem total autonomia sobre seus personagens (BAKTHIN, 2006). Um exemplo disso é o “herói” da história que, por mais que esse personagem esteja sendo construído pelo autor, ele tem autonomia, pois, o personagem é construído com base nas relações sociais e na cultura a qual o autor está inserido e possui um papel social a ser desenvolvido. A partir do momento que o autor torna pública sua obra, são os leitores que ao dialogarem com o “herói” irão atribuir significados a ele, pois o autor já não tem mais poder sobre o personagem. Partindo da literatura, podemos compreender também o sujeito autor como sendo um ser autônomo que constrói suas histórias, que são diretamente influenciadas pela cultura (BRUNER, 2001). Podemos observar nas entrevistas que os fatos que são construídos culturalmente são enunciados nas narrativas (BRUNER, 2001). Todavia o que irá prevalecer nas narrativas é o significado que os alunos tecem nela, incluindo desejos e crenças, pois esses significados serão a concepção que os alunos fazem da sua história acadêmica. O narrador, nesse caso os alunos, também aparentemente tentam dar uma sequência às suas histórias, porém a narrativa muitas vezes permite a não linearidade, já que ela sempre está percorrendo o passado, e as inspirações futuras, apesar de estar no presente. Essa dinâmica ocorre através dos posicionamentos do *self* ou posicionamentos-eu, pois o *self* é a multiplicidade dinâmica relativamente autônoma de posicionamentos-eu (HERMANS, 2001). Essa dinâmica permite que o eu mova-se de uma posição espacial para a outra de acordo com as mudanças situacionais e temporais, e essa posição espacial é contextualizada pelos posicionamentos. O eu flutua em diferentes e até mesmo posições opostas, possuindo capacidade imaginativa de dar voz a cada um dos posicionamentos que podem ocorrer durante as relações dialógicas estabelecidas. Nas narrativas podemos identificar os marcadores espaço-temporais na linguagem dos estudantes de psicologia de acordo com o posicionamento que os alunos

assumem durante as entrevistas, por exemplo, ao falarem sobre a infância, o momento em que ingressaram no curso, ou ao narrarem como se imaginam depois de formados.

Outro ponto importante é a negociação dos significados. A todo o momento estamos negociando o significado, seja quando estamos interagindo com o outro, ou quando estamos sozinhos (BRUNER, 1997). Isso ocorre pelo fato de que a cultura precisa ser interpretada por quem participa dela. Durante as interações sociais, podem ocorrer conflitos entre os interlocutores, e os conflitos podem surgir a partir de divergências culturais entre os interlocutores, ou quando os mesmos atribuem diferentes significados para a mesma situação. Ao ocorrer esse embate, os interlocutores naturalmente passam a negociar como irão lidar com essas diferenças, chegando a um acordo (MATUSOV, SMITH, CANDELA & LILU, 2007). Quando há negociação, cria-se através do diálogo um terceiro espaço, gerando uma nova interação entre os interlocutores (MATUSOV, SMITH, CANDELA & LILU, 2007; BHABHA, 1997). A cultura é, ao mesmo tempo, um processo que está em constante recriação, através das interpretações e negociações dos indivíduos envolvidos no processo (BRUNER, 1997). Dessa forma, a linguagem não tem a função apenas de comunicar, mas também de criar realidades e consciência, fornecendo novos meios à cognição para investigar e explicar o mundo.

Além disso, através das narrativas ocorrem as mediações culturais (CUNHA, 1997; BRUNER, 2001, 1990), e dessa forma entendemos as narrativas também como processo cultural. Na perspectiva da antropologia compreendemos a cultura como um mecanismo de controle para governar o comportamento, no qual “o indivíduo é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar o seu comportamento” (GEERTZ, 2008, p. 33). Dessa maneira percebemos que há uma relação dialética entre o indivíduo e a cultura, em que tanto o indivíduo produz cultura como também a cultura o constitui.

A cultura também pode ser entendida como mediação semiótica que produz um sistema das funções psicológicas ordenadas (VALSINER, 2006). Essas funções podem se organizar intra-pessoalmente, relacionando-se com a forma de experimentar o mundo, sentir, memorizar, planejar, etc. Por ser uma regulação semiótica dos sentimentos, essa função envolve diálogos internos. A mediação semiótica cultural também pode ter lugar na esfera inter-pessoal, onde diferentes pessoas estão envolvidas na conversa, lutando, persuadindo uns aos outros, evitando uns aos outros, havendo uma troca de informações. Assim, podemos perceber que a cultura no campo da mediação semiótica tanto produz cultura na esfera intra-

pessoal como inter-pessoal, pois através da relação dialógica ela é construída e repassada entre os indivíduos.

Além disso, a questão cultural também pode interferir na atribuição e na construção dos significados durante a entrevista, sendo considerada uma das desvantagens da dificuldade de compreensão da linguagem dos entrevistados pelo entrevistador (GASKELL, 2008; FLICK, 2009). Sendo assim, é necessário que o pesquisador se prepare para a entrevista, se familiarize com o campo e com o objeto de estudo, havendo também a necessidade de investigação preliminar de documentos e pesquisas, elaboração de questões que reflitam os interesses e a linguagem da pesquisa. Durante as entrevistas, ao interagir com os participantes, o pesquisador regula os posicionamentos dos entrevistados e também atua como mediador dos significados construídos durante a pesquisa.

Neste capítulo abordamos diversos pontos teóricos que são importantes para que esse estudo seja desenvolvido. Porém, um ponto relevante a ser aprofundado em nosso estudo é a linguagem, pelo fato de estamos trabalhando com as narrativas das histórias acadêmicas dos estudantes de psicologia também como forma de desenvolvimento humano. Nos capítulos seguintes estaremos avançando na discussão sobre narrativas, construção de *selves*, memória coletiva e imagens fotográficas.

3. NARRATIVAS, CULTURA E SIGNIFICADOS

O termo *narrare*, originado do latim, significa relatar, contar histórias (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2008). Em 1977 surgiu a sistematização da técnica do uso das entrevistas narrativas em pesquisas, mesmo o manuscrito não sendo publicado, ele foi difundido mesmo não sendo considerado literatura oficial e “se tornou foco de um verdadeiro método de pesquisa em comunidade na Alemanha durante a década de 80” (JOVCHELOVITCH & BAUER, 2008, p. 94). As entrevistas narrativas são classificadas como um método de pesquisa qualitativa (FLICK 2009; JOVCHELOVITCH E BAUER, 2008). Dessa forma, a partir das entrevistas narrativas construímos os dados da pesquisa qualitativa. Além disso, sabemos que os dados construídos durante as entrevistas narrativas são bem mais complexos, em termos de informações, do que a entrevista semi-estruturada. Na entrevista semi-estruturada o pesquisador irá direcionar as perguntas, fazendo com que as respostas se limitem apenas a responder as questões, enquanto que a entrevista narrativa é o entrevistado que irá conduzir a entrevista narrando as suas vivências acadêmicas com poucas intervenções do pesquisador. Assim, as narrativas nos permitirão identificar como ocorre a dinâmica da construção e a negociação dos significados do ser psicólogo.

O estudo das narrativas não é algo fácil, pois é difícil delimitá-la (BROCKMEIER E HARRÉ, 2003). A narrativa é classificada como um tipo de discurso, porém as narrativas existem em diferentes formas e contextos, entre eles existem as narrativas dos “contos populares, análises evolutivas, fábulas, mitos, contos de fada, justificativas de ação, memoriais, conselhos, desculpas e assim por diante” (BROCKMEIER E HARRÉ, 2003, p. 526). Apesar de serem variadas às formas em que a narrativa é construída os autores a consideram como sendo

um tipo específico de discurso. Segundo esse conceito, nós estabelecemos vários subtipos de narrativa, alguns dos quais se encontram, normalmente, de acordo com a categoria mais comum de gênero discursivo (*genre*). Entretanto, existem também discursos que incluem simultaneamente diversas subcategorias ou gêneros diferentes (BROCKMEIER E HARRE, 2003, p. 527).

Assim, as narrativas são compreendidas com base nos estudos de Bruner (1997) como sendo uma apresentação (uma forma de expressão) de estruturas linguísticas e psicológicas que são mediadas pela cultura e que é limitada pelo número de contextos que o indivíduo tem acesso. Além disso, a narrativa é compreendida também como sendo uma construção da realidade (BRUNER, 2001b). Ao falarmos sobre nós mesmos, estamos propondo uma visão do *Self*, o

self é composto por nossos atos, nossas reflexões, nossos pensamentos e o lugar que nos colocamos no mundo (BRUNER, 2001a). Através do estudo das narrativas podemos compreender como ocorrem as construções sobre as memórias, intenções, histórias de vida e os ideais do *self*, ou nossas identidades pessoais (BROCKMEIER E HARRÉ, 2003).

Além disso, nas narrativas, é comum os narradores-protagonistas representarem bem próximo da realidade em que os fatos aconteceram, dando detalhes para quem não conhece bem o contexto compreender (BRUNER, 2001a; 2001b; 1997). Todavia, as contradições aparecem durante as narrativas, essas contradições não são utilizadas como proposições testáveis como acontece no senso comum, mas são vistas como componentes das narrativas. A narrativa aponta verossimilhança, o que é narrado não é obrigatoriamente o que realmente aconteceu, visto que as narrativas são construídas pela memória do narrador, as memórias algumas vezes não são precisas, o imaginário do narrador também as compõe. Como já fora citado no capítulo anterior, algumas características das narrativas, entre elas está a diacronicidade da narrativa,

a sequência das suas frases, mais do que a verdade ou a falsidade de qualquer uma delas, é o que determina a sua configuração geral ou enredo. Esta sequencialidade única é que é indispensável ao significado da história e ao modo de organização mental em cujos termos ela é compreendida (BRUNER, 1997, p. 52).

Ou seja, a diacronicidade refere-se ao fato da narrativa não ser linear, a narrativa segue uma sequência própria e uma temporalidade própria também, utilizando-se dos recursos de *flash-backs* e *flash-fowards*, onde o narrador mesmo estando no tempo presente percorre o passado e o futuro, intercalando em seu discurso o passado, o presente e o futuro. O futuro pode aparecer nas narrativas como expectativas futuras. Dessa maneira, entendemos que a narrativa possui um aspecto anacrônico, onde o tempo da narrativa não é um tempo que pode ser cronometrado, pois ao narrar o indivíduo utiliza seu próprio tempo (RICOEUR, 1994). Defendemos que a narrativa proporciona ao narrador uma mobilidade espaço-temporal, pois a narrativa é construída nas e pelas interações sociais, essas interações possibilitam que ocorra diversos posicionamentos do narrador, na linguagem podemos verificar os marcadores que irão indicar as mudanças espaço-temporais onde o espaço é marcado pelos posicionamentos e a temporalidade é imaginária depende do momento em que o narrador decide falar, por exemplo: os alunos podem falar sobre o momento da infância, de quando estavam na escola.

A importância de narrarmos nossas histórias está no fato de que ao relatar o indivíduo organiza suas ideias, tanto para escrevê-las ou narrá-las, ele reconstrói as suas vivências de maneira reflexiva, essa dinâmica proporciona ao narrador, fazer uma auto-análise que favorece novas compreensões da sua própria prática (CUNHA, 1997). Destacamos também a importância de compreensão da relação dialética entre narrativa e experiência. Pois não é somente a narrativa que é construída mediada pelas experiências, como também as experiências são produzidas a partir das narrativas. Gergen (1994) ao citar sobre o self-narrativo na vida social faz referência sobre a importância das narrações na nossa vida. Segundo o autor através das histórias que nos são contadas desde a infância, essas histórias são usadas como forma de identidade de nós mesmos para os outros e dos outros para nós mesmos. Utilizamos as narrativas para significar o mundo e as nossas experiências. A pessoa organiza suas histórias de vida a fim de unificar as tantas informações que ela obteve ao longo do tempo (RAGGAT, 2006). Dessa maneira, compreendemos nessa pesquisa que o estudante de psicologia constrói suas narrativas utilizando como referências as experiências familiares, as experiências na época da escola, as experiências em relacionamentos afetivos, o ingresso a universidade, as disciplinas cursadas, o convívio com os professores e colegas, a experiência ao atender a comunidade. Todos esses tipos de experiências foram narradas, e ao serem narradas ajudaram os participantes a perceberem quais os significados estão atribuindo a profissão.

Defendemos que as narrativas também possibilitam uma nova construção profissional. Pois “o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1994, p. 201). Partindo dessa afirmação, podemos perceber por meio das teorias interacionistas, que o indivíduo ao narrar suas experiências ou a de outras pessoas, a experiência que está sendo narrada passa a ser alterada. Ou seja, as narrativas se constroem a partir da interação narrador-ouvinte. O ouvinte também passa a interferir na narrativa (orientando a narração) e o contexto também influencia na forma como a história será narrada.

As narrativas são compostas por encadeamento de palavras em discursos. E ao serem significadas pelo narrador e por quem as ouvem proporcionam uma dinamicidade e uma inquietação às narrativas.

É nas palavras e no encadeado das palavras, nas lentas distorções semânticas, na acumulação de sentidos ou nas bruscas rupturas de significado, e mais profundamente ainda na lógica que une tudo isso e lhe dá nexos, cada um de nós se insere em moldes já feitos (BERNADO, 1999, p. 14-15).

Concordamos com o autor quando ele discorre sobre os diversos aspectos que a palavra apresenta, e esses aspectos citados são também encontrados nas narrativas. Os indivíduos estão sempre construindo novos significados, mesmo que esses novos significados rompam com os que já existiam anteriormente e ao criarmos novos significados estamos também nos recriando. Porém, discordamos do autor quando ele cita que cada um de nós se insere em moldes já existentes, as interações não são estáticas, as interações verbais são permeadas por diversas vozes que irão produzir diferentes posicionamentos, ou seja, os posicionamentos só existem no momento das interações (DAVIES & HARRE, 2001), eles não são pré-existentes. Em uma mesma interação podem surgir diferentes posicionamentos e diferentes identidades. Assim, acreditamos que as identidades são construídas através da interação com “o outro”.

O outro se constitui e se define por mim e pelo outro, ao mesmo tempo em que eu me constituo e me defino pelo outro. É nesse interjogo que se dá o processo de construção das identidades pessoais e grupais ao longo de toda a vida da pessoa (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM E SILVA, 2004, p. 25).

Entendemos a construção da identidade como um processo simultâneo e dinâmico onde temos, por exemplo: a identidade do pai constituindo a identidade do filho e vice-versa (CIAMPA, 2002). Defendemos que a construção da identidade do ser psicólogo também se constitui a partir do outro. Pesquisas mostram que o perfil do psicólogo também é construído mediante a vontade de ajudar o outro, essas pesquisas atribuem a vontade de ajudar o outro a preferência pela clínica que é acompanhada por valores altruístas, sendo esta ajuda ao próximo realizada no contexto de uma relação direta, íntima e prolongada (MAGALHÃES; STRALIOTTO; KELLER; GOMES, 2001). Temos mais uma vez os fatores históricos contribuindo na construção do ser psicólogo.

3.1. Narrativa, Tempo e Memória

Ao estudarmos narrativa, percebemos a relação dialética que existe entre narrativas, tempo e memória. A narrativa é constituída pela memória, e a memória também a constitui. Tanto a memória quanto as narrativas são constituídas pelo tempo que as constitui

simultaneamente. Não podemos estudar a narrativa, sem levarmos em consideração o tempo e a memória. Dessa forma destacamos que:

A narrativa é definida muito estritamente pela narratologia recente como conjunto organizado de significantes, cujos significados constituem uma história. Além disso, esse conjunto de significantes - que veicula um conteúdo, a história, que deve se desenrolar no tempo - tem, pelo menos na concepção tradicional, duração própria, uma vez que a narrativa também se desenrola no tempo (AUMONT, 2002, p.244).

Na citação acima podemos perceber que há uma relação dialética unindo as palavras narrativas – significados – história - tempo, proporcionando uma dinamicidade entre elas. Entendemos que ao estudarmos as narrativas estamos estudando também as temporalidades.

A temporalidade é compreendida por diferentes perspectivas, e, na definição de temporalidade, pelos filósofos gregos temos *Áion*, *Chrónos* e *Kairós*. *Áion* designa-se a intensidade de tempo na vida humana, uma duração, uma numeração de movimentos, não sucessivos, mas intensos. *Chrónos* refere-se à continuidade sucessiva de tempo, movimentos de acordo com “o antes e o depois”, o tempo lógico. Enquanto *Kairós* refere-se aos recursos de “medição”, proporção na relação do tempo, “momento crítico”, “temporada”, “oportunidade” (KENNEDY E KOHAN, 2008). Partindo dessa perspectiva entendemos que o tempo das ideias e das narrativas é aionica, é desprovido de cronicidade. Defendemos que os alunos ao narrarem os eventos, não seguem uma sequência linear dos fatos, pois os fatos são narrados conforme vão sendo evocados. Assim, a narrativa é permeada pelas memórias do narrador, e uma das funções da memória durante a narrativa é atribuir importância para os eventos narrados, e na medida em que os eventos vão sendo narrados, que são atribuídos significados para os mesmos (GARCIA, 2005).

Outra perspectiva é que a temporalidade desenvolve três tipos de tempo, sendo um esquema temporal tríptico: tempo longo, tempo vivido e tempo curto (SPINK, 2004). O tempo longo refere-se a tudo o que foi construído historicamente e culturalmente por uma sociedade em uma determinada época, desde textos, imagens, repertórios linguísticos e que são utilizados na atualidade pela ciência, pela religião, tradições populares, enfim, até hoje são passíveis de significação pela atual sociedade (SPINK, 2004). Nessa pesquisa entendemos o tempo longo, como sendo os significados referentes à psicologia que foram construídos historicamente e que na atualidade ainda são utilizados pelos psicólogos e pela sociedade

como significados da psicologia, por exemplo, a psicanálise e o psicólogo clínico, fazem parte da cultura do psicólogo (DIMENSTEIN, 2000).

O tempo vivido é o tempo onde ressignificamos os conteúdos que foram construídos historicamente a partir da socialização com nossos familiares, amigos, escolas e grupos que frequentamos, livros que lemos. É também o “tempo da memória na qual enraizamos nossas narrativas pessoais e identidades” (SPINK, 2004, p. 34). Dessa forma, compreendemos que no tempo vivido podemos expressar os nossos posicionamentos através das vozes que foram sendo construídas socialmente. O tempo curto “é o tempo das interações; o tempo da interanimação dialógica. É nesse tempo que podemos entender a dinâmica da produção de sentidos. O momento da produção de sentido, portanto, é o momento do aqui e agora” (SPINK, 2004, p. 34), além disso, o tempo curto é ativado pelas memórias culturais do tempo longo e pelas memórias pessoais do tempo vivido. Além do tempo longo, vivido e curto, Rossetti- Ferreira, Amorim e Silva (2004) propõem um outro tipo de tempo que é o tempo prospectivo,

orientado para o futuro, integra expectativas individuais e coletivas, proposições e metas. É também estruturado por formações discursivas e ideológicas, assim como por motivações e desejos individuais ou compartilhados, antecipações e planos, os quais delimitam e/ou impulsionam, de vários modos, as ações e as interações presentes (ROSSETTI-FERREIRA, AMORIM & SILVA, 2004, p. 28).

Entendemos que as expectativas futuras e os significados do futuro também são construídos no momento presente das narrativas. Dessa forma, podemos observar que durante as narrativas os tempos Áion, tempo longo, tempo vivido, tempo curto e o tempo prospectivo se comunicam e intercalam-se, mantendo uma relação dialética que, juntos com as memórias sejam elas individuais ou coletivas, constroem as narrativas. Percebemos também que há um dialogismo entre as memórias, o tempo e as narrativas, que possibilita narrar no presente, memórias referentes ao passado e construir perspectivas em relação ao futuro.

3.2. Memória

Defendemos que ao estudarmos as narrativas estamos estudando também a memória, pois ela é fundamental para que a narrativa seja construída, onde “a palavra revela melhor o conhecimento oculto na memória que, contudo é construído por imagens fixas” (LEITE, 1998, p. 11). A temporalidade, como citamos anteriormente, também está associada à

memória. A diacronicidade que paira na memória envolve os tempos, limita-se ao presente e ao passado. Porém, essa memória favorece reflexões sobre possíveis condições futuras, pois é através da experiência que o narrador tem alguma noção do que pode vir a acontecer futuramente. Bosi (2004) enfatiza a narrativa, a oralidade e o tempo em seu estudo sobre as memórias. A autora cita que:

Insisto nos termos narrativa e oralidade. Ambas se desenvolvem no tempo, falam no tempo e do tempo, recuperando na própria voz o fluxo circular que a memória abre do presente para o passado e deste para o presente (BOSI, 2004, p. 45).

No trecho mencionado podemos perceber que a narrativa e a oralidade são construídas pelo tempo, e, mediada por ela, também conseguimos expressar a dinâmica da memória que circula do passado para o presente e vice-versa.

As memórias são individuais e coletivas. Acreditamos que não existe memória individual, sem que antes tenha sido construída coletivamente (HALBWACHS, 1990). Dessa maneira, entendemos que a linha entre a memória individual e a coletiva é tênue. Pois, as lembranças que eu guardo em mim, foram construídas em determinados contextos sociais e históricos, e outras pessoas também compartilham comigo das mesmas lembranças. Porém, o modo como eu significo essas lembranças, pode não ser da mesma forma como o outro as significa, todavia elas foram construídas simultaneamente numa relação dialética. Sendo assim:

[...] a memória individual não é nada mais do que a memória formada pela vivência de uma pessoa em diversos grupos ao mesmo tempo. É a soma não redutível destas várias memórias coletivas que se aloca no ser e representam a sua parcela individual de experiência. Em outras palavras, a constituição da memória é, em cada indivíduo, uma combinação aleatória das memórias dos diferentes grupos nos quais ele sofre influência – e isso explicaria, em grande medida, porque as pessoas guardam memórias diferenciadas (CASADEI, 2010, p. 155).

As narrativas são centrais para a compreensão das memórias coletivas, reforçando-as (WERTSCH, 2007; HALBWACHS, 1990). Nesse estudo pensamos que o dialogismo participa constantemente das narrativas e memórias. É através das narrativas que as memórias deixam de ser apenas individuais e passam a ser coletivas e vice-versa. Durante as entrevistas coletivas com os dois estudantes de psicologia percebemos que as narrativas fazem com que

as memórias deixem de ser apenas individual e passem a ser coletivas. Podemos observar também a complementação de frases quando um inicia e o outro termina: a construção coletiva de conceitos e conhecimentos. Dessa forma, entendemos as narrativas como “eventos que costuram as memórias individuais e grupais numa interessante rede dialógica de conhecimentos” (CAIXETA, 2006, p. 42).

A autora ainda acrescenta a memória como sendo “uma atividade narrativa interpretativa, porque o contexto de evocação e os outros sociais que estão participando desse momento são indicadores do que deve ou não ser dito, o que vai ou não ser lembrado e enunciado” (CAIXETA, 2006, p. 47). Dessa maneira, podemos pontuar que tanto a memória como também o ato de evocar são atividades individuais e sociais. A memória, expressa através da linguagem, nos proporciona a reconstrução das nossas histórias de vida, sempre com observações e percepções diferentes. Todavia, nunca pensamos e agimos da mesma maneira cada vez que evocamos nossas memórias de vida. Sejam elas individuais ou coletivas estamos (re)-construindo-nos e atribuindo novos significados para essas memórias. Alguns autores entendem a lembrança como sobrevivência do passado. Porém, compreendemos nesse estudo que esse passado sobrevive de diversas maneiras e com inúmeros significados. Isto é, a todo momento o passado vai sendo (re)-construído e muitas vezes ele vai sendo modificado. Partimos da ideia que não existe passado “fixo”, pois todas as vezes que o evocamos, ele surge na memória de modo diferente do que aconteceu.

Além disso, acreditamos que as evocações podem ser facilitadas quando são mediadas por fotografias, música (LOIZOS, 2008; SIMSON, 2005). Pois, a memória se enraíza no concerto, no espaço, no gesto, na imagem e no objeto (BOSI, 2004). A história se liga apenas às continuidades temporais, às evoluções e as construções entre as coisas. Acreditamos que há um interacionismo na construção das nossas memórias, em que as recordações não são nossas, mas foram passadas pelo outro por gerações, e nós simplesmente a incorporamos como se fossem nossas. Conceitos e valores comunitários estão tão incorporados que esquecemos quando se formaram e os reproduzimos apropriando-nos do coletivo tornando-o individual (BOSI, 2004). Ou seja, há uma relação semiótica entre as nossas recordações e as recordações das gerações passadas. Com isso, aquelas evocadas na memória vão se encaixando em nossas vidas e a partir delas criamos conceitos, formulamos questões e as enriquecemos com experiências e embates.

Sendo assim, acreditamos que “há uma memória coletiva produzida no interior de uma classe, mas com o poder de difusão, que se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade àquelas classes” (BOSI, 2004, p. 18). Partindo desse pressuposto,

podemos perceber a força da memória coletiva, trabalhada pela ideologia, sobre a memória individual do recordador, sobre o que ocorreu. O indivíduo participou e testemunhou os fatos, pode nos dar uma descrição diferenciada e viva. Ou seja, mesmo que a experiência seja individual há participação do coletivo.

Dessa forma, podemos perceber que memória individual por si só não existe. É necessário o coletivo, o social para compormos nossas memórias. Dessa forma, entendemos a memória coletiva como o que fica no passado, na vivência dos grupos ou aquilo que os grupos fazem do passado, tendo um valor afetivo ou simbólico (SIQUEIRA, 1997; HALBWACHS 1990). As recordações do passado são selecionadas a partir de um conjunto de memórias possíveis pela importância que tem para os indivíduos que a recordam e pelo peso na construção da identidade. As memórias partilhadas tanto de forma oral ou escrita evidenciam o significado que tem para o grupo. Certamente, a memória do grupo põe em relevo sua visão de mundo herdada do passado e reconhecida no presente. A partir daí, surgem interesses, ambições, crenças, valores, ingredientes da mentalidade que apreende a substituição do inconsciente individual pelo coletivo.

3.3. Memória e Fotografia

As imagens fazem ressoar memórias e podem ajudar nas entrevistas narrativas liberando a memória do entrevistado, criando um trabalho de construção partilhada, em que pesquisador e entrevistado podem falar juntos, talvez de uma forma mais descontraída, do que se fosse somente a entrevista, sem as imagens fotográficas. Assim, defendemos que a fotografia pode “evocar memórias de pessoas que uma entrevista não conseguiria, de outro modo, que fossem lembradas espontaneamente” (LOIZOS, 2008, p.143). O uso das imagens fotográficas, na nossa pesquisa, serve como instrumento de mediação da construção das memórias e das narrativas dos participantes.

Dessa forma, entendemos a relação fotografia e memória, como dialética, onde temos a memória dos entrevistados construindo a imagem física e/ou simbólica e vice-versa (LEITE, 2008). O espectador, ao entrar em contato com a fotografia, essa fotografia irá emprestar a memória do espectador um movimento contínuo do pensamento, essa interação faz com que a fotografia possa expressar o seu conteúdo latente e não o explícito. Através dessa perspectiva compreendemos que a fotografia produz significados para a memória, e essa memória, ao ser ativada pela fotografia irá construir novos significados sobre a foto, e através das narrativas podemos observar a expressão do conteúdo latente. Esse conteúdo latente será

expresso pelo processo de “reconhecimento” e de “rememoração”. O processo de reconhecimento está associado ao fato de re-conhecer, apóia-se na memória ou em uma reserva de formas de objetos e arranjos espaciais memorizados (AUMONT, 2003). Ou seja, durante o processo de “reconhecimento” ocorre uma comparação incessante do espectador entre o que ele está vendo e o que ele já viu. Enquanto que o processo de “rememoração” apresenta-se como uma tentativa de aproximação da imagem vista com o real, e, geralmente, essa aproximação é feita através de esquemas (AUMONT, 2003).

Dessa maneira, podemos perceber que o ato de visualizar uma imagem está diretamente ligado à memória. A tentativa de aproximar a imagem visualizada com o “real” acontece o tempo todo. Sempre o espectador busca em seus saberes e suas crenças, significados para as imagens que estão sendo visualizadas. Sendo assim, vemos a imagem fotográfica como um mediador importante no processo evocação de memória nas entrevistas narrativas. Logo, as narrativas mediadas pelas fotografias nos proporcionam analisar tanto aspectos presentes, quanto ausentes nas imagens fotográficas.

Nesse estudo trabalhamos com o dialogismo no qual o espectador é compreendido “[...] como parceiro ativo da imagem, emocional e cognitivamente (e também como organismo psíquico sobre o qual age a imagem por sua vez)” (AUMONT, 2002, p. 81). Portanto, percebemos a imagem como um mediador importante para a nossa pesquisa, pois, a imagem fotográfica auxiliará no processo de evocação de memórias dos entrevistados, ajudando-os a reconstruir o passado. Esse passado será evocado com significados do momento presente em que são narrados; essas fotografias em conjunto com as narrativas possibilitam também que os entrevistados se reconstruam no presente, mesmo que as elas contenham registros de momentos ou situações passadas. Essas mesmas fotografias viabilizam ainda que o entrevistado projete expectativas futuras. Ao estudarmos a relação dialógica entre a memória e a imagem, estamos aqui focando no ponto de vista dos espectadores das imagens, que nessa pesquisa são os dois estudantes do curso de psicologia. Sendo assim, entendemos que ao olharem para as imagens, os estudantes projetam sua imaginação e sua capacidade de organizar mensagens a fim de confrontá-las com as já registradas em sua memória. Dessa maneira, compreendemos que o espectador, ao entrar em contato com a imagem, irá ativar significados existentes em sua memória e, ao narrar esses significados, estão em constante processo de ressignificação, em que novos significados e novos conhecimentos vão sendo construídos.

3.4. Imagens Fotográficas

Ao estudarmos dialogismo entendemos as palavras como polissêmicas, prenes de significados (BAKTHIN, 1995; BEZERRA, 2005). Partindo desse pressuposto, fazemos uma aproximação entre palavras e imagens, considerando também as imagens como polissêmica (LEITE, 2001; BARTHES, 1980), ou seja, repleta de significados que irão sempre se modificar a partir do contexto histórico-cultural, em que o espectador irá escolher alguns deles e ignorar outros. Assim, nesse trabalho, entendemos que quem atribui significados para as imagens fotográficas são os espectadores, os dois estudantes de psicologia:

[...] toda representação é relacionada por seu espectador – ou melhor, por seus espectadores históricos e sucessivos – a enunciados ideológicos, culturais, em todo caso simbólicos, sem os quais ela não tem sentido. [...] Esses enunciados podem ser totalmente implícitos, jamais formulados: nem por isso são menos formuláveis verbalmente, e o problema do sentido da imagem é pois o da relação imagens e palavras, entre imagem e linguagem. [...] vamos só lembrar que não há imagem “pura”, puramente icônica, já que para ser plenamente compreendida uma imagem necessita do domínio da linguagem verbal (AUMONT, 2002, p. 248).

Além disso, entendemos nessa pesquisa que a imagem é complementar às palavras e vice-versa (LEITE, 2001; JOLY, 1996), pois as palavras podem incluir valores figurativos que não são representados fisicamente nas imagens. O fato da imagem possuir inúmeros significados, justamente por ser polissêmica, possibilita ao entrevistado uma apropriação da imagem a fim de direcionar, focar o sentido o qual compreende a fotografia. Além disso, acreditamos que a interpretação da imagem através das narrativas, “ultrapassa a imagem, desencadeia palavras, uma ideia ou um discurso interior que parte da imagem, que é seu suporte, mas que a ela simultaneamente está ligada” (JOLY, 1996, p. 140). A autora nos remete à ideia de que as narrativas encontram nas imagens o suporte necessário para desenvolvê-las e ao mesmo tempo complementar as imagens, e até ultrapassar o sentido daquela imagem.

Há ainda duas perspectivas sobre a imagem fotográfica (BARTHES, 2009). A primeira perspectiva seria a do fotógrafo que delimita os espaços a serem fotografados, seleciona os objetos, define o enquadramento, e é denominada de perspectiva *studium* (BARTHES, 2009). A segunda perspectiva de *punctum*, que é a do espectador (BARTHES, 2009). Ao trabalharmos com as fotografias como mediadores nas entrevistas narrativas, utilizaremos a perspectiva do espectador, que serão os alunos do curso de psicologia. Todavia,

definir esse espectador não é uma tarefa fácil, além da capacidade perceptiva entram em jogo: o saber, os afetos e as crenças (AUMONT, 2002). Também é importante lembrarmos que o espectador sempre vai estar situado em um contexto sócio-histórico, no qual é o espectador quem faz a imagem. Dessa maneira, além de construir essa imagem o espectador atribui significados a ela. Porém, os significados construídos mediados pelas imagens, nem sempre são visíveis, pois, o espectador ao visualizar a imagem utiliza a memória, as crenças e os saberes da expectativa que ele mesmo criou. É como se a imagem possuísse lacunas e o espectador as preenchesse. Diante da perspectiva dialógica Bakthiniana, podemos perceber que não é apenas o espectador que constroa a imagem, mas também a imagem construindo o espectador.

Utilizamos a fotografia como mediadora nas entrevistas das histórias acadêmicas dos dois estudantes do curso de psicologia por acreditarmos que ela nos auxilia na construção de novos significados e, conseqüentemente, na construção do conhecimento.

A fotografia impressa é, então, mediadora da construção de novos significados sobre os objetos estudados através da interação dialógica que ocorre entre os interlocutores na entrevista. Como mediadora associada às narrativas, produz formas significativas e específicas que nos ajudam a entender os processos de construção do conhecimento nas pesquisas em ciências humanas que utilizam esses instrumentos (BORGES E LINHARES, 2008, p.146).

Sendo assim, ao escolhermos utilizar as imagens fotográficas como instrumentos de mediação no estudo, devemos considerar que ao construirmos o álbum de fotografias coletivo, ocorre uma seleção por parte dos participantes, sobre o que deve ou não ser apresentado simbolicamente pelas fotografias. Foram eles que, na condição de espectadores das imagens, puderam narrar sobre o que eles estavam vendo, pensando, evocando e sentindo sobre as imagens fotográficas.

4. RESULTADOS

4.1. Método

Participantes: dois (2) alunos do curso de graduação de psicologia da Universidade Tiradentes na cidade de Aracaju - SE, que cursavam o oitavo semestre, e que foram alunos da iniciação científica. A escolha dos participantes foi feita de acordo com a disponibilidade dos alunos que quiseram participar voluntariamente do projeto. Não houve restrições em relação ao sexo, idade, estado civil, embora estes dados sejam importantes para as análises dos resultados.

Instrumentos: entrevistas de histórias de vida; entrevista mediada por fotografias; entrevista mediada por álbum comum de fotografias.

Materiais: utilizamos gravadores digitais, *pen drives*, fotografias digitais, álbum de fotografias, cds, folhas de papel branco, microcomputador, programa de áudio e multimídia, fones de ouvido, câmera filmadora.

Ambiente da construção de dados: as entrevistas das histórias acadêmicas foram realizadas nos laboratórios do Programa de Pós- graduação em Educação da Universidade Tiradentes, antes dos horários das aulas dos entrevistados. O álbum de fotografia contendo 14 fotografias foi construído coletivamente (pelos dois participantes), ao longo das entrevistas.

4.1.1 Procedimento de construção dos dados

Antes de iniciarmos a pesquisa, aplicamos um questionário aos alunos das turmas do sétimo ao décimo semestres do curso de psicologia de uma universidade privada de Aracaju. Alguns deles se disponibilizaram a participar da pesquisa, porém houve desencontro dos horários selecionados pelos mesmos, pois como as entrevistas eram coletivas precisávamos de no mínimo dois e no máximo seis participantes. Cinco alunos do oitavo semestre se

disponibilizaram a participar. Agendamos o dia e o horário, mas apenas dois, que haviam sido alunos de iniciação científica, compareceram. Dessa maneira, demos início as nossas entrevistas coletivas.

Para a construção dos dados desta pesquisa utilizamos as entrevistas narrativas de histórias acadêmicas de dois participantes, mediada pelo álbum de fotografias que foi construído coletivamente. Foram realizadas três (3) entrevistas coletivas: a primeira foi sobre a história acadêmica dos participantes; a segunda, mediada por fotografias e pela a construção do álbum; a terceira, através do álbum de fotografias construído coletivamente. Cada entrevista teve a duração mínima de 50 minutos, e o máximo de 1 hora e 30 minutos.

Solicitamos dos participantes a filmagem diária das entrevistas, cuja autorização nos foi concedida. Todavia, as imagens registradas durante as entrevistas foram utilizadas apenas como recurso auxiliar durante as transcrições do áudio. O uso delas facilitou a visualização de como os entrevistados estavam organizados. Além de identificar a narrativa sobre cada fotografia, possibilitou também a visualização da construção do álbum, as escolhas e a ordem das fotografias por cada entrevistado.

No final da primeira entrevista foi solicitado que cada participante selecionasse seis (6) fotos com imagens que representassem os significados da vida acadêmica deles. As fotos poderiam ser enviadas por e-mail, ou levadas na entrevista seguinte. Os dois participantes optaram pela primeira das alternativas. A aluna entrevistada foi a primeira a enviar as oito fotografias digitais por e-mail. No dia da segunda entrevista, o outro aluno enviou por e-mail as seis (6) fotos digitais solicitadas. As fotografias foram impressas em papel fotográfico e entregues aos dois participantes fora do álbum e na mesma ordem em que foram enviadas pelos e-mails. Dessa forma, a segunda entrevista foi mediada pelas fotografias e pela construção do álbum, e, ao término, os alunos ficaram com o álbum para terminar a construção do mesmo.

Na terceira entrevista, os dois participantes trouxeram o álbum já montado, e narraram a montagem do álbum. Eles contaram que se reuniram antes da aula, e decidiram a ordem das fotografias. Começamos a entrevista perguntando como gostariam de falar do álbum e sua respectiva disposição de fotografias. Eles preferiram narrá-lo de trás para frente. Ou seja, a primeira fotografia, denominada por eles “a estrada” por significar a continuidade de suas histórias de vida, foi a última a ser falada.



Figura 1- A estrada

OBS¹

4. 1. 2. Análise das entrevistas

Utilizamos a análise temática dialógica, adaptada para a psicologia desenvolvida por Braun e Clarke (2006), que aplicam o método nas pesquisas qualitativas. Segundo os autores a análise temática é um método para identificar, analisar e relatar os temas recorrentes no discurso. O método consiste em transcrevermos toda a conversação, a fim de nos familiarizarmos com os dados. Após as transcrições realizamos várias leituras destes, e identificamos os temas, que para os autores, são padrões que se repetem nas narrativas. Também identificamos os subtemas da conversação. Em seguida fizemos uma revisão dos temas e subtemas mais frequentes em cada entrevista. Com os temas e subtemas construímos um mapa de significados referente a cada entrevista, num total de três entrevistas e três mapas.

Desse modo, as entrevistas foram transcritas na íntegra, impressas e submetidas a várias leituras, e em seguida, cada trecho de fala das mesmas foi definido em temas e subtemas que estavam articulando a narrativa de cada momento dialógico. Depois identificamos quais os significados eram recorrentes nas entrevistas e como eles se mobilizavam na construção do discurso dos participantes no momento da interação com o colega e a pesquisadora. A seguir, construímos mapas de significados contendo as mudanças

¹ Durante o processo de investigação, e os posteriores produtos contendo os resultados da presente pesquisa, usamos os nomes fictícios, Fernanda e Nicolas, para garantir o sigilo e a privacidade dos participantes.

de sentidos, as recorrências, os conflitos linguísticos, a preservação de determinados significados expressos pela fala, e por sua relação com os temas discutidos que foram destacados e organizados em um mapa de sentidos e significados. Após a construção do mapa com todos os significados retirados das entrevistas, ocorreu a elaboração de um novo mapa, contendo os dados mais significativos e suas principais relações de sentidos expressos na narrativa.

É importante ressaltar que também construímos mapas de significados das entrevistas com as fotografias, analisadas em conjunto com os mapas das histórias acadêmicas. Para tal, fizemos um recorte das falas relacionadas a cada foto e verificamos quais os significados que orientavam os posicionamentos dos entrevistados em relação à construção de suas histórias de vida.

Após a análise temática das entrevistas, de histórias acadêmicas mediadas pelas fotografias, selecionamos alguns episódios da conversação e fizemos análise dos diálogos com o objetivo de analisar o processo de construção dos significados durante as entrevistas.

Em seguida, apresentaremos os mapas com os significados produzidos durante as três entrevistas coletivas sobre o ser psicólogo. As análises serão apresentadas de acordo com a execução das entrevistas:

1ª – Entrevista coletiva sobre a história acadêmica dos participantes;

2ª – Entrevista coletiva com as fotos trazidas pelos participantes e a construção do álbum coletivo;

3ª – Entrevista coletiva mediada pelo álbum de fotografias coletivo.

Participaram das entrevistas dois alunos do curso de psicologia do oitavo período Nicolas² e Fernanda³, ex-alunos de iniciação científica. Nicolas é do interior da Bahia, estudou em um colégio agrícola como aluno interno. Antes do vestibular, participou do ENEM⁴, através do exame, e após prestar vestibular, conseguiu uma bolsa de estudos pelo

² A fim de preservar a identidade dos estudantes utilizamos os nomes fictícios

³ Nome fictício

⁴ Exame Nacional do Ensino Médio

ProUni⁵ para cursar psicologia em uma faculdade particular no município de Aracaju-SE. Após um ano estudando na faculdade, Nicolas pediu transferência para uma universidade particular no mesmo município. No início ele teve problemas para se socializar, pois ficou um ano como aluno “irregular”, e tinha que cursar as disciplinas em diferentes turmas. Após um ano, Nicolas relatou que, a partir do quarto semestre, já se sentia socializado na universidade. Já Fernanda, perdeu a mãe quando tinha 09 anos. Quando criança frequentava o ambiente hospitalar, pois a mãe dela tinha câncer no estômago. Após acompanhar o sofrimento da família, Fernanda decidiu prestar vestibular para medicina, mas, como não obteve uma pontuação suficiente, optou pela psicologia, pois percebeu nesta a oportunidade de atender e de ajudar as pessoas.

4.2. Mapa de significados e Entrevista coletiva sobre a história acadêmica

Para a análise dos dados construímos mapas de significados referentes às três entrevistas. Os mapas semióticos foram construídos após realizarmos a transcrição das entrevistas: sobre as histórias acadêmicas, mediada por fotografias e pelo álbum de fotografias. Separamos os temas e os subtemas de todas as entrevistas. De todas as entrevistas, fizemos uma revisão e selecionamos aqueles que se repetiam com maior frequência. Quanto mais o tema foi abordado pelos entrevistados, maior foi o seu diagrama na representação do mapa de significados. Os mapas são divididos por cores: a cor roxa indica os significados que foram construídos pelos estudantes durante as entrevistas, referentes ao modo como eles pensavam sobre a psicologia, antes do curso, a cor verde escuro refere-se aos significados construídos durante o curso; a cor verde claro temos os significados referentes à psicologia; e a cor laranja os significados construídos sobre as expectativas futuras dos alunos referentes à profissão.

Podemos observar que a configuração do mapa é modificada a cada entrevista, e que esses significados são produzidos de modo anacrônico durante as mesmas. Como afirma a teoria do tempo *Aion*, refere-se a uma numeração de movimentos, não sucessivos, mas intensos, que não seguem uma sequência cronológica, e além disso, sabemos que as narrativas são constituídas pelo tempo do narrador (BRUNER, 1997; BROCKMEIR E HARRÉ, 2003). Organizamos os mapas utilizando o tempo *Chrónos*, ou seja, com base na sequência cronológica do antes do curso, durante o curso e expectativas futuras dos alunos (KENNEDY E KOHAN, 2008). Além disso, percebemos que os significados não são estáticos, pois são

⁵ Programa Universidade para Todos

construídos e mobilizados a partir das interações com o outro e os contextos sócio-culturais.

Mapa de significados do primeiro momento



Legenda

- Significados antes do curso
- Significados construídos ao longo do curso
- Significados da construção "do ser psicólogo"
- Significados das expectativas futuras

Figura 2- Significados do ser psicólogo na primeira entrevista.

Na parte de cor roxa do mapa percebemos que os significados construídos durante a entrevista eram referente ao modo como os alunos pensavam antes de cursar psicologia. Identificamos a influência cultural na construção desses significados, onde os pensamentos construídos são mediados pelo senso comum e cânones culturais. Nesse momento os entrevistados também falaram sobre a época do colégio, como foram estabelecidas as suas escolhas pelo curso, a experiência do vestibular, o ENEM e o PROUNI. Outro tema bastante recorrente foi a socialização no início do curso com os professores e com os colegas, apontada

pelos alunos como um fator importante no processo de adaptação. Podemos observar nas falas dos entrevistados que a socialização também contribui para a construção da identidade profissional.

Na parte central do mapa, identificada pela cor verde claro, temos os significados construídos referentes à psicologia ao longo do curso. Essa parte inclui os significados construídos pelos estudantes antes do curso, ao longo do curso e expectativas futuras da vida profissional. Assim, temos essa parte “central”, em constante diálogo com as outras partes do mapa. Ao estudarmos as narrativas, entendemos que ela não é linear, segundo Bruner (1997), a narrativa tem uma sequência própria. Dessa forma o mapa possui função didática, a fim de organizar os temas narrados. Porém, os temas apresentados no mapa são enunciados em diferentes momentos da narrativa, não seguindo a sequência (antes do curso- durante o curso- expectativas após o curso). Nós utilizamos essa sequência a fim de organizar os significados.

A cor verde escuro no mapa representa os significados sobre a psicologia que foram construídos ao longo do curso, mediante as interações com os professores, colegas, livros, teorias, familiares, estágio, intervenção em comunidades. E por fim, a cor laranja no mapa, indica os significados referentes às expectativas futuras. Segundo Grandesso (2006) “o ser humano tende a ser concebido como imerso em uma teia de significados que ele mesmo constrói no intercâmbio social” (GRANDESSO, 2006, p. 151). De acordo com a ideia da autora, podemos visualizar no mapa uma teia de significados que compõem a construção do ser psicólogo, que foi construído pelos alunos mediados pelas interações sociais.

Na primeira entrevista, percebemos uma mudança no comportamento dos entrevistados, após ligarmos a filmadora. Os alunos começaram a se arrumar diante da filmadora, produziram brincadeiras como se estivessem apresentando um telejornal. Logo que iniciamos a entrevista as brincadeiras cessaram, e quando foi perguntado quem gostaria de começar a falar, Nicolas disse: “Primeiro as damas”. Atribuímos esse tom de formalidade na fala do Nicolas ao fato da câmera estar ligada, e de que eles não estavam totalmente à vontade; sabemos que a pessoa leva mais ou menos dez minutos para se acostumar com a presença da câmera (PINHEIRO, KAKEHASHI E ANGELO, 2005). Percebemos as brincadeiras, a formalidade e as “arrumações” somente no início da entrevista, depois os entrevistados passam a se concentrar no que estão falando e se acostumam com a presença da filmadora.

Nesse primeiro momento da pesquisa observamos que cursar psicologia, para Fernanda, sugere uma aproximação com a primeira opção de curso, o de medicina, pois, segundo a entrevistada, é um curso ligado à área da saúde, e ela poderia também trabalhar

com pessoas. Já a iniciação científica foi para ela um momento importante de adaptação à universidade. Sobre a experiência como aluna de iniciação científica, observamos uma auto-afirmação no discurso da entrevistada:

Fernanda: que me motivou a continuar na UNIT foi a minha iniciação científica, a pesquisa que eu comecei a fazer no segundo período, né. Foi uma surpresa para mim o convite da professora, né. Ela disse que tinha visto o desempenho, meu e de algumas colegas minhas, e se a gente queria participar aí pronto, do segundo ao quarto período eu realizei essa pesquisa e até hoje eu estou vinculada.

Já Nicolas enuncia as dificuldades que surgiram no início na universidade, ao pedir transferência de uma faculdade para outra, tornando-se um “aluno irregular”, pois as grades curriculares eram diferentes, atrasando em um semestre a conclusão do curso. O fato de não fazer parte de uma turma, mas de várias turmas dificultava a construção de vínculos sociais. As relações sociais foi um dos temas recorrentes dessa primeira entrevista, em que os entrevistados consideram o estabelecimento de vínculos sociais importante no processo de adaptação.

Nícolas: Bom, vou começar pela outra Faculdade, da outra Faculdade que eu fazia tipo, eu só estudei 1 ano e 1 semana mais ou menos na outra. Eu tinha uma relação, eu gostava, foi tipo, uma identificação assim, no primeiro semestre que a gente estudou eu já comecei, já começou a criar amizades fortes mesmo durante esse semestre e aí o segundo fortaleceu, e era uma turma que eu gostava muito. Eu ainda gosto da turma, sempre que dá eu ainda vou lá visitar e tal, quando eu vejo na rua é aquela alegria e tal. Eu gostava muito da turma, aí teve esse lance de eu vim pra cá, aí foi como eu já falei já, ficava essa dificuldade de relacionamento porque assim, se já tem um grupo formado, uma pessoa que vem de fora, é difícil porque eu que sou um pouco tímido (1), não parece não mas eu sou, pra relacionamento, eu fico meio que na defensiva. Digamos assim eu não sei se eu avanço para ver se eu entro em algum grupo ou não, então ficava naquela o grupo formado e eu só de cá que é sozinho e esperando, poxa e agora o que é que eu vou fazer? Era o que eu mais me perguntava. Eu juro a você, eu pensei em desistir várias vezes por conta disso.

A dificuldade de relacionamento para Nicolas não está vinculada à sua “timidez” (1), mas aos contextos vivenciados pelas duas universidades, conforme podemos identificar no episódio acima. Ao falar de si, Nicolas percorre uma narrativa dos eventos vivenciados e impregna no discurso a percepção de si, mas em direção ao outro, assim, entendemos que o *self* narrativo não é propriedade do indivíduo, mas construído nas interações sociais (GERGEN, 1994). Nicolas se percebe como uma pessoa tímida, e esse posicionamento do si parece justificar os problemas de relacionamentos vivenciados na segunda universidade.

4.2.1. Significados construídos antes do curso

Durante a primeira entrevista os alunos produziram os significados que foram construídos por eles sobre a psicologia antes de entrarem na universidade. Sabemos que a narrativa é um evento que ocorre em um dado momento, mas que articula as informações de uma rememoração do passado no presente, e da antecipação do futuro através do imaginário (BHABHA, 1998; BRUNER, 2001a, 2001b, 1997). Ao entendermos que o “passado é imprevisível” (ROSA, 2007, p. 54), defendemos que o passado pode mudar e se transformar a cada novo evento vivenciado em nossas atividades descritas em nossas histórias. Ao falarem sobre as expectativas que tinham do curso logo no início, os dois participantes possuem impressões bem parecidas, o que nos faz inferir que estas impressões sejam crenças culturais sobre a psicologia e que circulam nos grupos. A seguir, um episódio da entrevista em que podemos notar esta negociação dos significados gerando um compartilhamento das crenças sociais:

Nicolas: era uma expectativa meio que fantasiosa de chegar, olhar pra pessoa e já identificar o que o seria uma coisa assim bem mágica, mas com o passar do tempo, a gente vai vendo que não é assim tão fácil. E o que se bate muito na tecla é justamente isso, que não se tem como dar o diagnóstico de uma pessoa só olhando para ela. Tem todo um processo para isso.

Fernanda: No meu caso a mesma coisa [aquela coisa] eu vou ajudar e vou descobrir logo o que aquela pessoa tem né? Como no começo as outras pessoas facilitavam esse pensamento. Olhe! Você faz psicologia NEM olhe pra mim né? (1) Essas coisas que com o tempo a gente viu que não era assim né, que a gente viu que é aos poucos.

Nicolas: [...] E que a gente vê que ainda tem muito disso no senso comum, no chamado senso comum eles acreditam que só pelo fato da pessoa ser psicólogo a pessoa não pode fazer NAADAA. Que se a pessoa tiver assim, vai falar o que você tem, vai identificar alguma coisa. Tem deles que até acreditam que você vai entrar na cabeça do outro pra plantar ou tirar alguma ideia. [...] Antes de entrar no curso e nem sabia que a psicologia era assim dividida em linhas teóricas, eu só tinha ouvido falar só da tal da psicanálise que tudo Freud explicava e que tudo Freud explicava (2).

Podemos perceber que a dinâmica polifônica, refere-se a diversas “vozes” da sociedade a qual se está inserida (Bakthin (1995). Essa construção coletiva é percebida quando Fernanda incorpora essas vozes como parte de si: “você faz psicologia NEM olhe pra mim né?” (Trecho 1) A personificação da voz do outro pela narrativa de Fernanda

exemplifica como nós só nos tornamos quem somos através do outro, o outro nos constrói a cada encontro (BAKTHIN, 1995, HARRÉ & MOGHADDAM, 2003). No processo de internalização as interações sociais são incorporadas pelos indivíduos e por eles são significadas, em um movimento que vai do interpessoal para o intrapsíquico; do coletivo para o individual (VIGOTSKI, 1989). Assim, a entrevistada produz um discurso que foi construído socialmente e internalizado por ela.

Nesse episódio da conversação podemos perceber um “misticismo” em torno da psicologia, quando os alunos relatam que antes de ingressarem no curso pensavam que magicamente iriam entender as pessoas. Podemos verificar a partir desta narrativa a existência de um cânone cultural, pois essa concepção da psicologia parece se repetir em vários grupos, em diferentes lugares no Brasil. Entendemos os cânones culturais como participantes ativos na formação do indivíduo, pois os significados que os indivíduos atribuem aos eventos através das narrativas, não são construídos apenas por operações cognitivas, havendo também a participação dos cânones culturais (BRUNER, 2000; 1990). Outro cânone cultural que destacamos nesse episódio é quando os entrevistados constroem coletivamente a percepção cultural de que o psicólogo deve ter um comportamento modelo, não pode ter alterações de humor e tem que ser “santinho”. Esses significados são construídos com base na psicologia comum ou popular (*folk psychology*) como é denominada por Bruner (1990). O autor destaca que o estatuto canônico da psicologia comum “resume as coisas não como elas são, mas (por vezes implicitamente) como devem ser” (BRUNER, 1990, p. 44). Dessa maneira, quando os entrevistados constroem seu discurso com base no discurso popular do modelo de psicólogo, também constroem seu discurso a partir destas crenças, como vozes que ressoam em formas de atitudes e pensamentos.

Defendemos que, o que contribui para que esses cânones se atualizem na sociedade é a circularidade da cultura, pelo fato das culturas não estarem separadas, estagnadas ou isoladas, elas circulam nos contextos sociais (BAKTHIN, 2008; GINZBURG, 2001). Percebemos que ao evocarem lembranças sobre a psicologia antes do curso, os entrevistados produzem seus discursos a partir das memórias produzidas coletivamente. Podemos observar esse dado no trecho (2), onde Nicolas fala sobre Freud e a psicanálise. Só conheciam a psicanálise e Freud, que se destacavam como significado da psicologia percebida como uma consequência da popularidade da psicanálise e de Freud. Atribuímos a questões históricas, visto que os estudos de Freud revolucionaram a medicina, pois a psicanálise proporcionava a cura através da fala. Essas memórias que foram construídas ao longo do tempo, ao serem

expressas através das narrativas, demonstram os significados construídos coletivamente acerca da psicologia.

Todas as culturas são construídas a partir das interações do indivíduo com o meio e com o outro, circulando em diversos períodos históricos e diferentes grupos sociais. Ginzburg (2001) compartilha das ideias de Bakhtin (2008) ao mencionar a circularidade cultural, discutindo a dicotomia cultural entre a cultura hegemônica e as culturas subalternas. Defendemos que apesar de serem consideradas diferentes, elas não são totalmente separadas, pois as interações sociais fazem com que os grupos sociais dialoguem, fazendo com que a cultura resista ao tempo e proporcione uma circularidade cultural entre os grupos. Dessa forma acreditamos que a circularidade cultural proporciona a existência dos cânones culturais.

4.2.2. Significados construídos durante o curso de graduação em psicologia

Fernanda: (1) Então, como eu falei eu não queria estudar aqui ainda. Foi muito difícil no primeiro período pra mim. [...] um ambiente novo é um mundo, é um outro mundo, é uma outra coisa (2) eu vim de um colégio muito família, um colégio porte médio, um dos maiores da cidade mas mesmo assim um colégio família que eu estudei lá há oito anos nesse mesmo colégio. Então já conhecia todo mundo, então vim para uma universidade onde você tem que caminhar mais ainda com as suas pernas [...] (3) nos primeiros dias foram difíceis é claro de adaptação. O novo causa desconforto, e aos poucos que eu fui conhecendo os professores, eu fui gostando mais e interagindo mais com os colegas e sempre me dedicando para conhecer mais, e como eu ia falando, o segundo período foi muito satis... foi de muita satisfação para mim. Eu fui, conheci mais pessoas, conheci mais pessoas e isso foi me ajudando a me integrar.

Nos trechos (1 e 3) podemos observar que o processo de adaptação à universidade foi considerado por Fernanda como difícil, pois o ambiente novo traz para ela significados como: “causa um desconforto”, “é um outro mundo”, “é outra coisa”. A socialização é considerada pela entrevistada um fator importante no processo de adaptação. No trecho (2) observamos a história de vida de Fernanda, a construção do processo de adaptação à universidade. O fato da entrevistada ter estudado em um colégio “família” onde conhecia a todos, gerava nela uma sensação de segurança. Enquanto que a universidade sugere para ela um significado de autonomia, onde teria que “caminhar com suas próprias pernas”. Outro dado que nós observamos é que, para ambos os entrevistados, a atividade de conhecer pessoas no ambiente universitário faz com que eles se sintam mais adaptados e com sentimento de que pertencem ao grupo. Dessa forma, podemos observar a importância do grupo social e da socialização no

período de graduação, como fundamentais no processo de adaptação e formação de identidade grupal.

Nícolas interage com os significados colocados por Fernanda:

Nícolas: [...] só uma coisa que eu estava lembrando enquanto Fernanda estava falando, que eu senti muito quando eu entrei no ensino superior. Foi, eu não sei explicar bem o que é, a forma como a relação acontece entre os alunos é diferente, não sei se é por conta que eu vim de um colégio interno que os laços eram mais forte bem mais forte [...] quando eu entrei no ensino superior eu tomei literalmente um choque com isso, eu não sei explicar o que era, era como se a relação já fosse profissional [...]

A interação dialógica entre Fernanda e Nícolas regulam seus discursos. Não sabemos se Nícolas, naquele momento, fosse comparar a época do colégio interno com a época da graduação, contudo, a fala de Fernanda permite a ele participar do discurso coletivo quando rememora que os vínculos de amizade estabelecidos na época do colégio eram bem mais fortes, visto que todos moravam juntos no colégio interno.

Porém, o entrevistado diz sentir um distanciamento em relação aos colegas de graduação. Para Nícolas as pessoas já se relacionam na universidade como se fossem profissionais, possuem outro tipo de conduta, as pessoas não faziam bagunça como na época de colégio, e tinham uma postura de profissionais. Assim, podemos observar que o espaço físico regula o comportamento dos alunos, confirmando o que a literatura traz sobre o contexto, delimitando e moldando como as interações poderão ser estabelecidas. Visto que, a partir do momento em que as pessoas se inserem em determinados contextos, passam a ocupar certos lugares e posições, e não outros, contribuindo para a emergência de determinadas características pessoais e não outras (ROSSETI- FERREIRA, AMORIM E SILVA, 2004).

Fernanda: Eu acho que... é, puxando a conversa dele, como você mesmo falou, numa escola os objetivos... nós temos um grupo, né? Vamos supor que são cinco pessoas que compõem esse grupo. Mesmo assim eu e você estamos desejando fazer o curso pra psicologia. Mas que Paula e os outros componentes querem medicina, direito, engenharia... já não são tão concorrentes em si.

Nícolas: é.

Fernanda: e a gente observa em sala de aula que se tem o grupo A, que se junta com o grupo B, desde o primeiro período, e que os componentes foram se perdendo, perdendo disciplinas. Não tem mais como ninguém mais se integrar àquele grupo. Não é o meu amigo só, ele está competindo comigo também, entendeu? eu acho que nas pessoas, da formação da graduação, tem muito isso, eles separam muito, as coisas acabam não sendo uma relação, não tendo um bom vínculo, são mais fechados.

Pesquisadora: Vocês são mais concorrentes do que colegas de profissão?

Fernanda: É. Eu acabo observando isso.

Nícolas: Saí daqui, você é minha concorrente [risos].

Fernanda: Entendeu? Por isso eu acabei sentindo muito isso. Eu gosto muito de fazer amizades e de ficar, e quando eu me apego a uma pessoa é muito difícil eu sofro bastante quando aquilo começa...

Nícolas: A desandar.

Fernanda: É a desandar. E eu percebi isso.

No primeiro trecho desse episódio da conversação percebemos que Fernanda, ao tentar responder um questionamento feito por Nícolas, expressa um conhecimento cotidiano sobre a construção de amizades na graduação. Com base nas observações que ela faz em sala de aula, sobre a dinâmica de comportamento dos colegas da época de colégio e os da graduação, ela desenvolve uma percepção de que “os alunos na graduação são mais concorrentes do que colegas de profissão”. Sobre a construção de conhecimento no cotidiano, a literatura apresenta que não construímos conhecimentos sozinhos ou no mundo, mas precisamos do outro para produzi-los (GERGEN, 1994, E SPINK, 2004). Assim, acreditamos que as pessoas obtêm conhecimento coletivamente. O fato da entrevistada perceber o colega como concorrente pode estar vinculado ao fato de morarem no menor estado brasileiro, onde não há tantas possibilidades de emprego no campo da psicologia.

Silveira e Nardi (2008), ao realizarem uma pesquisa com estudantes de psicologia em uma pequena cidade do Rio Grande do Sul, puderam observar a preocupação dos estudantes com o mercado de trabalho, visto que a cidade onde eles moram era pequena e não dispunha de muitas vagas para psicólogos. O artigo foca a preocupação com o individualismo profissional. Os autores atribuem o processo de individualização profissional “às transformações do mundo do trabalho, na sociedade neoliberal, tais como desregulamentação, exigência de novas competências, e, em particular, redução de vagas e renda para indivíduos com terceiro grau completo” (SILVEIRA & NARDI, 2008, p. 229). Essa é uma das preocupações que permeia a construção do ser psicólogo na atualidade.

Outros significados que foram identificados nesse primeiro momento da pesquisa, em relação à construção do ser psicólogo foi a influência do professor na escolha da linha teórica.

Pesquisador: vocês acham que os professores de vocês influenciam muito na hora da escolha da linha teórica?

Nícolas e Fernanda: Hum rã. influencia.

Fernanda: Até principalmente a forma como eles dão a disciplina né? Eu não vou citar o nome, mas a professora que dá a comportamental né, ela é maravilhosa, ela me faz ver, ela me tira alguns estereótipos que eu tinha dessa vertente e ela não dá assim... é pra vocês aceitarem, entendeu? ela se empolga tanto ministrando a aula dela, ela faz tão bem feito que isso, né? Como a outra também que dá a questão mais humanista né? Cada um dá sua forma, e mas, eles acabam cada um vendendo o seu peixe né? Mas a forma como eles ministram as disciplinas é interessante, eles gostam tanto, eles já trabalham com isso, que facilita até o aluno decidir o que a gente quer, eu acho que é de uma forma clara.

Nícolas: É. Eu acho que além da forma como o professor dá a disciplina tem influência como o próprio professor, a pessoa professor tem uma influência nisso que, a partir do momento em que o aluno se identifica com o professor, enquanto pessoa digamos, isso já é um grande passo dado no sentido dele se identificar com a linha teórica do professor. Eu acho que a gente tem exemplos disso, que se o aluno não se identifica com o professor ou a professora provavelmente ele não vai se identificar com a linha teórica. Não porque a linha não seja interessante, mas porque o professor que dá não é interessante, aí acaba ficando nessa questão.

Fernanda: É verdade.

No discurso dos entrevistados percebemos que o professor influencia na escolha do aluno sobre que linha teórica seguir. Contudo, Nícolas significa como a “identificação” do aluno com o professor, como pessoa. O entrevistado considera a “identificação” um fator decisivo e afirma que, se o “aluno não se identificar com o professor provavelmente também não irá se identificar com a linha teórica que esse professor ensina”. Os autores Soares e Verissimo (2010) defendem a ideia de que “o que importa na graduação em psicologia, especialmente por sua condição de formar futuros agentes de transformação, é o trabalho pedagógico erguido sobre pilares relacionais” (SOARES; VERISSIMO, 2010, p. 600). Dessa forma temos a construção do vínculo professor e aluno como fator importante na construção dos profissionais de psicologia.

Nícolas, ao relatar o seu primeiro estágio institucional, nos conta que foi em uma escola e que a professora criou uma expectativa muito grande em relação a presença dos alunos de psicologia em sala de aula:

Nícolas: o que eu achei interessante foi a posição da professora em relação a gente. Eu não sei se era impressão minha mas para mim, a professora estava nos vendo ali como se fôssemos a solução para o problema. É como se você, ao chegar lá, fosse pegar uma varinha mágica e resolveva pronto e tá tudo resolvido. Nesse sentido eu comecei a me achar assim: importante, caramba, será que o que ela está esperando é realmente o que eu tenho que fazer ou não, ou será que tem alguma coisa mais profunda nisso? Aí eu fiquei me perguntando será que eu tenho mesmo esse poder de chegar e resolver? Só que na medida que o projeto ia andando, que eu ia fazendo a análise da

situação da sala, aí a gente começou a perceber que a turma que a professora tanto reclamava, na verdade não tinha problema nenhum, assim, nenhum em relação ao que ela reclamava. O que ela reclamava era que a turma era bagunceira, que a turma não queria aprender nada, e que a turma isso e aquilo isso e aquilo. Aí a gente começou a desenvolver o projeto, o projeto não o desenvolver da análise. Aí a gente começou a perceber que não era na turma que era nela.

A expectativa da professora permeia os posicionamentos do entrevistado. Seja através da valorização do aluno, seja no processo interacional vivenciado pelo professor e aluno. E é a reflexão que coloca Nicolás como ativo na relação, e permite a ele pensar sobre a sua função profissional, partindo de outros conhecimentos estudados na universidade, que se posiciona de uma maneira diferente da esperada pela professora.

No trecho a seguir, identificamos a experiência do estágio, o trabalho interdisciplinar do psicólogo (nesse caso na escola), e o modo como a sociedade posiciona o psicólogo como a solução de todos os problemas que participam na construção do “ser psicólogo”. Durante a experiência de estágio de Fernanda em um hospital privado no município de Aracaju, a entrevistada relata que:

Fernanda: nós percebemos como a equipe, como a equipe de enfermagem, ela depositava na gente a questão do bombeiro. O psicólogo é visto como um bombeiro, ele tá ali pra apagar o fogo numa situação de emergência. A gente sempre batia na tecla, nós não estamos intervindo aqui, nós estamos coletando informações para que nós possamos construir um projeto e depois intervir, isso eles entendiam. Mas tinha dia que a gente chegava e tinha mãe chorando e criança chorando, que é a cara da pediatria: chega, vocês são estudantes de psicologia; chega, ela tá chorando. A questão da emergência mesmo, a gente aprendeu a lidar com isso, como fazer essas manobras e explicar, e não dizer: não, eu não vou. Pra não confundir, no estágio básico o aluno tá ali também pra informar para os outros profissionais, o papel do psicólogo, e a gente passou a perceber isso, a importância cada vez mais de esclarecer o nosso papel nas instituições.

O fato da grade curricular proporcionar estágios em instituições e na área clínica, faz com que os entrevistados construam uma identidade profissional voltada para o compromisso social, e o contexto em que eles viveram durante a graduação, a graduação estava voltada para o social, para a comunidade. Eles relatam, em várias passagens, que tiveram que construir projetos para colocá-los em prática na sociedade, pois a grade curricular proporcionou que eles tivessem esse tipo de experiência. A partir desse momento podemos perceber que o curso direcionou os alunos para que se posicionassem dessa forma, como sendo futuros profissionais com compromisso social.

Os entrevistados apontam como significados da profissão: o imprevisto e a criatividade. Bock (1999) afirma que para trabalhar com a comunidade é preciso inovar, a

partir da demanda que iremos encontrar na população a qual iremos trabalhar. A autora também faz críticas ao tecnicismo que nos ensina técnicas prontas. “Precisamos nos tornar capazes de criar psicologia, adaptando nossos saberes à demanda e à realidade que se nos apresenta” (BOCK, 1999, p. 327).

Nícolas: [...] a gente vai ter outras experiências não somente nesse contexto de estágio, mas de instituição. Na clínica mesmo nós vamos ter experiências que vão exigir da gente uma capacidade de improviso muito grande, e não a longo prazo, muitas vezes, até a curto prazo. Na hora, assim, você tem que fazer um remanejo, uma reorganização pra atingir um dado objetivo. É por esses caminhos. [...]

Fernanda: [...] a questão do improviso, ir sempre com uma atividade a mais, porque se a criança tiver com um soro no braço e ela escreve com essa mão, ela não podia desenhar. Mas se a gente tivesse as imagens ela poderia interagir com a gente, e se ela não queria nada a gente tinha que inventar, trabalhar com a criatividade igual como Nícolas falou.

Os entrevistados construíram coletivamente o significado do “ser psicólogo” como um ser criativo que utiliza o improviso no seu dia-a-dia. Partindo desse pressuposto Engeström (2001) aplica a ideia de que o trabalho necessita ser aprendido de novas formas e ser re- configurado. Os alunos da graduação em psicologia percebem isso a partir do momento em que vão estagiar em instituições. Eles passam a adequar os seus conhecimentos da psicologia, às novas possibilidades para estarem trabalhando com a demanda que eles encontram fora da instituição de ensino.

Em relação às expectativas futuras os entrevistados enunciam em seus discursos os medos, a ansiedade, a preocupação com o retorno financeiro, a insegurança em relação ao aprendizado teórico. Nos discursos podemos observar quantos questionamentos eles estão fazendo a si próprios, quantas reflexões são realizadas ao longo do curso:

Nícolas: [...] um semestre atrás, pra me dizer, assim atualmente eu andei meio frustrado com a psicologia em relação à remuneração que a gente sabe que não é uma remuneração tão boa assim. E ficava pensando, caramba velho, cinco anos, cinco anos estudando, me acabando com toda a dificuldade para chegar e... claro, vai valer a pena se é uma coisa que a gente gosta, sempre vai valer a pena tipo, não ser bem remunerado ou as outras dificuldades futuras. Ai eu comecei a me questionar muito sobre isso. Tipo caramba, o que é que a gente vai fazer? Pra onde, pra onde correr, pra que área, que área seguir para se ter ou não uma melhor remuneração, e até hoje eu fico me perguntando isso.

Fernanda: será que eu li? Será que eu tenho uma carga teórica suficiente? E fica com uma bagagem boa. Já tem que ler mais, só que aí tem outras atividades e agora? E quando eu chegar no nono passo para o décimo, e quais são as minhas especializações? Eu me preocupo com o salário sim, mas e não é a questão. Primeiro eu quero me especializar numa pós, meu mestrado, eu quero muito o meu mestrado, mas tô vivendo sabe pra lá, pra depois, eu sei que é toda essa ansiedade [Nícolas: eu também.] Fernanda: é

normal, eu tenho muito medo pelo o que estar por vir [risos]. Eu sou assim em tudo em tudo. É incrível, eu tô muito preocupada, o que é que eu vou fazer primeiro? O que é que eu não vou?

Com base nos autores Silveira e Nardi (2008) as dúvidas, reflexões e inquietações ao final do curso ocorrem pelo fato de que há um pesado investimento dos alunos e dos seus familiares, “independentemente do preço a ser pago pelo percurso, pois os projetos de vida são fundados na aposta feita na carreira de nível superior. O valor nominal do diploma para fim de ingresso ou reingresso no mundo do trabalho não é avaliado senão ao final do curso, quando podemos observar o abismo entre realidade e projeto” (SILVEIRA e NARDI, 2008, p. 231).

4.3. Mapa de significados e análise da entrevista mediada por fotografias

Em seguida iremos apresentar os significados da 2ª entrevista a partir do mapa semiótico (figura 03). Nesse momento da pesquisa, ao analisarmos a parte de cor roxa do mapa, percebemos os significados construídos durante a entrevista referente ao modo como os estudantes se posicionavam antes do curso. Os estudantes enunciam em seus discursos que se consideravam dependentes emocionalmente e que não gostavam de ficar só. Durante a entrevista percebemos que esse significado é modificado em função de suas interações verbais (BAKTHIN, 1995), pois em suas enunciações eles declaram que na graduação aprenderam a ficar sozinhos e que se tornaram mais reflexivos. Os dois alunos iniciam suas falas mediadas pelas fotografias que representam o “aprender a ficar só”. Entendemos que esse significado foi construído permeado pela cultura do psicólogo, como apresenta a literatura, durante muito tempo o profissional teve uma formação voltada para trabalhar sozinho em meio a reflexões (DIMENSTEIN, 2000). Esses fatores históricos construídos no início da profissão no país, ainda são produzidos pelos psicólogos da atualidade.

Na parte central do mapa, identificada pela cor verde escuro, temos os significados construídos do “ser psicólogo” ao longo do curso, que por sua vez, também são representados por fotografias. Podemos observar na figura abaixo que a parte verde escuro é predominante no mapa (figura 03). Apesar da parte “central” ser predominante, ela está em constante interação com as cores roxa e laranja, pois o mapa de significados é dinâmico, no qual os significados relacionam-se e é como se formassem verdadeiras “teias de significados”, como denominou a autora Grandesso (2006). Podemos observar os diversos significados sobre o “ser psicólogo” que são construídos ao longo do curso, entre eles nós temos: aprender a ficar só, reflexão, autonomia, observação, liberdade, resolução de problemas, novas experiências e

novos aprendizados, humanização, socialização, respeitar o outro, publicação científica, realização profissional, trabalhar com alegria, o lúdico, a criatividade, entre outros.

Durante essa entrevista os significados foram construídos mediados pelas narrativas e pelas imagens fotográficas, através das interações entre os participantes, dos participantes com as fotografias e deles com a pesquisadora. Nesse processo pudemos observar que foram construídos novos significados para as fotografias através de uma negociação dos significados do “ser psicólogo” (BRUNER, 1997).

Mais uma vez nós temos a cor laranja indicando no mapa os significados referentes às expectativas futuras. O medo e a ansiedade são verbalizados pelos entrevistados em relação ao término do curso, porém associam um novo significado para a conclusão da graduação, e nesse momento da pesquisa os alunos passam a significar como um novo começo, um novo percurso, e que foi representado pela figura 13: A estrada, que será apresentada em seguida na análise dos resultados.



Figura 3-Construção dos significados do ser psicólogo na entrevista mediada por fotografia

Nesse momento da entrevista pudemos observar que a câmera não regulou o comportamento dos entrevistados como na primeira entrevista. Ao perguntarmos quem iria começar falando Nícolas apontou para Fernanda, sinalizando que ela começaria. Durante a entrevista pudemos observar a dinâmica da interação entre os participantes, onde a fotografia escolhida por Fernanda para iniciar a entrevista foi a que ela está sozinha (Figura 02). Defendemos que o fato de Fernanda enunciar primeiro faz com que Nícolas organize o seu discurso em função da enunciação da colega. Dessa maneira, acreditamos que Fernanda constrói e organiza o seu discurso em função dos ouvintes, nesse caso, a pesquisadora e o colega de graduação.

Nesse momento apresentamos os resultados de nossa primeira entrevista coletiva com fotografias. Partindo dos pressupostos de Barthes (2009) passamos a compreender as imagens apresentadas através do *punctum*, que está relacionado com a origem e a natureza da fotografia, sendo construído a partir do registro do olhar de quem fotografa. Dessa maneira, concordamos também com as ideias de Borges e Linhares (2008) de que para que a imagem exista, ela necessita do olhar do outro. O outro ao perceber uma imagem, ele irá interpretá-la de acordo com seus conhecimentos históricos e culturais. Nessa etapa da pesquisa temos como foco a narrativa dos entrevistados sobre a interpretação de significados imagéticos atribuídos à construção do ser psicólogo. Sendo assim, entregamos as fotografias escolhidas por eles, impressas, na ordem em que iriam falar sobre elas.

Podemos observar, durante a pesquisa, que a entrevistada Fernanda definiu títulos para cada uma das fotografias selecionadas por ela, (figuras 04, 06, 08, 09, 10, 11, 12, 17). Enquanto que Nicolas não intitulou as fotografias, com exceção da imagem 16. Nesse momento, a pesquisadora atribuiu títulos as demais fotografias trazidas por Nicolas, (figuras 05, 07, 13, 14, 15).



Figura 4- “Aprendi a ficar sozinha”

Fernanda: (1) Bom. Primeiro eu escolhi essa foto aqui, não é? Onde eu estou só. E com a psicologia eu comecei, eu aprendi a refletir bastante não é? éé... a pensar, a ficar só, aprendi a lidar, a ficar... Os momentos que eu estava só eu comecei a valorizar, já que eu era uma pessoa, eu sou uma pessoa muito dependente, e e eu aprendi que eu precisava ficar nos momentos sss sem alguém do meu lado, porque era mais fácil pra eu refletir sobre algumas coisas. (2) Então, isso eu aprendi durante o meu curso, na minha graduação e estou aprendendo muito mais. É a questão do silêncio e da reflexão. (2.0)

A aluna pontua o “aprender a ficar só” como sendo um aprendizado construído durante o curso de Psicologia. Na perspectiva histórica, a psicologia é uma profissão que, durante um longo tempo, o profissional atuou isolado em seu consultório, não se envolvendo muito com as questões sociais (BOCK, 1999). Ou seja, ela não é uma profissão que necessita de uma equipe para atuar, já que o profissional o faz

sozinho na maioria das vezes. Por mais que atue em um programa interdisciplinar ele detém informações sigilosas sobre o paciente, que não podem ser discutidas e/ou compartilhadas com os outros profissionais. Observamos também que este profissional, ao exercer a sua atividade, deve fazer com que a pessoa se torne um ser reflexivo, que possa analisar seu comportamento e seus pensamentos através da terapia. A aprendizagem do adulto é voltada para a aplicação prática, ou seja, o adulto ao aprender, tenta aplicar o que está aprendendo para solucionar os desafios pessoais e profissionais (OLIVEIRA, 2009). Sendo assim, verifica-se que a construção do ser psicólogo ocorre na interação do aluno do curso de psicologia com o conteúdo e a aplicabilidade desse conteúdo na prática, seja com ele próprio ou com o outro.

Podemos observar na figura 05, trecho (1), o processo dialógico, no qual Nicolas constrói o seu discurso e modifica a ordem previamente organizada partindo da enunciação da colega Fernanda. Dessa maneira, temos também o contexto inicial da entrevista permeando as construções verbais do segundo entrevistado. Podemos visualizar no trecho a seguir:



Figura 5-Primeira foto de Nicolas. A escolha foi permeada pela fala de Fernanda.

Nícolas: (1) bom, eu acho que vou mudar mudar a ordem porque pra puxar logo nessa aqui que ela falou da solidão. (2) no caso. de aprender a ficar sozinho.eu trouxe eu trouxe essa foto, inicialmente (barulho) pensado nessa questão de também de parar de ter os momentos de parar pra refletir. Não ficar só nos momentos, de oba oba. Parar pra refletir. (3) TENTEI mas não consegui tirar voando pra re representar um pouco a LIBERDADE que, que se de uma forma ou de outra que se alcança, acho que por meio da graduação. financeira e outras coisas né, também. (4) É autonomia. isso aí que eu ia falar, autonomia também no caso. Autonomia de de ser capaz de de desenvolver de resolver problemas por si só, sozinho, no caso né.

O entrevistado atribui em seu discurso trecho (2), o significado imagético da figura 04 “aprender a ficar sozinho” também associando-o aos momentos de reflexão. Após ouvir a colega, Nicolas negocia através das interações verbais, e atribui vários outros significados para a figura 05, entre eles o mesmo significado que a colega atribui

para figura 04. Entendemos o aprender a ficar sozinho e os momentos de reflexão como significados construídos na cultura profissional dos psicólogos. A auto- reflexão faz parte da construção histórica individualista do ser psicólogo, como foi abordado anteriormente no capítulo 1 da dissertação.

Na verbalização de Nicolas, sobre sua intenção de fotografar um pássaro voando, podemos perceber que a fotografia existe tanto fisicamente como também simbolicamente, compondo uma imagem mental (JOLY, 1996). Nicolas atribui um novo significado para a fotografia, a de LIBERDADE, que relaciona com a graduação, por poder proporcionar uma liberdade financeira, no futuro. Assim, o significado imagético de Liberdade foi mobilizado pelo entrevistado no momento de execução da fotografia, (figura 05). Como vimos na literatura, as fotografias pessoais possuem “uma história referente ao cotidiano de indivíduos conhecidos [...], elas são também compostas dos significados de suas histórias pessoais e também daqueles mobilizados no próprio momento de execução da fotografia” (BORGES & LINHARES, 2008, p. 132).

Podemos perceber nos trechos (3 e 4) as intenções do narrador, que é um dos elementos que compõem as narrativas (BRUNER, 2001,1997). Apesar de não ter registrado o voo do pássaro, Nicolas constrói e atribui no trecho (4), um novo significado para a fotografia simbólica que é a da autonomia. Para o entrevistado, através do significado de aprender a ficar sozinho, a resolver os problemas sozinhos, conseguimos desenvolver a autonomia. O entrevistado vai construindo novos significados e finaliza o seu turno de fala com o significado de autonomia para a construção do ser psicólogo ao resolver os problemas sozinhos.



Figura 6 - “Lançamento da revista”

Fernanda: (1) eee dentro da graduação né, vários encontros eu participei. Então eu escolhi essa foto por aqui que foi a publicação de uma revista de psicanálise, que é uma das áreas que eu, das linhas que eu me interesse bastante, aí, aqui estão algumas colegas minhas. (2) Então espero continuar sempre me envolvendo nesses eventos, NOS CONGRESSOS, (3) das publicações de revistas até porque eu tenho um sonho mesmo de publicar muito ainda. Então, aqui é o que representa isso pra mim.

Na entrevista anterior, sem as fotos, a aluna fala sobre a sua participação na iniciação científica, e esse momento vivido por ela durante a graduação também é

representado na imagem fotográfica (figura 06) nesse segundo momento da pesquisa. Dessa maneira percebemos que a participação da aluna na iniciação científica, como fora narrado no primeiro momento, contribuiu para que a mesma construísse o significado de ser psicólogo também como pesquisador. Dessa forma observamos a experiência dela como pesquisadora durante a iniciação científica, mediando a construção do profissional psicólogo. Percebemos durante o discurso da aluna, que para ela não basta apenas ser psicóloga, pois pretende também pesquisar fenômenos, estudá-los, com o objetivo de publicar.

Como abordamos anteriormente, na narrativa prevalece o significado que o narrador atribui, incluindo intenções e crenças, pois esses significados serão a concepção que o narrador faz da sua história de vida (BRUNER, 2001; 1997). Sendo assim, identificamos no discurso da aluna a sua intenção, reconhecida no trecho (3) da sua enunciação. Ao analisarmos a intenção de publicar de Fernanda, defendemos que há a presença do “outro” implícito nessa intenção e, conseqüentemente, também mediando a construção do ser psicólogo através do ser pesquisador. Quando publicamos algo, o fazemos para o outro, com a finalidade de informar ao outro sobre os nossos estudos, sejam as publicações de estudo de caso ou publicações de pesquisas bibliográficas, e/ou de campo. Dessa forma a construção do ser psicólogo acontece mediada pelo outro. A todo momento a aluna, ao posicionar-se como psicóloga, preocupa-se com o outro, ao mesmo tempo em que se constrói profissionalmente em função do outro.

Outro dado que podemos observar durante esse trecho do discurso é a influência da ideologia acadêmica na formação do profissional. As experiências vivenciadas por cada pessoa que participa do ambiente acadêmico são diferentes. Dessa forma podemos observar que essas experiências vividas na graduação irão definindo e construindo o perfil do profissional, dentro de um contexto, mas também com significados próprios. Assim, acreditamos que o fato dos dois alunos entrevistados terem participado da iniciação científica, contribuiu para a construção dos significados da profissão, como a importância da pesquisa e dos estudos visando a publicação. Esses significados orientam o posicionamento dos estudantes como profissionais e também futuros pesquisadores.



Figura 7 - Publicação

Nícolas: (1)Essa daqui volta para o que Fernanda falou também da participação de eventos. (2) que é FUNDAMENTAL. É um momento que a gente tem que é um momento da gente PUBLICAR, da gente sair pra congressos, (3) ENRIQUECER O CURRÍCULO, digamos assim.

No trecho (1) referente à figura 07 temos Fernanda permeando o discurso de Nícolas, e percebemos, através da interação dialógica durante a entrevista, que Nícolas concorda com o discurso da colega sobre a importância da participação em eventos para a construção do ser psicólogo. No trecho (2) Nícolas percebe a participação em eventos como um momento fundamental na construção como profissional, afirmando também que é o momento para publicar, de sair para os congressos, ou seja, é um momento de troca de experiências com outros profissionais. Defendemos que a linguagem proporciona o dialogismo entre a figura 06 trazida por Fernanda e a figura 07 apresentada por Nícolas. Mesmo os entrevistados significando fotografias diferentes, eles atribuem significados que se relacionam e complementam. Identificamos no discurso de Fernanda, sobre a figura 06, e no discurso de Nícolas, sobre a figura 07, que as memórias coletivas da participação em eventos foram produzidas ideologicamente no contexto acadêmico. Os alunos, ao vivenciarem suas experiências durante o curso, armazenam-nas em suas memórias, contudo, defendemos que não existe memória individual, sem que antes essa seja construída coletivamente (HALBWACHS, 1990). Desse modo, as lembranças que os alunos guardam durante o curso, foram construídas em determinados contextos sociais e históricos, e outros alunos também compartilham das mesmas lembranças. Porém, cada aluno significa essas lembranças de maneiras diferentes, apesar de elas serem construídas simultaneamente numa relação dialética. Da mesma maneira em que as lembranças não são as mesmas, os significados atribuídos a essas lembranças não são os mesmos, podendo ser em alguns momentos idênticos, complementares ou até mesmo contraditórios. Nesse momento da entrevista percebemos que os significados se completam, ou seja, apesar dos dois alunos ressaltarem a importância da publicação, Fernanda preocupa-se com a necessidade de publicar para

informar ao outro, enquanto que o discurso de Nícolas é voltado para a formação profissional. Nícolas complementa no trecho (3) que a participação em eventos enriquece o currículo. Atribuímos essa enunciação de Nícolas à sua preocupação tanto com a formação profissional como também com o futuro que, ao ingressar no mercado de trabalho ele precisará ter um bom currículo. Defendemos que esses significados foram construídos permeados pela ideologia acadêmica e pelo contexto histórico-cultural da sociedade capitalista brasileira.



Fernanda: Então, aqui é o que representa isso pra mim, é trabalhar com a saúde. Né. o psicólogo também, eu acho que tá na sua profissão trabalhar é... (2.0) com a alegria, transmitir a alegria no no espaço da saúde.

Figura 8 - “Psicologia da Saúde”

Na figura 08 trazida por Fernanda, podemos observar os significados mobilizados na enunciação da entrevistada sobre a imagem. Entre os significados enunciados estão o de trabalhar com área da saúde e com a alegria. Levando a alegria para o trabalho com a saúde. A narrativa possibilitou identificarmos nesses significados as crenças e as intenções de Fernanda (BRUNER, 1997). Em outros momentos da pesquisa a aluna fala sobre a importância da alegria em sua vida, que tudo o que ela se propõe a fazer ela faz com alegria.



Figura 9 - “O brincar promovendo saúde!!”

Fernanda: (1) O LÚDICO. no hospital, que foi uma experiência que eu aprendi bastante no hospital, a questão do psicodrama do teatro espontâneo com as crianças.

Fernanda: (2) ESSA FOTO AQUI. o momento. esse momento foi da psicologia da saúde. E. Eu quando eu tinha um sonho, antes de fazer a psicologia eu escolhi a medicina né, como tinha dito na entrevista passada. Porque eu queria lidar com a oncologia, me especializar em oncologia. (3) AÍ EU DESCOBRI que meu desejo pela oncologia era por um fato que aconteceu na minha vida que foi a perda da minha mãe. né, que ela teve câncer de estômago. (4) Então aí eu eu dizia: eu vou ser médica. E vou tratar a onco. E vou trabalhar com a onco com o câncer. (5) AÍ EU DESCOBRI que isso era uma, apenas uma forma de eu lidar com um monstro, que um terror que me acompanhava. Só que eu enfrentei esse terror, aí consegui ir pra locais que trabalhavam com isso, e percebi que não é [só a minha vontade apenas], que eu tinha outras vontades. E que eu colocava isso como primeiro ponto pelo que eu tinha vivido. Né. Queria ajudar as pessoas se curar. E que não é tão fácil assim.

No primeiro episódio do discurso de fala de Fernanda podemos identificar o que a aluna aprendeu durante o curso, com sua experiência no estágio de psicologia hospitalar. A entrevistada diz ter aprendido a utilizar o lúdico e o teatro espontâneo em atendimentos no hospital. No discurso dela podemos perceber a relação dialética entre a sua narrativa e a sua experiência, onde temos a narrativa sendo construída mediada pelas experiências, e as experiências também sendo produzidas a partir das narrativas (CUNHA, 1997). Esse processo dialético acontece a todo momento durante as entrevistas, em que os alunos constroem suas narrativas a partir das experiências, e essas experiências podem ser significadas de diferentes modos. Dessa maneira, defendemos que os estudantes se constroem como profissionais através das suas experiências profissionais. Ou seja, o aluno torna-se psicólogo no momento em que ele atua como psicólogo.

Confirmando o que a literatura apresenta sobre a importância de narrarmos nossas histórias, podemos observar nos trechos (2, 3, 4 e 5) que, ao narrar sua história de vida Fernanda organiza suas ideias, reconstrói as suas vivências de maneira reflexiva. Acreditamos que essa dinâmica proporcionou à participante, uma auto-análise que favorece novas compreensões da sua própria prática (CUNHA, 1997). Identificamos essa auto-análise realizada pela entrevistada, no episódio (5) do seu discurso, onde

Fernanda compreende a origem da intenção de trabalhar no setor da oncologia percebendo que ela foi construída a partir da sua história de vida. Quando ainda era criança, aos 09 anos de idade, a mãe de Fernanda morreu de câncer no estômago. Através da sua narrativa e da sua experiência, Fernanda percebe que a sua intenção em trabalhar com pessoas com câncer era na verdade a maneira que ela encontrou de atribuir novos significados a experiência da perda da mãe. Após concluir o estágio em psicologia hospitalar no setor da oncologia, Fernanda observa que possui outras vontades, a intenção de cursar medicina.

Retomando ao episódio (4) verificamos a dinâmica polifônica em que a entrevistada em seu discurso posiciona-se como: Fernanda – criança. Identificamos na fala da entrevistada um marcador espaço-temporal indicando o tempo em que ela era criança, ao falar da perda da mãe Fernanda dizia que ia ser médica e que iria trabalhar com a oncologia.



Fernanda: E AS CRIANÇAS é. sujeitos nos quais que eu me identifico bastante. eu entro em contato com a MINHA CRIANÇA e com as crianças que eu venha trabalhar. AS CRIANÇAS. é como falei antes é onde eu aprendi a lidar com a minha criança. Com as minhas castrações. com PROJEÇÕES minhas. transferências e contratransferências que eu vivi dentro do... Do espaço hospitalar.

Figura 10 - “Crianças, minhas maiores lições de vida!”

A identidade é um processo dinâmico e em constante transformação, que é construída nas relações sociais, na interação com o outro (CAIXETA E BARBATO, 2004). Percebemos no discurso da entrevistada referente a figura 10, que ao se posicionar como psicóloga hospitalar infantil, Fernanda identifica-se com as crianças. Atribuímos essa identificação que é construída na interação com as crianças, à história de vida da entrevistada no momento da sua infância em que ela perdeu a mãe. Através do trabalho com crianças Fernanda tenta trabalhar com aspectos que foram vivenciados durante a sua infância no contexto hospitalar, suas “castrações, projeções, transferência e contratransferências”. Nesse episódio de fala podemos identificar termos técnicos utilizados pelos profissionais da psicanálise, entre eles: castrações, projeções, transferências e contratransferências. Assim, defendemos que o sujeito mesmo

analisado sozinho, ele não é um sujeito isolado, ele continua imerso no meio social e cultural o qual faz parte, trazendo no seu discurso várias vozes (BAKTHIN, 1995). Ou seja, o discurso produzido pelos entrevistados durante a pesquisa, são constituídos pelas vozes dos professores, dos autores estudados, vozes dos colegas.



Fernanda: TRABALHO HUMANIZADO que eu gosto bastante de trabalhar com a humanização. Acho que a psicologia e a humanização elas tem que andar em conjunto.

Figura 11-“O ser ativo”

No discurso da entrevistada referente à figura 11, é enunciado que através da experiência em estágio realizado em uma creche do município de Aracaju, Fernanda percebe a necessidade da humanização no trabalho do psicólogo. A aluna ao atribuir o significado a fotografia de trabalho humanizado, a aluna apresenta o conceito de humanização que é bastante utilizado no âmbito da saúde. Percebemos que o fato da aluna trabalhar com a psicologia hospitalar, faz com que ela mobilize um significado atribuído a sua experiência na área da psicologia hospitalar para as demais áreas da psicologia. Dessa maneira a aluna percebe a humanização como um dos significados que compõem o ser psicólogo.



Figura 12 - “Na brinquedoteca trabalhamos e encontramos diversos sentimentos e formas distintas de senti-los”.

Fernanda traz a figura 12, com a legenda: “Na brinquedoteca trabalhamos e encontramos diversos sentimentos e formas distintas de senti-los”. Como todas as outras imagens trazidas por Fernanda ela contém legenda. Porém nem um dos entrevistados enunciaram sobre a imagem no momento da segunda entrevista.



Figura 13 - A estrada

Nícolas: (1) Ai agora a da estrada. essa estrada é é aquela clássica né. no caso. Que há muito caminho já percorrido, anos de estudos atrás, e e agora tipo. TAMOS acabando o curso, mas só que num tá acabando a estrada no caso. é como eu costumo dizer que um novo começo. vai acabar a graduação mas vai ter um novo começo. É um novo percurso. outra estrada que a gente vai pegar.

Pesquisadora: (2) Oh Fernanda, você visualizando assim essas fotos tem alguma de Nícolas que você gostaria de falar. que despertou alguma coisa assim em comum em você.

Fernanda: de Nícolas. Tenho.

Pesquisadora: O Que ele trouxe/

Fernanda: (4) /hum (tosse) Tenho. em em especial A ESTRADA foi que marcou. né o que realmente eu concordo com ele. A continuidade que aqui é só uma fase né. Quando a gente TERMINAR 2011 a gente já tá começando outra coisa então essa estrada continua.

Identificamos na interação verbal sobre a figura 13 uma construção coletiva que foi produzida a partir de um cânone cultural, onde a estrada em várias culturas é significada como caminho percorrido, continuidade do caminho, fazendo uma analogia a vida, as estradas da vida. Com os estudantes de psicologia não foi diferente, eles negociaram através das interações verbais esse significado que fora produzido culturalmente. Percebemos essa construção cultural no discurso de Nícolas, trecho (1) ao falar sobre a estrada ele a significa como clássica, entendemos a palavra clássica como algo que ocorre historicamente, que já possui uma tradição (HOUAISS & VILLAR, 2001). Ainda no trecho (1) Nícolas continua fazendo uma analogia entre a estrada e a sua trajetória acadêmica, caminhos já percorridos, anos de estudo atrás, nesse trecho percebemos marcadores espaço-temporais na fala do entrevistado. Onde Nícolas

posiciona-se como estudante em relação ao passado, anos atrás de estudo e ao falar sobre o final da graduação, uma perspectiva futura, Nicolas posiciona-se como psicólogo. Apesar de ser o final da graduação, o entrevistado significa como sendo o começo de uma nova estrada na figura 33.

O trecho (2) observamos que Fernanda também irá enunciar sobre a figura 13, que é uma fotografia trazida por Nicolas. A aluna enuncia que concorda plenamente com o colega, e também faz uma analogia da estrada com a trajetória acadêmica, enunciando que o curso compõe uma fase da construção do ser psicólogo, mesmo acabando o curso, o processo de formação profissional continuará. A aluna significa a estrada como processo de continuidade.



Figura 14 - Potencial

Nicolas: (1) Porque aqui é é. foi Oscar Niemeyer que fez. aí fazendo uma analogia de todas as outras obras dele como a de Brasília tal. eu tipo. eu acho importante. é é mostrar isso aqui por causa que representa eu acho que representa bem sim o potencial que a gente tem. basta a gente se propor a fazer. Tá entendendo. Eu acred. Lógico tem coisas que a gente não não tem capacidade de fazer. mais tem muitas coisas e mais do que a gente pensa que a gente pode sim fazer. massss tem momentos que a gente. (2) Ahh... isso aqui SÓ DE OLHAR. você pensa assim: Caramba! Eu não vou conseguir fazer. Mas só tipo. um texto por exemplo. um artigo cê olha assim caramba. tem que fazer esse artigo. Ah! Num vou conseguir fazer não. Num vai dar certo não isso aqui. (3) E a gente vê muito isso aqui duran. Por exemplo, eu tô terminando a monografia agora. Aí aí Eu to vendo isso porque quando peguei o tema tal pra fazer. eu coçei a cabeça assim rapaz num vai dar nada não. Vai dar merda isso aí. Eu num vou conseguir e agora que ta quase toda pronta a gente ta dando os ajustes aí eu fiquei pen. eu hoje eu tive orientação pela manhã. (4) Aí eu voltei pra casa pensando: caramba velho! Quem era eu há uns seis meses atrás. Há uns seis não há uns três quatro meses atrás quando comecei a fazer essa monografia. pensei que não ia dar certo e tá dando. Tá. já tô acabando. vou entregar a semana que vem. Aí. É daí a gente ver que a A GENTE TEM POTENCIAL BASTA se propor a fazer as coisas. eu acho que parte daí essa foto. Acho que foi mais por isso.

A figura 14, trazida por Nicolas, é a fotografia do museu Oscar Niemeyer localizado em Curitiba, projetado pelo arquiteto Oscar Niemeyer em 1967, inaugurado em 2002, com o nome de Novo Museu. A figura 14 é uma imagem conhecida nacionalmente, pertencente a um contexto histórico-cultural e que possui alguns significados imagéticos para a população de Curitiba (entre eles: as artes e também é

conhecido como museu do olho). Na entrevista Nicolas atribui um outro significado para a fotografia, o entrevistado a significa como o potencial profissional, ele associa a sua experiência como estudante de psicologia as obras arquitetônicas de Oscar Niemeyer. Esse trecho confirma o que a literatura traz sobre a perspectiva de que quem faz a imagem é o espectador e que esse espectador está situado em um contexto histórico- cultural (AUMONT, 2002). Além de construir a imagem, o espectador atribui significados que nem sempre são visíveis, pois ao visualizar a imagem o espectador, nesse caso Nicolas, utiliza a sua memória, as suas crenças e as expectativas que ele mesmo criou sobre a imagem, é como se a imagem possuísse lacunas e que o espectador fosse preenchendo essas lacunas (AUMONT, 2002). Todavia, não podemos desprezar a perspectiva dialógica onde temos a imagem construindo o espectador e o espectador construindo essa imagem.

Outro dado produzido durante a entrevista é que a fotografia 14, foi registrada em uma viagem que Nicolas realizou a um congresso nacional de psicologia em Curitiba, dessa maneira entendemos que a história da fotografia faz parte também da história acadêmica do entrevistado, sendo assim o aluno atribui a imagem fotográfica o significado de potencial profissional.

No trecho (2) do discurso observamos a dinâmica polifônica dialógica das vozes dos colegas de graduação de Nicolas e que foram internalizadas por ele. Essas vozes surgem no contexto acadêmico, segundo o entrevistado, quando é solicitado que os alunos desenvolvam um trabalho acadêmico, alguns alunos pensam que não conseguirão desempenhá-lo. Nicolas no trecho (3) exemplifica com a sua própria experiência ao produzir a monografia. No trecho (4) temos a exteriorização do discurso interno do entrevistado, nesse trecho percebemos alguns aspectos que compõem o pensamento do entrevistado. Confirmando a teoria sobre pensamento e linguagem, não acessamos o pensamento na íntegra, pois “ao transformar-se em linguagem, o pensamento se reestrutura e se modifica” (VIGOTSKI, 2009). Ainda no trecho (4) temos também dois marcadores espaço-temporais, um antes de Nicolas fazer a monografia e o segundo sobre as expectativas futuras, ao entregar a monografia. No primeiro, Nicolas desloca-se para quatro meses antes de fazer a monografia, nesse trecho o aluno enuncia a sua crença de que não iria conseguir. No segundo marcador espaço-temporal, o aluno posiciona-se em relação as suas expectativas futuras, de que já concluiu e que irá entregar a monografia semana que vem. O entrevistado finaliza o

discurso verbalizando a sua crença de que todos nós temos potencial, basta nos propôr fazermos as coisas.



Nícolas: (1) Xovê. Essa daqui é de um de um rapaz. (2) OLHA, essa daqui eu tentei representar bem a questão que é fundamental na psicologia: a questão da observação. Observação. (3) OUTRA COISA TAMBÉM é que não dá pra se ver daí, mas no caso é uma visão ampla. Ter uma visão ampla digamos assim, de 360°, de de toda a questão no caso.

Figura 15 - Observação

Nícolas enuncia no trecho (1) uma brincadeira que faz com ele mesmo. Como fora mencionando na entrevista passada, Nícolas se considera uma pessoa tímida, assim, podemos observar que o aluno se posiciona, em seu discurso, como se estivesse falando de uma outra pessoa, de um outro rapaz que não seja ele. Percebemos que Nícolas aparece em poucas fotografias trazidas por ele. Dessa forma defendemos que seja mais fácil para Nícolas falar sobre si através de figuras onde ele não aparece. Podemos observar durante a pesquisa que o aluno fala bastante sobre si mediado pela figura 05 (fotografia do pássaro).

No episódio (2) o entrevistado atribui o significado de observação à construção do ser psicólogo. A observação é considerada por ele uma ferramenta fundamental para o trabalho do psicólogo. Durante o curso os alunos são treinados a observar. Ao verificarmos a grade dos cursos de psicologia constatamos a presença de disciplinas como “Técnicas de observação psicológicas”, no que defendemos que, a observação faz parte da cultura da profissão. Podemos também relacionar o significado da observação às figuras (06 e 07). Durante a experiência dos entrevistados como alunos de iniciação científica, eles perceberam que a observação também é um instrumento utilizado nas pesquisas, e muitas se iniciam a partir da observação de um fenômeno. Dessa maneira, temos a relação dialógica em que os alunos se constroem como psicólogo através da experiência com a pesquisa, e a pesquisa também contribui para que o psicólogo se construa como profissional.

No trecho (3) Nícolas significa que o profissional da psicologia deve ter uma visão ampla da questão. Esse significado também é atribuído à cultura da profissão. Ao analisar um estudo de caso, o profissional deve se ater inicialmente a todas as

possibilidades. Com o desenvolvimento do atendimento ele irá direcionando as suas hipóteses afim de diagnosticar o caso e aplicar técnicas psicoterápicas buscando uma melhora do paciente.

Durante a entrevista os participantes relacionam a figura 16 com a figura 08, atribuindo-lhes significados semelhantes. Dessa maneira, podemos observar nas interações verbais que ocorreram durante a entrevista, o dialogismo entre os significados imagéticos. Dessa forma organizamos as imagens em sequência, acompanhadas por seus respectivos discursos, e em seguida temos a análise geral das informações.



**Figura 16 - Única imagem intitulada por
Nícolas: “galera do 4º período na simulação”**

Nícolas: (1) Essa daqui eu trouxe mais representando duas coisas, só porque eu não sei se vai dá pra falar assim. Pra Entender mas, PRIMEIRO a questão de novas experiências, trazer a. isso das novas experiências. Aprender novas coisas. Vocês notem que a gente tá aqui cada um com um dos órgãos do sentido, é incapacitado. Digamos assim. Aí trazer novas experiências. para, até pra que na nossa prática, a gente seja capaz de ter um pouco de empatia com o outro que que passe por essa situação. (2) outra coisa que eu queria representar aqui seria os LAÇOS DE AMIZADE mesmo assim. O ami amigos. ami a Amizade que se desenvolve aqui dentro do curso. E não dá pra perceber na foto. mas. A OS MOMENTOS DE OBA OBA também, que na graduação a gente não é só cem por cento estudo, e a gente sabe né, é, tem os momentos de oba oba, os momentos de zueira, de brincar e tal, até pra a desse jeito a gente dá conta. Se for só estudo eu acredito que a gente não dá conta disso tudo. No caso eu acho que é, eu falei bem o que eu tinha em mente.

Fernanda: (3) é isso aqui. Né. a questão das novas experiências. De. é essa experiência aqui, possibilitou a gente a DESCOBRIR que nós somos CAPAZES de utilizar outras coisas que a gente não não tinha despertado antes, no caso, eu. fiquei sem usar os braços, então teve uma hora que eu precisei muito ir ao banheiro. No começo eu comecei a prender. Mas teve uma hora que eu não tava e não podia mais prender né, e PRECISEI DA AJUDA, da ajuda de outra pessoa né, e fui me virando com com sozinha também.



Figura 08 “Psicologia da Saúde”

Fernanda: (4) Eu acho que essa minha foto se identifica com a dele, com relação a isso. a questão da experiência.né. Os laços que nós construímos na universidade e das dificuldades também que [...] (5) e é uma prova de que mesmo com as dificuldades, quando a gente tem determinação e CRIATIVIDADE não é, a gente consegue levar as coisas.

Nícolas: (6) só acrescentar uma coisa aqui que só me veio na cabeça agora, também que isso aqui foi importante porque a gente aprendeu. Se a gente for tipo fazer uma analogia com experiências mai maiores mais amplas. A gente aprendeu a a resolver situações, resolver problemas de formas alternativas. Não ficar. Só, Tipo tipo, você atender o telefone é muito normal, cê pega aqui mas e aí, com os braços amarrados, com os braços imobilizados como é que faz? Aí aprende novas formas

A figura 16 trazida por Nícolas é significada no trecho (1) no discurso do entrevistado como “a questão das novas experiências”. O entrevistado afirma que o fato de alguns alunos do curso de psicologia viverem a experiência de ficar algumas horas sem poder falar, ou sem poder utilizar os braços, ou sem poder andar, ou sem poder enxergar, faz com que o psicólogo tenha um pouco de empatia pelas pessoas com algum tipo de deficiência. Dessa maneira, não devemos analisar os significados que os entrevistados dão às experiências, mas também observar o uso destes significados na prática (BRUNER, 1997). Assim, devemos interpretar a forma como os alunos constroem os significados, não somente através da sua fala, mas também na forma como ele se comporta e interage com o meio, pois é na interação que os significados são construídos. Podemos observar no episódio (3), que Fernanda complementa o significado de Nícolas, concordando com o significado atribuído pelo colega sobre as novas experiências. Ainda no trecho (3) identificamos no discurso de Fernanda como ocorreu a construção desse significado através da interação dela com o meio. Ao ficar com os braços imobilizados, a aluna precisou ir ao banheiro tentando, no início, segurar a vontade, mas chegou o momento em que ela teve que pedir ajuda a uma colega. Ela teve que pedir ajuda para a uma colega e, ao fazê-lo, a aluna, através da interação, significou a experiência e percebendo também como é não conseguir utilizar os braços, ou até mesmo não ter braços e precisar da ajuda de outras pessoas.

Na figura 08 podemos observar, no discurso dos alunos, que eles também a significam como a questão da experiência, e esse significado imagético, foi construído pelos interlocutores através da negociação durante a entrevista. No início da entrevista Fernanda atribuiu à figura 08 o significado de trabalhar com área da saúde e com a alegria. Porém, sabemos que é através do encontro com o discurso do outro que as negociações acontecem (BRUNER, 1997), e é a partir das negociações que os novos significados são produzidos através do dialogismo. Ao ouvir o discurso de Nícolas sobre a fotografia 16, Fernanda atribui um novo significado para figura 08: a questão da experiência.

Fernanda produz o seu discurso no trecho (4) mediado pela enunciação de Nícolas no trecho (2) sobre os laços de amizade que são construídos durante o período da graduação, em que consideram importante a socialização com os colegas. Nícolas acrescenta em seu discurso do trecho (2) que, além dos momentos de estudos há os de descontração. Observamos ainda no final deste trecho a preocupação de Nícolas em expressar o seu pensamento quando ele enuncia que era isso que ele tinha em mente. De acordo com a teoria defendemos que, através das narrativas não acessamos o pensamento dos entrevistados na íntegra, mas conseguimos identificar aspectos do pensamento, observando também como os entrevistados atribuem significados às experiências (VIGOTSKI, 2009).

Durante a experiência vivenciada pelos alunos na figura 16, outro significado foi construído na interação verbal dos participantes. Após vivenciarem momentos de limitação física eles mobilizaram o significado: “aprender a resolver as situações de novas maneiras”, tanto para as cotidianas como também as profissionais que possam vir a ocorrer. Assim, podemos observar a experiência mediando a construção de novos conhecimentos, e, nesse caso, as novas formas de solucionar problemas.



Figura 17 - “Humanizar”

Nícolas: (2) o que eu queria dizer no caso seria assim, a IMPORTÂNCIA de a gente GOSTAR primeiro, antes de tudo gostar do que a gente tá fazendo, GOSTAR do que. da profissão que a gente tá se propondo a exercer e, dis dis desenvolvê-la por com prazer. Não desenvolvê-la apenas com com, digamos assim, como forma de SSSOBREVIVER, mas como forma de viver digamos assim, de de não uma forma só de obter dinheiro, mas uma forma de obter prazer. Eu acho que antes de tudo. isso é importante pra pra na escolha de uma profissão.

A figura 17 foi trazida e intitulada por Fernanda como “Humanizar”. A aluna, nessa entrevista, não enuncia sobre a fotografia. Todavia Nícolas, em seu discurso, atribui o significado imagético da importância de gostar de tudo o que nós fazemos inclusive da profissão. Nesse turno de fala percebemos que o entrevistado expõe suas crenças, que foram construídas culturalmente.

4.3. Análise da entrevista coletiva mediada pelo álbum de fotografias

Para a análise dos dados construímos o mapa de significados, de acordo com a metodologia utilizada na pesquisa, seguindo o mesmo critério metodológico dos dois mapas referentes às entrevistas anteriores. Contudo, o mapa que segue na figura 4, apresenta algumas diferenças em relação aos mapas anteriores. Nestes tínhamos as cores: roxa, verde claro, verde escuro e laranja. No mapa (figura 18) não aparece mais a cor roxa, pois nessa entrevista os participantes não produziram significados referentes ao momento antes de cursarem a graduação em psicologia. Nessa entrevista os alunos constroem os significados que foram desenvolvidos ao longo do curso, e que foram construídos a partir das dinâmicas dialógicas e polifônicas entre as narrativas e as imagens do álbum de fotografias (físicas e simbólica). Esses significados construídos nas entrevistas, referentes ao longo do curso, predominam no mapa na cor verde escuro. A cor verde claro representa a dinâmica da construção dos significados do ser psicólogo. A cor laranja representa os significados referentes às expectativas futuras, que também aparecem na figura 3, mas em menor proporção em relação aos mapas anteriores. Outra diferença desse mapa é a posição em que os significados se encontram. No lado esquerdo dele, estão os significados referentes às primeiras fotografias do

álbum que foram narradas. Os significados do centro e da esquerda verde escuro são referentes às fotografias do meio álbum narrado, e as fotografias do final do álbum, na ordem em que foram narradas, respectivamente.



Legenda:

- Significados construídos ao longo do curso
- Construção dos significados do ser psicólogo
- Significados das expectativas futuras

Figura 18 - Significados do ser psicólogo na entrevista mediada pelo álbum de fotografias.

O álbum de fotografias foi construído e organizado de acordo com o que foi discutido na entrevista anterior, que foi coletiva e mediada pelas fotografias. Podemos observar que alguns significados atribuídos às fotografias na entrevista passada permaneceram, e outros foram modificados nesse momento da pesquisa. Os participantes organizaram o álbum em uma primeira sequência e narraram a entrevista

mediada pelo álbum, na posição oposta a do álbum, ou seja, de trás para frente. Sendo assim, a enumeração das figuras correspondem ao álbum narrado.

Sequência como o álbum de fotografias foi montado e como os alunos o apresentaram no início da entrevista. Observação: segue a ordem das fotografias como o álbum foi montado, porém as figuras estão enumeradas conforme o álbum foi narrado dando continuidade à lista de figuras do trabalho:

1ª Fotografia: Figura 33: A estrada da nossa vida => 2ª Fotografia: Figura 32: Reflexão
=> 3ª Fotografia: Figura 31: Observação => 4ª Fotografia: Figura 30: Reflexão => 5ª
Fotografia: Figura 28: Desafios => 6ª Fotografia: Figura 27: Formação profissional =>
7ª Fotografia: Figura 26: Experiência na pesquisa => 8ª Fotografia: Figura 25: Potencial
e inovação => 9ª Fotografia: Figura 24: Respeitar o outro => 10ª Fotografia: Figura 23:
Trabalhar com o que gosta => 11ª Fotografia: Figura 22: Práticas educativas=> 12ª
Fotografia: Figura 21 => Trabalhar com alegria, o não julgar => 13ª Fotografia: Figura
20: Confiança e segurança => 14ª Fotografia: Figura 19: Servir-humanizar.



Após os alunos apresentarem o álbum construído coletivamente, eles negociam com a pesquisadora e decidem narrar sobre o álbum de trás pra frente, na sequência:

1ª Fotografia: Figura 19: Servir- Humanização => 2ª Fotografia: Figura 20: Confiança e segurança => 3ª Fotografia: Figura 21: Trabalhar com alegria, o não julgar => 4ª Fotografia: Figura 22: Práticas educativas => 5ª Fotografia: Figura 23: Trabalhar com que gosta => 6ª Fotografia: Figura 24: Respeitar o outro => 7ª Fotografia: Figura 25: Potencial e Inovação => 8ª Fotografia: Figura 26: Experiência na pesquisa => 9ª Fotografia: Figura 27: Formação profissional => 10ª Fotografia: Figura 28: Desafios => 11ª Fotografia: Figura 29: A barragem (Imagem simbólica) => 12ª Fotografia: Figura 30=> Reflexão => 13ª Fotografia: Figura 31: Observação => 14ª Fotografia: Figura 32: Reflexão => 15ª Fotografia: Figura 33: A estrada da nossa vida.



Podemos observar que essa versão em que o álbum foi narrado, contém uma fotografia a mais. Nicolas narrou sobre a fotografia da barragem (figura 29), que ele gostaria de acrescentar no álbum.

Pelo exposto, apresentamos as análises da entrevista mediada pelo álbum de fotografias seguindo a sequência em que o álbum foi narrado, de trás para frente.

	Nícolas: olhe, desde o primeiro dia que eu vi uma. eu comecei a pensar uma coisa dessa foto mas não sabia se falava ou se ia ser besteira ou não. Pesquisadora: não, fale. Pode falar. Nícolas: assim a impressão. Não sei se é viagem minha. Mas assim, dá a entender também assim. Como elas tão servindo alguma coisa. é fazer essa analogia que a gente também e, tá pra servir o outro. No sentido de ajudar tal. <u>Assim servir servir mesmo assim.</u> não sei se é besteira isso. Pesquisadora: não. De jeito nenhum/ Fernanda: /tanto que quando eu falei foi a questão da humanização mesmo. né Por que eu escolhi essa foto. Porque eu acho que a psicologia tem um vínculo muito com humanizar né? O humanizar promove saúde né. Práticas educativas. <u>NA CLÍNICA</u> o profissional fica um pouco mais restrito. Devido a uma outra postura que ele adota. Que ele deve ter. Nícolas: de acordo com a abordagem. Fernanda: isso! ISSO! Nas instituições. É creches. Postos de saúde. É escolas né?. O psicólogo também participa de tais eventos. Então no caso por exemplo, datas comemorativas. A GENTE PODE FALAR DA HUMANIZAÇÃO. É Nícolas: exato.
--	--

Figura 19 - Servir- Humanização

Podemos observar que a entrevista passada mediada por fotografias, foi finalizada com a figura 17, intitulada por Fernanda por “Humanizar”, porém na entrevista passada foi encerrada com esse significado. Nesse momento da entrevista observamos que os alunos retomam com o mesmo significado humanizar. Também verificamos que o intervalo de uma entrevista para outra, fez com que os alunos continuassem a refletir sobre os significados do ser psicólogo, após refletirem sobre as entrevistas passadas passam a elaborar os significados do ser psicólogo.

Assim, observamos no discurso dos entrevistados referente à figura 19 que Fernanda complementa os significados de Nicolas sobre a fotografia, onde Nicolas tem uma percepção de que o psicólogo está ali para servir o outro. Defendemos que o aluno constrói esse significado do ser psicólogo no contexto histórico-cultural, pois até um tempo atrás o profissional de psicologia, trabalhava de forma mais restrita em seu consultório. A construção da identidade do psicólogo foi influenciada pelo contexto histórico brasileiro, em que os fatores sociais contribuíram para a construção social do mesmo, inserindo o seu trabalho nas comunidades (BOCK, 1999). Todavia, na atualidade, alguns profissionais estão trabalhando na comunidade, em escolas, creches, postos de saúde, Centros de Atenção Psicossociais (CAPS). Nesse contexto, os alunos atribuem o significado de servir o outro. Assim, podemos entender nesse momento o outro como sendo a comunidade. Fernanda acrescenta que a profissão também está atrelada à humanização que, além de servir, o psicólogo promove saúde através das práticas educativas, porém a aluna enuncia que esses significados também estão atrelados ao psicólogo social, enquanto que o psicólogo clínico segundo Fernanda possui uma atuação restrita.

	(1)Fernanda: Que eu acho que eu vou trabalhar com crianças. Eu acho que eu vou trabalhar. E QUE como eu disse, <u>com elas eu descobri a criança que também ta em mim né?</u> que a gente sabe que cada um tem uma criança até hoje. quem sabe os conflitos. Os medos. As angústias que nós tivemos (...) na infância. São coisas que a gente carrega pra vida inteira, como diz Piaget, é a fase, uma fase do desenvolvimento muito importante. (2)Pesquisadora: e como é essa criança que você encontrou? Fernanda: EM MIM? HÁ! Pesquisadora: em você, ao trabalhar com criança? (3)Fernanda: uma criança é. Que precisa de
--	--

	atenção, que sempre faz as coisas assim. Que faz muitas às vezes as coisas pra chamar a atenção. Pra receber um elogio. Um reforço. NÃO material. <u>Mas um reforço muitas vezes social.</u> Como um elogio. Um abraço. Um beijo. Um carinho. Um sorriso, o perceber dessa criança. É uma criança que tem que aprender ainda a desapegar de certas coisas assim, A SABER que o outro vai, entendeu? <u>MAS que outros vem.</u>
	(4) Pesquisadora: então, ao entrar em contato com essas crianças é como se você tivesse revivendo.
	Fernanda: hum rum.
	(5) Pesquisadora: E você Nicolas?
	Nicolas: não. Eu não colocaria nem a criança. <u>mas a confiança do outro e assim, a segurança e a confiança. A segurança que a gente tem DEVE transmitir e a confiança do do outro em relação a nossa atuação.</u> Aí esse outro, entenda, não como criança mas como um paciente na clínica. Um trabalhador na organizacional. Algum aluno na psicologia da da escolar. Essa essa questão mais assim. De disso mesmo da segurança do outro em relação à nossa atuação. Acho que é mais isso. E se acontece em todas essas questões de que já envolve crianças mesmo, mais de ternura, fragilidade essas coisas.

Figura 20 - Confiança e segurança

Identificamos diferentes significados atribuídos à figura 20. A imagem fotográfica trazida por Fernanda impacta os entrevistados da seguinte maneira: para Fernanda significa a sua vontade de trabalhar com crianças, enquanto Nicolas significa a imagem como a relação psicoterapeuta e paciente, sendo uma relação onde o psicoterapeuta passa segurança através do seu desempenho profissional para o paciente, e o paciente demonstra confiança na atuação do profissional. Percebemos uma mobilização de significados, e isso acontece pelo fato do significado ser construído no momento da interação verbal (BAKTHIN, 1995). Dessa forma, temos o contexto como a entrevista aconteceu, as histórias de vida dos entrevistados, a pesquisadora e a imagem, estando esses aspectos em um constante dialogismo, que favorecem a mobilização dos significados.

No episódio (1) observamos que Fernanda justifica o porquê de ter colocado a fotografia no álbum, afirmando que irá trabalhar com crianças. Segundo a entrevistada, ao entrar em contato com as crianças, ela entra em contato com a criança que existe nela. Relacionamos o trecho (1) do discurso de Fernanda com a sua história de vida.

Durante as segunda e terceira entrevistas, Fernanda evoca episódios da sua infância, entre eles, o fato de ter perdido a mãe com 09 anos de idade, o irmão mais novo sem entender o que tinha acontecido com a mãe, o não poder chorar a perda da mãe na frente do irmão para ele não ficar triste. Os medos e as angústias de Fernanda nessa etapa do seu desenvolvimento fazem com que ela rememore a sua infância ao trabalhar com crianças.

No episódio de fala (2), observamos a negociação entre a pesquisadora e a entrevistada sobre como é a criança que Fernanda encontra no momento em que está trabalhando com elas. Ainda na interação verbal do trecho (2), identificamos tanto a pesquisadora posicionando Fernanda como criança, com também a entrevistada colocando-se como a criança que nela existe. Assim, defendemos que os posicionamentos são construídos durante as interações com o outro (DAVIES E HARRÉ, 2001), e os interlocutores, através das dinâmicas de interações verbais, posicionam o outro durante o discurso. No trecho (3) percebemos que Fernanda, ao se posicionar como uma criança, necessita de atenção, e faz coisas para receber em troca um reforço social, um elogio, um reconhecimento, um beijo, um abraço, um carinho, um sorriso. Ainda posicionando-se como criança Fernanda enuncia que:

É uma criança que tem que aprender ainda a desapegar de certas coisas assim. A SABER que o outro vai. Entendeu? MAS que outros vêm.

Relacionamos a enunciação acima, do momento da infância em que Fernanda perdeu a mãe, pudemos observar durante as entrevistas que essa fase da aluna é significada diversas vezes em seus relacionamentos. Ao falar sobre o apego, ela explica que essa criança AINDA precisa aprender a se desapegar de certas coisas, a entender que o outro vai, mas que outros vêm. Identificamos que o desapego é significado de diferentes maneiras por Fernanda em seus relacionamentos. Durante a primeira entrevista ela fala sobre uma discussão com sua colega de sala, e o quanto foi difícil para ela decepcionar-se e desapegar-se da colega. Nessa última entrevista, a participante evoca e narra o quanto sofreu com o término do seu primeiro namoro, o quanto foi difícil o desapego. E, ainda nessa entrevista Fernanda narra a perda da sua primeira paciente do setor de oncologia em um hospital privado no município de Aracaju. Ela fala que sofreu muito com a perda da paciente e que o seu orientador de estágio pediu para que ela se afastasse, pois ela tinha se envolvido bastante com a criança.

Defendemos que ao ouvir a si mesmo, a narradora pode teorizar sobre sua própria existência (CUNHA, 1997), que nesse caso Fernanda teoriza sobre seu trabalho como psicóloga, e como ela se posiciona ao trabalhar com as crianças.

No trecho (4) temos mais uma negociação sobre o significado que a pesquisadora atribuiu ao discurso de Fernanda no trecho (3), perguntando se no momento em que ela está trabalhando com as crianças é como se ela estivesse revivendo a própria infância, no que a aluna responde concordando com a pesquisadora, utilizando em sua linguagem um indicador emocional “hum rum”.

No episódio (5), temos a interação verbal entre a pesquisadora e Nicolas sobre os significados que ele atribuiu à imagem fotográfica trazida por Fernanda. Nicolas associa a figura 20 à relação entre o psicólogo e o paciente. A criança para ele significa a fragilidade, a vulnerabilidade do paciente, e que o psicólogo deve passar segurança para o paciente no momento da interação, e este por sua vez, deve demonstrar confiança no profissional. Nesse episódio, podemos observar as transformações nas relações entre os significados expressos nos discursos.

	(1) Nicolas: <u>é a importância do sorriso. De se fazer não só por fazer, mas se fazer com amor, se fazer o que GOSTA.</u> Não porque no final do mês você vai ganhar alguma coisa em troca. Tá entendendo? Eu (2) acho que mais CLARO. Isso é importante também. Porque amor não enche barriga. Mas tipo. (3) Se se você faz uma coisa com amor. Não só os frutos. A sua produção vai ser melhor. Em relação à qualidade. Pode ser até ser que não seja em relação à quantidade. <u>Mas a qualidade com certeza vai ser.</u> Não é só isso, mas também você. Quando terminar você vai ser. Vai tá se sentindo realizado. (4) Não vai ser aquela coisa alienada. Que você fez e você não sabe nem porque fez. Você simplesmente fez porque tava no manual que tem que fazer assim e pronto. Você fez e pronto. Agora voe vai esperar o salário no final do mês. Eu acho que num é, num rola bem assim. Eu acho que é mais do que isso, tem que ser mais do que isso. Se não, eu acho que não vale a pena. (5) Pesquisadora: e você Fernanda? Fernanda: Ah! Nicolas tava falando aí. Aí eu assim. Pegando as palavras dele e, realmente. Ele falou alegria né? Aí essas fotos aqui. Essa. Essa. Essa. Todas. a gente, tá todo mundo rindo. Sorrindo. Aí tem uma música do circo de Solei. Umas da da abertura né que fala: alegria. Com o palhaço que brinca alegria (cantando). [...] (6) Fernanda: [...] Mas eu comecei a perceber que depois disso, desse trabalho com a psicologia da saúde, eu comecei a levar pra minha vida
---	--

	realmente. Assim, profissional. É. Essa alegria, esse amor. É. <u>EU ACHO QUE É MUITO IMPORTANTE que o outro perceba nos seus olhos, que você olha pra ele e que dê a confiança. Uma criança. Um adulto.</u> (7) Eu tô prestando atenção no que você está passando [...] [...] Não tô te julgando. Tudo que a gente aprende da do julgamento. Do não julgar. Do da aceitação. É tão importante você falar. A pessoa pode tá dizendo: olha, essa noite eu tentei me matar. Só o fato de você tá assim, olhando pra ela, a gente tá um olhando pro outro agora né? Dá mais confiança, A PESSOA fala mais.
--	---

Figura 21 - Trabalhar com alegria, o não julgar

Nesse momento da pesquisa, podemos observar que os alunos retomam aos significados atribuídos à entrevista passada a figura 17, mesma fotografia da figura 21. E ao retomar aos significados da entrevista anterior os alunos avançam nas discussões sobre: trabalhar com o que gosta, trabalhar com alegria, trabalhar para obter prazer. Dessa forma, no trecho (1) identificamos os primeiros significados atribuídos por Nicolas à figura 21, entre eles: a importância do sorriso, da alegria e do amor ao exercer a profissão, ao fazer o que se gosta. No trecho (5) Fernanda inicia sua enunciação fazendo referência ao discurso de Nicolas trecho (1) concordando com os significados que foram atribuídos pelo colega. Podemos verificar que esses significados também foram construídos na segunda entrevista mediados pelas fotografias, e são construídos permeados pelas crenças culturais dos entrevistados (BRUNER, 1997).

No episódio (2), observamos a dinâmica polifônica, onde temos o discurso de Nicolas sendo permeado pelo ditado popular que foi internalizado pelo estudante. Na primeira entrevista o aluno cita o mesmo ditado popular e enuncia que escuta muito a sua sogra repetir que: “amor não enche barriga.” Pudemos identificar durante as análises das entrevistas que esse ditado popular é significado por Nicolas tanto nas suas vivências pessoais como também profissionais. Dessa forma, defendemos que o discurso é construído por diversas vozes (BAKHTIN, 1995), vozes essas que no momento da interação são significadas e internalizadas por nós.

No trecho (3) Nicolas atribui à figura 21 o significado de desempenhar com qualidade as atividades profissionais, ao realizá-las com amor sente-se realizado, e esse mesmo significado foi atribuído por Fernanda a figura 19. Assim, percebemos que esses

significados são construídos permeados pela cultura e as crenças dos alunos (BRUNER, 1997).

Nícolas segue seu discurso no trecho (4) criticando o modelo capitalista e a alienação. O aluno, no momento da entrevista, não estando ainda inserido no mercado de trabalho, não atribui ao trabalho apenas o valor do salário, mas também a necessidade do profissional estar refletindo o que está fazendo e não seguindo manuais. Assim, associamos esse trecho ao significado atribuído às figuras 04 e 05 da segunda entrevista. Segundo os participantes, a reflexão deve estar tanto na sua vida pessoal como também profissional. Verificamos mais uma vez o pensar e o refletir sobre a atividade profissional como significado novamente atribuído à profissão.

Fernanda enuncia no trecho (6) que, após a experiência de realizar o trabalho com a psicologia da saúde, começa a utilizar a alegria na sua atividade profissional. No discurso do trecho (7) podemos observar as mudanças de posicionamento da entrevistada. Fernanda inicia o seu discurso posicionando-se como psicóloga, depois percebemos que a mesma posiciona-se como aluna, enunciando o que aprendeu durante o curso, e como deve agir durante o atendimento psicológico. Percebemos ainda a dinâmica polifônica na qual a entrevistada constrói o seu discurso através das vozes dos seus professores, e entendemos os professores como um dos mediadores da construção do profissional psicólogo.

	(1) Fernanda: Desde o segundo período eu venho fazendo trabalhos com crianças. Então, eu já tinha percebido. E esse foi o ponto chave. (2) E essa foto aqui tem uma história. Aqui foi um dos primeiros fantoches, que a gente... dos primeiros FANTOCHES com luvas que a gente fez. No no * fala o nome do Hospital. (3) Lilica era gordinha. Gostava de comer tudo. Tanto as verduras como as frutas. E tam. Mas também gostava de muitas guloseimas. <u>Então as histórias eram baseadas nisso.</u> Ela... Ela gostava de comer tanto que tinha dores de barriga fortíssimas ranranra(risos). Então, eram práticas educativas.
---	---

Figura 22 - Práticas educativas

No trecho (1) a entrevistada enuncia que através das experiências práticas durante o curso, ela começa a perceber que irá trabalhar com crianças, sendo assim,

entendemos a experiência como um dos mediadores da construção do ser psicólogo, e os alunos, por meio das experiências, se constroem como profissionais. Enquanto que nos trechos (2) e (3) a aluna narra a história da fotografia e do fantoche Lilica, respectivamente, essas histórias são compostas pelos significados que também fazem parte da história profissional de Fernanda e pelos significados que foram mobilizados no momento da fotografia (BORGES E LINHARES, 2008). Durante a narrativa sobre a figura 22, Fernanda posiciona-se como psicóloga hospitalar infantil, intervindo através das práticas educativas. Outro significado mobilizado nesse momento da entrevista foi a promoção de saúde através das práticas educativas. Além disso, esse significado atribuído pela aluna ao ser psicólogo é um significado multidisciplinar, pois envolve conceitos da área da saúde e da educação.

Podemos perceber que há uma mobilização desses significados atribuídos à figura 22 durante toda a pesquisa. Tanto o significado das experiências como um dos mediadores da construção do ser psicólogo, como também as práticas educativas como uma das funções também desempenhadas pelo psicólogo para a promoção de saúde.

Quando perguntamos aos participantes se eles gostariam de retirar alguma fotografia do álbum eles disseram que não. Porém, quando perguntamos se tinha alguma fotografia que eles não se identificavam, Nicolas folheou o álbum e escolheu a figura 23:

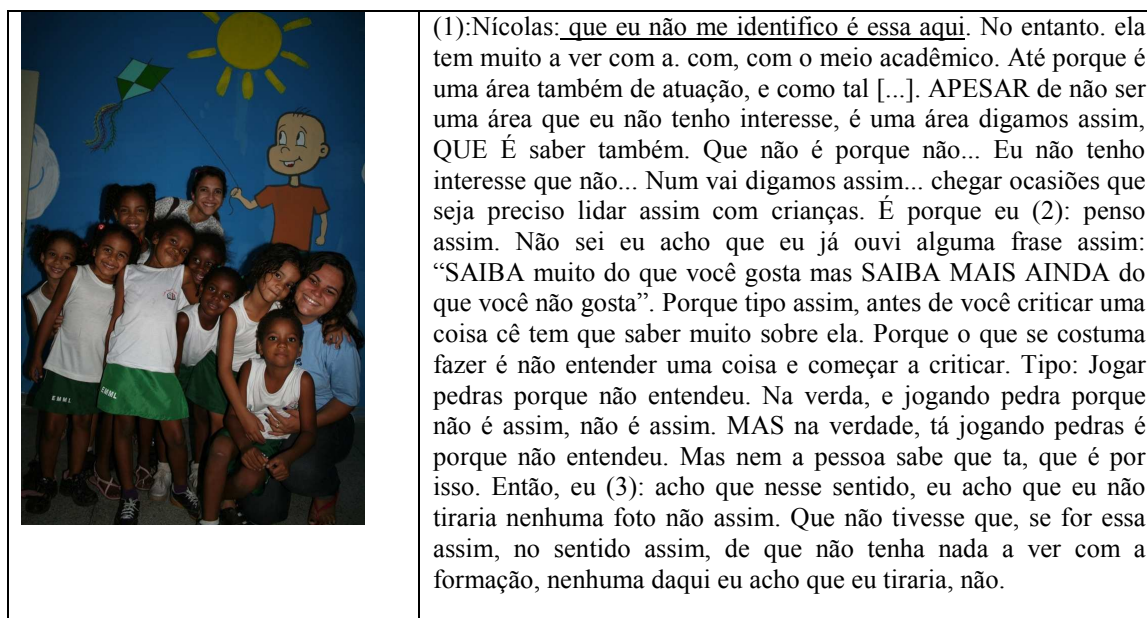


Figura 23 - Trabalhar com o que gosta

O discurso referente à figura 23 apresenta a tensão no diálogo, de um lado temos o discurso de Nicolas falando sobre “o não se identificar com o trabalho com

crianças”, enquanto que durante a entrevista Fernanda narra sobre a história da fotografia que também faz parte da sua história de vida. Para Fernanda a figura 23 significa a realização de trabalhar com crianças e uma satisfação em doar-se para o outro.

Contudo, Nícolas em seu discurso enuncia que, “apesar de não se identificar com a foto”, a figura 23 faz parte do contexto acadêmico, em que o psicólogo também trabalha com crianças. O fato dele não gostar, não faz com que ele critique a área do conhecimento. No episódio (2) Nícolas apresenta em seu discurso a concretização aberta da polifonia, ou seja, outras vozes construindo a voz do entrevistado. Essa voz foi construída culturalmente e, através da fala, Nícolas expressa os seus valores em relação ao conhecimento profissional, de que antes de criticar algo é preciso que o conheça muito bem. Para o aluno, não devemos criticar algo só porque não gostamos ou não entendemos; primeiro é necessário conhecer para depois podermos criticar algo.

No trecho (3) observamos no discurso do entrevistado que, por mais que ele não tenha interesse em desenvolver trabalho com crianças, ele não tiraria a figura 23 trazida por Fernanda, pois também se reconhece nela como profissional. Ou seja, Nícolas compreende que o trabalho com crianças também faz parte do trabalho do psicólogo. Assim, defendemos que o curso de psicologia possui uma memória coletiva, e que essa memória é construída dialogicamente pela história da profissão, a história do curso e a história dos alunos. Os alunos, ao frequentarem o curso, entram em contato com as diversas linhas teóricas e os diversos campos de trabalho do psicólogo, e ao interagirem com as diversidades da psicologia, eles a reconhecem também como fazendo parte da sua história profissional.

	(1):Fernanda: [...] Veja só, a porta, é o nosso principal instrumento no hospital. É um dos principais é. elementos, não instrumentos. <u>A PORTA é o respeito</u>. É o limite. No caso do outro, NA PORTA elas vão ver que somos o que? Palhaços. Ou até mesmo que parece, né o (2):nariz de palhaço. E a criança ou o adulto. que vai permitir se você vai entrar ou não. E é na porta que você vai ter mesmo o contato maior. (3): <u>É o seu sorriso</u>. É o seu baixar a sua posição, como é importante pra uma criança que está assim. Você tem que se comunicar assim. Ou então, um adulto que está, até um pai que está acompanhando, você chegar e olhar na
--	--

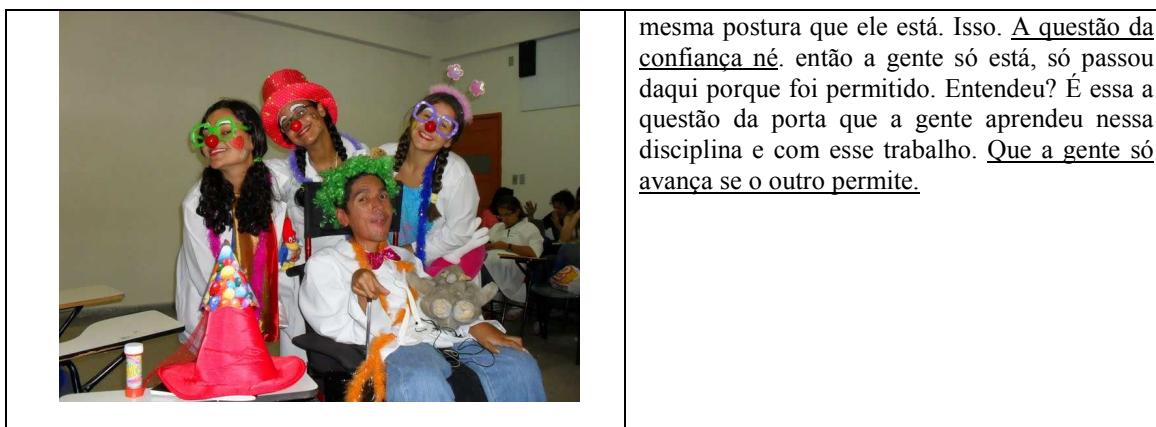


Figura 24- “Respeitar o outro”

Durante a pesquisa os alunos negociaram e atribuíram diversos significados para a figura 24, mesma imagem fotográfica da figura 08, da entrevista com fotografias. Entre os significados produzidos anteriormente, pelos alunos temos: trabalhar com alegria, trabalhar com a psicologia da saúde, as experiências e os laços de amizade. Percebemos que esses significados vão sendo modificados ao longo da pesquisa. Além disso, observamos também que tanto as narrativas vão construindo a imagem como a imagem também vai construindo a narrativa, há uma complementariedade entre a narrativa e a imagem, (LEITE, 2001; JOLY, 1996), em que a narrativa irá direcionar o sentido o qual a imagem será compreendida.

No trecho (1) Fernanda atribui um novo significado para a figura 24. Durante a sua narrativa direciona o sentido da imagem para o respeitar o outro, como significado do ser psicólogo, e a porta do quarto do hospital como sendo a fronteira entre o psicólogo e o paciente. O primeiro contato é estabelecido no momento em que o psicólogo chega à porta do quarto, e se o paciente é receptivo e autoriza a entrada do psicólogo o vínculo é estabelecido.

No trecho (2) a aluna posiciona-se como “doutora da alegria”, onde fantasiada de palhaço irá interagir com os pacientes e os pacientes a reconhecem também como palhaço, e não como psicóloga. Relacionamos a enunciação do trecho (2) com a figura 09 da segunda entrevista, onde a aluna atribui o lúdico como um dos significados do ser psicólogo.

No trecho (3) percebemos no discurso de Fernanda que, através do atendimento psicológico no hospital, ela coloca em prática o que foi aprendido durante o curso. Nesse momento ela narra como se colocar durante a interação com os pacientes e estabelecer vínculo. No final do seu discurso a aluna retoma ao que foi enunciado no

trecho (1), em relação ao respeito: “Que a gente só avança se o outro permite”. Mais uma vez temos o ser psicólogo sendo construído na interação com o outro.

	1: Nicolas: rapaz é. Um. Eu acho que pra mim continua sendo, <u>representando essa questão de possibilidades</u>, do potencial pra gente. Aí pode fazer. A gente pode ter bons frutos na nossa atuação. <u>Basta a gente querer e fazer com amor</u>. É... eu acho que é basicamente isso assim. (2): Pesquisadora: e você Fernanda? Fernanda: é. Também é isso pra mim. A construção né? INOVAR.
---	--

Figura 25 - Potencial e Inovação

Sobre a figura 25, Nicolas no trecho (1) retoma ao significado imagético que ele atribuiu na entrevista anterior, do potencial, das possibilidades. Todavia, o aluno constrói um novo significado durante a narrativa acrescentando o amor ao desempenhar a profissão, e esse novo significado foi permeado pelos significados que também foram atribuídos à figura 22 dessa mesma entrevista.

No trecho (2) Fernanda concorda com os significados atribuídos por Nicolas e constrói um novo significado à inovação. Durante a primeira entrevista podemos observar que o significado da inovação está relacionado ao psicólogo no momento da atuação, pois os alunos enunciam que a prática é diferente da teoria, e quando estão atuando necessitam do uso do improviso e da inovação. Nesse episódio de fala podemos verificar a dinâmica da entrevista que, por meio das narrativas e mediado pelo álbum de fotografias, confirmando a literatura os alunos constroem significados, e esses significados vão sendo modificados durante a pesquisa (BRUNER, 1997).

Antes dos alunos falarem sobre as fotografias dos eventos científicos foi questionado se houve coincidência ou se os dois combinaram de trazer para o álbum fotografias de eventos:

- (1): Fernanda: ah! da iniciação científica? Ah!
- (2): Pesquisadora: é sobre a sua experiência. PORQUE os dois trouxeram fotos
- (3): Fernanda: um rum
- (4): Pesquisadora: coincidentemente, eu acho, né?
- (5): Fernanda: isso.
- (6): Pesquisadora: ou combinado? Ranran (risos)
- (7): Fernanda: Não. Coincidentemente. É.

- (8): Pesquisadora: de eventos.
 (9): Fernanda: de eventos né?
 (10): Pesquisadora: Acadêmico/

Podemos observar no trecho (2-8) do discurso narrativo que há uma negociação entre a pesquisadora e a entrevistada, sobre as fotos de participação em eventos, se foram combinados previamente entre os participantes ou não. Percebemos ainda nessa interação, que as experiências como estudantes de iniciação científica foram significadas pelos alunos, uma vez que em todas as entrevistas eles mencionaram a participação na mesma. As narrativas seguintes mediadas pela relação dialógica que ocorreu entre as imagens da participação em eventos (figuras 26 e 27) e os enunciados produzidos pelos participantes, apresentam os significados que impactaram na construção dos significados do ser psicólogo dos alunos.

	(1): Fernanda: /como eu ia falando, é a iniciação científica pra mim, eu desenvolvi bastante, eu me desenvolvi bastante na iniciação científica. Eu conheci, <u>APRENDI MUITO, NÉ? APRENDI</u> as várias formas de leitura, <u>APRENDI</u> que a gente tem. Que. Todos nós temos capacidades, que cada um tem uma forma de sintetizar ou de... é... de produzir. A criatividade das pessoas é... porque era um grupo de quatro, com a professora cinco. E a professora e a orientadora, ela sempre deu espaço pra pra todos. Mesmo sendo bolsista, mesmo sendo voluntária, <u>todas tiveram a mesma participação</u>. Tiveram oportunidade de produzir. Então, eu tinha muito medo d... será que eu vou produzir errado? Será que eu não vou saber fazer? E isso eu consegui enfrentar. Consegui falar. (2): Aprendi a falar em público. A LIDAR com esses conflitos que eu tinha, e necessidade. <u>E era importante produzir publicar, É muito importante.</u> Não é? Como eu falei, eu nunca... Eu não tive oportunidade de viajar. As meninas que viajaram pra apresentar. Mas só o fato delas terem ido né? E só o fato é. da gente tá participando daquelas emoções todas, delas mandando notícias, isso tudo é importante pra gente. É hum... <u>Traz experiências também.</u> (3):Fernanda: Como Paulo Freire falou: a educação é libertadora. Liberta a gente bastante. E eu acho que a iniciação científica, eu acho não, tenho certeza, <u>a iniciação científica me libertou.</u> de um de um contexto muito alienante. Eu percebi que eu deixava me alienar por besteira.
--	---

Figura 26 - Experiência na pesquisa

Dividimos a narrativa em (3) trechos, e em todos eles Fernanda constrói o significado da experiência na iniciação científica, avançando nas discussões que foram produzidas inicialmente nas entrevistas anteriores. No trecho (1), o discurso da aluna está voltado para o aprendizado que a pesquisa proporcionou: os diversos tipos de leitura, como sintetizar os assuntos, a oportunidade de produzir publicações. No trecho (2), a aluna dá ênfase ao aprendizado de falar em público, através da publicação de artigos e da participação em eventos, e a importância de publicar. Fernanda ainda enuncia que não teve a oportunidade de viajar, mas fala ter aprendido através da experiência das colegas que viajaram. Fernanda percebe as colegas, nesse momento, como sendo mediadoras do seu aprendizado. No trecho (3) observa-se a concretização aberta da polifonia, em que a entrevistada inicia citando as palavras de Paulo Freire: “a educação é libertadora”. Temos nessa dinâmica polifônica, uma das diversas vozes que foram internalizadas durante a graduação, e que modificou Fernanda como pessoa, libertando-a de um contexto alienante, atribuindo novos aprendizados e novas experiências na construção do ser psicólogo. Dessa maneira, defendemos que há uma relação dialógica entre narrativa e experiência. A narrativa é construída pelas experiências, e as experiências também são produzidas a partir das narrativas (CUNHA, 1997).

	Pesquisadora: Qual foi sua visão da pesquisa? (1): Nicolas: Eu acho... Eu achei muito produtiva. [...] A gente tem um costume de pensar que a graduação. Ah! Que o curso superior é só assim, chegar na sala de aula e ficar. E ficar lá assistindo aula. Di di digamos assim de forma passiva, só recebendo conteúdo. Recebendo conteúdo como se a gente num tivesse nem aí oi. Como se fosse obrigação do professor FORMAR A GENTE. Mas (2): a obrigação de formar a gente <u>quem tem obrigação de formar ideias somos nós mesmos</u>. A gente que tem que buscar a formação que, a formação, acredito que ela num é só um. Um como (3): é que diz? Um canudo que se. Um diploma. Eu acho que a formação é mais coisas. É TODA essa questão de de eventos. De experiência. Porque isso aqui traz experiência. Por exemplo: uma palestra ou outra que tenha relatos assim. Aí TRAZ EXPERIÊNCIA. Apesar da gente não poder <u>tá vivenciando</u> a experiência em si, mas a gente <u>vai tá vivenciando</u> de uma forma mais indireta, digamos assim. E outra. Outros pontos é essa questão da das publicações também. Que... assim (4): por conta do futuro mesmo. A <u>Perspectiva do futuro</u>. Que eu penso assim. Quanto mais o currículo estiver, digamos assim,
---	---

	CONSISTENTE, vou colocar assim, Eu acho que Mais chance a gente tem. Não só de ingressar no mestrado, numa pós-graduação que seja lato sensu, ou outro conhecimento qualquer ou mesmo no mercado de trabalho, eu acho que isso é FUNDAMENTAL pra formação da gente. Essa questão do aperfeiçoar, do aperfeiçoamento. É isso que eu acho.
--	--

Figura 27 - Formação profissional

Na entrevista passada, Nicolas atribuiu à imagem fotográfica os significados do ser psicólogo de formação profissional e publicação. Nesse momento da pesquisa o aluno volta a significar a imagem fotográfica, mas de modo mais reflexivo, elaborando esses significados. Nicolas aponta o aluno como agente ativo e participativo da formação profissional. Ao enunciar sobre a experiência como aluno de iniciação científica, Nicolas fala que foi uma experiência produtiva. No trecho (1) percebemos que o aluno desenvolveu, a partir da experiência uma autonomia na sua formação profissional. No trecho (2) Nicolas enuncia que o aluno é um ser ativo na construção do conhecimento, e que o professor não está ali somente para “passar” o conteúdo. Dessa forma, entendemos que o professor é um mediador do conhecimento, e a construção do conhecimento ocorre na interação aluno-professor. No trecho (3) o aluno significa a formação profissional, que para ele não se resume apenas no diploma. Para Nicolas, formação profissional é também a experiência da participação em eventos, a busca do conhecimento através dos relatos de outros profissionais. Defendemos que a interação com outros profissionais da área também são mediadores do profissional, e percebemos a participação do outro na construção do ser psicólogo. No trecho (4) o aluno atribui à formação do profissional a preparação de um currículo consistente durante o curso de graduação para que, no futuro, esse profissional possa ter maiores chances no mercado de trabalho, ou na área acadêmica. No final do seu discurso Nicolas destaca ainda que considera fundamental o aperfeiçoamento do profissional. Assim, podemos perceber que a graduação é apenas o início da construção do profissional, e que esse profissional está em constantes mudanças, em constante aperfeiçoamento.

	(1)Fernanda: desafios né? <u>aqui são desafios</u>. Desafios que fazem você <u>conhecer seus limites</u>. Não só os seus limites, mas os do outro. (2) Nicolas: eu acho que aqui, tem também, acho que agora tem a ver com essa questão da EMPATIA, de você não se colocar no lugar do
--	--

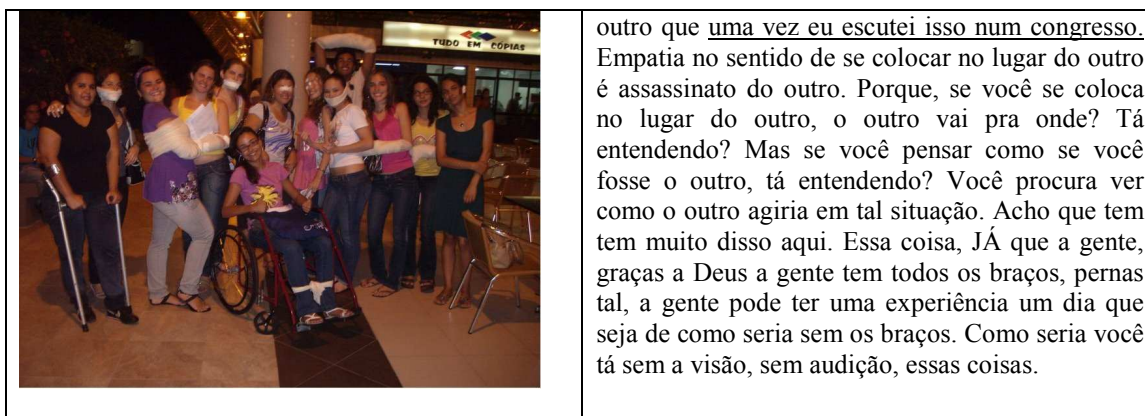


Figura 28 - “Desafios”

Através das narrativas pudemos identificar a construção da memória coletiva durante as entrevistas mediadas pelas fotografias (figura 16) e pelo álbum de fotografias (figura 28):

A fotografia acima é a única do álbum coletivo em que Nicolas e Fernanda aparecem juntos compartilhando a mesma experiência, contudo, os participantes tanto atribuíram diferentes significados imagéticos, como também construíram novos significados coletivamente. Na primeira entrevista com fotografias os alunos produziram coletivamente o significado das novas experiências, e durante a interação, Nicolas atribui um outro significado imagético: os laços de amizade. Ao continuarem interagindo, os alunos produziram coletivamente um novo significado para a figura: resolver as situações de uma nova maneira. Já na entrevista mediada pelo álbum de fotografias, os alunos continuam produzindo novos significados para a mesma figura. Nesse momento da pesquisa, Fernanda passa a atribuir o significado de desafios que fazem conhecer os seus limites e os limites do outro. Nicolas nessa entrevista enuncia o significado de empatia pelo outro. Assim, podemos observar as mudanças de significados imagéticos que ocorreram durante as entrevistas, em que os significados são dinâmicos, e são produzidos no momento da interação (BRUNER, 1997).

Durante essa entrevista perguntamos aos alunos se eles gostariam de tirar ou acrescentar alguma fotografia ao álbum, e Fernanda enunciou: “TANTO QUE SE eu fosse acrescentar alguma foto aqui, eu acrescentaria uma foto da, na universidade, na Suíça. Que eu tenho uma vontade muito grande de fazer meu doutorado lá”. Porém, a entrevistada não falou sobre a foto, mas sim da sua vontade de cursar o doutorado lá. Enquanto Nicolas falou que gostaria de acrescentar uma foto da barragem chamada “Pedra do Cavalo”, então ele enuncia sobre a imagem fotográfica simbólica, atribuindo-lhe significados:

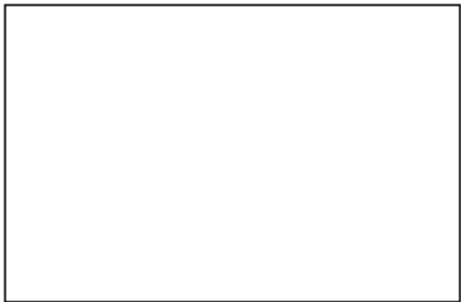
	(1): Pesquisadora: E se, e se você fosse ACRESCENTAR Nicolás. Qual era a da paisagem que você queria acrescentar? (2): Nicolás: eu acrescentaria uma que eu tenho lá, que é de uma barragem que tem lá em Feira de Santana que se chama Pedra do Cavalo, <u>que é bem alta aí</u>, acho que pra mim, assim, representaria, além disso, aqui que é bem... Representaria também essa (3): questão da da... Num sei como falar. É... seria mais força mesmo, mais resistência assim, no sentido de de encarar as pressões do mundo. Tá entendendo? Porque a gente vive sobre... Lógico, num é tanta pressão assim, mas a gente vive sobre pressão. Pressão de entregar um trabalho, de apresentar um trabalho. (4): <u>A pressão Ah!</u> você tem que tá com isso pronto. E daqui pra frente vai ser assim. Não é porque a gente vai se formar que vai acabar. Apenas as pressões vão mudar, no sentido, vão deixar de ser pra apresentar um trabalho ou não. Pode continuar nesse sentido também. Mas pra assim, MOSTRAR PRODUÇÃO, se for pra uma área de de de ou mercado de trabalho. E produção científica também, se for pro mestrado, tal especialização. Aí eu acho que é mais essa questão de... de resistência mesmo da pressão, assim.
---	---

Figura 29 - A barragem

Mesmo na figura 29 a imagem fotográfica, não estando presente fisicamente no álbum no momento da entrevista, ela está presente na memória de Nicolás. Porém, sabemos que essa memória pode não ser precisa, pois há participação do imaginário do narrador na constituição da memória (BRUNER, 2001a, 2011b, 1997). Essa dinâmica entre a fotografia concreta, a lembrança da fotografia no imaginário do entrevistado e o contexto da entrevista, constroem uma imagem simbólica com significados atribuídos ao profissional psicólogo. No episódio (3), Nicolás fala sobre o significado de resistência às pressões do mundo, afirmando que nós sempre vivemos sob pressão, e nesse momento Nicolás se refere ao mundo adulto e às cobranças profissionais. No episódio (4), identificamos a dinâmica polifônica na enunciação: “A pressão Ah! você tem que tá com isso pronto”, onde temos outras vozes compondo o discurso do entrevistado, vozes por exemplo, dos professores, dos futuros orientadores ou dos futuros chefes. Pois, segundo Nicolás, daqui pra frente vai ser assim, seja trabalhando na área ou seguindo a carreira acadêmica, sempre haverá prazos e cobranças. Defendemos que o aluno, ao enunciar que: “daqui pra frente vai ser assim”, o seu discurso o posiciona na fronteira entre o EU- estudante e o EU- profissional.

Além disso, abordamos anteriormente que as fotografias evocam memória (LOIZOS, 2008), ao passo que nossas memórias são constituídas e organizadas pelas narrativas (BRUNER, 2001a, 1997). No trecho (5), no episódio de conversação, podemos perceber que a narrativa também evoca a fotografia. Sendo assim, temos a narrativa sendo construída e construindo a memória do entrevistado, tanto a memória como também a narrativa, apresentando significados imagéticos atribuídos à fotografia simbólica que é representada pela narrativa do aluno.

	(1) Nicolas: é, aí, os significados ranranran(risos) Fernanda: ranranran(risos) Nicolas: ranran(risos). Aí. Beleza. No decorrer vai mudando aí. Quando era, que você pediu pra trazer as fotos, aí eu tava passando, aí vi essa foto. Eu acho que eu vou levar essa daqui. Aí tem muito (2) disso. Tipo, o que a gente já falou da necessidade de tá um momento sozinho. Acho que ela representa. Ela não, ele, o pássaro. Representa bem eu. Me representa bem. Porque <u>eu sou uma pessoa que gosta de ficar sozinho</u>. Não é que eu seja anti-social, só um pouco. Mas, assim, eu gosto muito de ficar sozinho. Parar pra refletir. Tipo, quanto mais tempo MELHOR. Eu não sinto tanto essa necessidade que que, Fernanda falou que sente, que depois desse momento de reflexão, ter um momento com alguém pra demonstrar. Eu, se eu parar pra refletir, aí reflito tá tá massa. Se tiver alguém beleza! Se não tiver não tem problema. <u>Eu vou refletir sobre outras coisas, tá entendendo?</u>
--	---

Figura 30 - Reflexão

Na entrevista anterior mediada pelas fotografias, Nicolas atribuiu diversos significados para a figura 05: aprender a ficar sozinho, refletir, liberdade e autonomia. Nesse momento da pesquisa podemos observar que Nicolas atribui novamente o significado de reflexão para a mesma imagem, que nesse momento é a figura 30. Assim, verificamos que há uma permanência do significado reflexão durante as entrevistas. Nicolas, no trecho (1), inicia o seu discurso enunciando sobre essas mudanças de significados, percebendo que ao interagir com a colega Fernanda eles vão sendo construídos. No trecho (2) Nicolas fala que o pássaro da figura 30 representa bem ele, por ser uma pessoa que gosta de ficar sozinho refletindo, embora a produção imagética não possa ser substituída por palavras, o pensamento através das palavras organiza os significados que o narrador atribui e compartilha com os interlocutores. Assim, todos os

signos não verbais, nesse caso a imagem fotográfica, são imersos no discurso não podendo ser separados totalmente dele (BAKTHIN, 1995).

	(1) Nicolas: eu acho que essa foto aqui. [...] EU, quando eu trouxe, quando eu, ao meu ver tava tava nessa questão de ter uma visão ampla da situação, tivesse algo, no sentido de ter uma visão de fora. Você não pode tá olhando de dentro, é isso que significa. Significa você não estar envolvido. É um observador. Você é o sujeito da observação. Aí, eu acho que ela. (2): Só que aí, com o passar do tempo, eu acho que ela ficou muito a ver com o passarinho. <u>O momento de reflexão.</u> Fernanda: ranranran (risos) Nicolas: [...] tem outro significado também né? <u>A importância do estar sozinho</u> traz, além do que eu mencionei, <u>A QUESTÃO da visão ampla, da observação.</u>
---	---

Figura 31 - Observação

Sobre a figura 31, Nicolas começa enunciando o mesmo significado que ele produziu na entrevista passada sobre a figura 15 (mesma fotografia da figura 31), o significado de observação. Porém, nessa entrevista o aluno desenvolve o significado da observação, aproximando-o da atividade da prática psicológica. Segundo Nicolas o psicólogo não deve estar envolvido, mas apresentar uma visão de fora da situação, sendo imparcial no atendimento psicológico. Enquanto que no trecho (2), o aluno analisa que no decorrer das entrevistas o significado da figura 31 mudou. A intenção inicial de Nicolas ao trazer a fotografia, era que ela representasse a observação ampla, contudo, ao interagir com a colega Fernanda ele percebe que o significado de reflexão atribuído à figura 30 (do pássaro), também pode ser atribuído à figura 31. Podemos perceber que os entrevistados vão correlacionando os significados às imagens, e que os mesmos significados podem ser produzidos para diferentes imagens. Sendo assim, defendemos que os significados construídos, pelos dois estudantes de psicologia, relacionam-se entre si constituindo uma rede de significados dinâmica e interativa.

	(1): Fernanda: já que você (Nicolas) tem duas fotos que representa isso, reflexão, enquanto eu Só tenho uma. Significa que eu sou tagarela demais. (2): Fernanda: Né não. Eu peguei essa foto... Eu nem ia pegar essa foto. Aí eu, olhando ela assim... É... Eu tava só aqui na hora que bat, que eu tava só. Foi quando meu namorado veio e bateu essa
--	---

	foto, do nada assim. Ele tava do outro lado conversando com todo mundo e eu sai, e fui. E foi justamente na hora que eu sai que eu tava tendo ideias. Todo mundo com ideias opostas de família. Aí eu me retirei porque eu tava oi. Precisava ficar só pra poder refletir. Aí foi quando ele veio de surpresa e bateu. Então É ISSO também. Poder ficar só. E isso é o que tá, é o que essa foto aqui simboliza.
---	---

Figura 32 - Reflexão

No trecho (01) observamos que a aluna faz uma auto-reflexão na sua enunciação, onde ela se percebe como “tagarela”, pelo fato de ter construído o álbum com apenas uma fotografia com o significado de reflexão, enquanto que o colega Nicolas traz para o álbum, duas fotografias com o significado imagético de reflexão (figuras 30 e 31). Percebemos na enunciação da entrevistada que ela está reconstruindo sua vivência da pesquisa de forma reflexiva, onde ela observa as fotografias trazidas pelo colega e as fotografias trazidas por ela. Essa dinâmica proporcionou à entrevistada realizar uma reflexão que favoreceu novas compreensões da sua própria prática (CUNHA, 1997). No trecho (2) ela enuncia sobre a história da fotografia, que também compõe as memórias sobre a história acadêmica de Fernanda. O momento em que a fotografia foi registrada Fernanda estava refletindo sozinha, e, observamos que o significado imagético foi construído no momento em que a imagem foi registrada. Esse significado é mobilizado também nos discursos de Fernanda e de Nicolas desde a entrevista anterior. Verificamos que há uma permanência do significado de reflexão do ser psicólogo durante a pesquisa. Na entrevista passada, Fernanda atribui à mesma imagem (figura 04), o significado de “aprender a ficar só” e reflexão, enquanto que o mesmo significado também aparece nas figuras (30 e 31) dessa entrevista. Observamos que o significado de reflexão foi construído coletivamente pelos participantes.

	(1): Nicolas: ai ai. A estrada. Eu peguei já. Justamente por essa questão da <u>representatividade</u>. Todo mundo quando vai falar, quando vê uma estrada, pode ficar pensando nessa questão. O
--	---

	percurso dos caminhos percorridos, de acertos percorridos. Peguei pensando nisso, que todo caminho que a gente pegou, que a gente pegou ô! E todo caminho que a gente já percorreu. é. E o caminho que a gente ainda tem que percorrer. Seria interessante. Eu pensei nisso. No segundo (2): coisa lá. não sei. No segundo encontro. Se fosse uma subidazinha pra. Pesquisadora: foi você que tirou essa foto? Nícolas: foi. Pesquisadora: ele ta indo ou tá voltando? Nícolas: ele tá descendo Pesquisadora: descendo né? (3): Nícolas: se ele tivesse subindo né, não só pra apresentar, mas essa questão dos degraus que a gente passa pra subir na nossa vida. Cada... Cada experiência que a gente tem. Ela... Ela é produtiva. Ela, por ruim que seja, mas ela é produtiva. É como (4): Einstein falava: Se você tentou fazer alguma coisa, não lembro como é a frase em si, mas é algo assim: “Se você tentou fazer alguma coisa e não conseguiu, você não errou. Você simplesmente descobriu uma nova maneira pela qual você não consegue”. (5): Fernanda: gostei. [...] Eu TAVA até aqui pensando em Fernando Pessoa. É a estrada né, como eu já tinha dito na última vez, a questão das nossas histórias, do que a gente já viveu. (6): Eu não tinha nem percebido isso Nícolas. <u>Da descida, mas como é importante descer!</u> E como é mais importante ainda a descida é tão, é tão boa! E quando você sobe novamente você sobe diferente. Ela é. <u>É muito bom você descer,</u> pra quando você voltar a subir. Ou então, quando você subir pela primeira vez, você da mais valor.
---	---

Figura 33 - A estrada da nossa vida

No episódio de fala (1), percebemos que Nícolas faz uma analogia entre a estrada e a vida de cada um de nós. Esse discurso construído sobre a figura 33 é permeado pela cultura popular, sendo comum aos interlocutores fazerem esse tipo de comparação entre a estrada e a vida. Dessa maneira, defendemos que os participantes negociaram os significados semelhantes que foram construídos culturalmente e que são partilhados em suas memórias coletivas.

No episódio (2) observamos a negociação sobre alguns esclarecimentos, sobre a imagem entre a pesquisadora e o entrevistado. Primeiro perguntamos se foi Nícolas quem tirou a foto, ele afirma que sim, após isto ele explica que a estrada está descendo. A história da fotografia também faz parte da história de vida de Nícolas. Dessa forma, ao conhecer a origem da fotografia, o entrevistado consegue detectar qual a direção da estrada, e, ao elucidar que é uma descida, a sua enunciação irá regular o discurso da colega Fernanda no trecho (6). Contudo, no episódio (3) o entrevistado faz a inferência à subida, atribuindo também significado para essa possibilidade simbólica imagética. Se na fotografia a subida é significada pelo entrevistado como os degraus da vida, esses degraus seriam as experiências vivenciadas por nós.

A enunciação do trecho (4) é constituída pela dinâmica polifônica, em que temos a voz do cientista Einstein compondo o discurso do entrevistado. Nícolas constrói seu discurso permeado pelas vozes que foram significadas e internalizadas por ele (BAKTHIN, 1995; VIGOTSKI, 1989). Enquanto que, no episódio (5), Fernanda fala que a estrada está relacionada com as nossas histórias de vida, a aluna acrescenta que estava pensando em Fernando Pessoa, e antes de encerrarmos a entrevista a aluna cita os versos do poeta, que ilustram as primeiras páginas da dissertação:

*“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada o lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”*
Odes de Ricardo Reis.

Ricardo Reis é um dos heterônimos do poeta Fernando Pessoa. Temos mais uma dinâmica polifônica, na qual Fernanda expõe os versos do poeta que foram por ela internalizados. A aluna afirma que gosta muito do verso e sempre tenta colocá-lo em prática, procurando colocar um pouco de si em tudo o que faz. Fernanda afirma que se sente realizada ao doar-se para ajudar o outro, a comunidade. Dando como exemplo as suas experiências como profissional na graduação, estagiando no hospital e na creche, atendendo crianças.

Fernanda constrói a enunciação do trecho (6) permeada pelo discurso de Nícolas, ao explicar que a estrada está descendo. A interlocutora dirige-se ao locutor falando que não tinha percebido que era uma descida, e atribui significados a essa

descida, pois a significação só acontece no momento da interação verbal (BAKTHIN, 1995). No trecho (5) e na entrevista anterior, a estrada estava relacionada às histórias de vida. Contudo, ao perceber a direção da estrada, que é uma descida, a aluna passa a significá-la de uma outra maneira. Fernanda passa a considerar a descida como sendo os momentos de dificuldades que podem ocorrer tanto na vida pessoal como profissional, fazendo com que os momentos de sucesso sejam mais valorizados. Esse significado construído pela aluna é uma inferência das suas experiências de vida que foram construídas pelas crenças culturais (BRUNER, 1997).

5. DESENVOLVIMENTO DA DINÂMICA DA CONSTRUÇÃO DOS SIGNIFICADOS

Mapa de significados do primeiro momento



Legenda:

- Significados antes do curso
- Significados construídos ao longo do curso
- Construção dos significados do ser psicólogo
- Significados das expectativas futuras

Figura 34 - Desenvolvimento da construção dos significados do ser psicólogo

As entrevistas nos possibilitaram construir os três mapas de significados do ser psicólogo, referentes a cada uma das entrevistas, e pudemos observar a dinâmica da construção dos significados. Essa dinâmica aconteceu no tempo curto, que é considerado o tempo onde ocorre as interações, e é nesse tempo que podemos compreender as produções de sentido que são permeadas pelas memórias culturais do tempo longo e as memórias pessoais do tempo vivido pelos estudantes (SPINK, 2004). Apesar disso as narrativas não foram enunciadas numa sequência cronológica, em que os alunos narraram diversos momentos da vida acadêmica, na medida em que eles iam sendo lembrados. Contudo, a fim de proporcionarmos uma melhor compreensão dos resultados, utilizamos para análise das entrevistas e para a construção dos mapas semióticos, a temporalidade *Chrónos* referente ao tempo lógico, ao “antes e o depois”. Nos mapas, os significados do ser psicólogo estão organizados em: significados produzidos antes do curso de psicologia, significados construídos durante o curso de psicologia e expectativas futuras. Porém os significados não são necessariamente produzidos nessa ordem durante as entrevistas.

Percebemos nos mapas que a parte roxa, onde os significados referentes ao ser psicólogo no início da graduação, são permeados pelo senso comum e pelas crenças populares. No decorrer da pesquisa esses significados vão mediando a construção dos novos significados do ser psicólogo, que vão sendo construídos ao longo do curso, permeados pela cultura acadêmica e na interação com a população. Podemos observar também que os significados, referentes ao começo do curso (cor roxa), vão deixando de ser produzidos nas entrevistas seguintes.

No segundo mapa podemos observar que os alunos percebem que, antes do curso eles eram dependentes emocionalmente, e ainda no início da graduação dizem ter aprendido a ficar sozinhos e consideram-se reflexivos. Entendemos esse significado como sendo uma das primeiras mudanças percebidas pelos alunos ao se construírem como psicólogos.

Quanto aos significados construídos ao longo do curso, percebemos que no primeiro mapa estão os significados produzidos inicialmente, onde os alunos enunciam as primeiras percepções sobre o curso, voltadas para as dificuldades que compõem a profissão, e, essas dificuldades são percebidas no momento da atividade prática. Entre as dificuldades estão o estágio e a interação com a comunidade, e a escolha da linha teórica. Segundo os alunos, são muitas as opções de linhas teóricas e a interação com os professores contribui para escolha da que irão seguir. Além disso, os alunos significam

a prática como diferente da teoria, por esse motivo eles enunciam que há necessidade do uso do imprevisto e da criatividade ao exercer a prática psicológica, o trabalho multidisciplinar e a soluções de problemas.

No segundo mapa podemos visualizar a mobilização da dinâmica dos significados produzidos ao longo do curso durante a segunda entrevista. Nesse momento, a entrevista é mediada pelas fotografias, e os participantes produzem diversos significados do ser psicólogo mediados pelas imagens fotográficas. Agora os alunos estão voltados para a produção de significados e relacionam as fotografias trazidas por eles, uma vez que o álbum foi construído coletivamente por essas mesmas imagens. Entendemos o segundo mapa, como o instante em que os alunos estão elaborando os significados do ser psicólogo. Nesse momento da pesquisa, ocorre a elaboração dos significados, através da negociação entre os interlocutores. Ao negociarem os significados do ser psicólogo os alunos atribuem diferentes significados para a mesma imagem, os quais aparecem distribuídos pelo segundo mapa.

No terceiro mapa de significados da entrevista mediada pelo álbum de fotografias, percebemos que os significados produzidos ao longo do curso foram elaborados e negociados pelos alunos. Essa elaboração é percebida após a construção do álbum coletivo de fotografias, onde os alunos organizaram a sequência do mesmo com as fotografias com significados semelhantes. Nas narrativas deles sobre o álbum percebemos que as imagens fotográficas produziram uma teia de significados do ser psicólogo que se relacionam entre si. Ao construirmos o mapa de significados da entrevista do álbum de fotografias, dividimos os significados produzidos nesse momento da pesquisa em cinco grupos: No primeiro grupo estão os significados referentes à relação entre o psicólogo e o paciente: não julgar, servir o outro, respeitar o outro, humanização, promover saúde, onde o ser psicólogo é construído na interação com o paciente. No segundo grupo encontramos os significados referentes à realização profissional e pessoal: trabalhar com alegria, dedicação, realização. O terceiro grupo refere-se à formação profissional: experiência profissional, participação em eventos, currículo. No quarto grupo de significados estão as características do psicólogo: passar segurança, superar desafios, resistência à pressões, inovar, refletir, observar. O quinto grupo de significados refere-se às expectativas futuras em relação ao curso: medo/ansiedade e seguir em frente.

Todavia, percebemos que os significados referentes à expectativas futuras, mediados pelo tempo prospectivo, estão presentes nos três mapas e também foram

produzidos no momento das entrevistas. Esses significados são constituídos pelas expectativas individuais e coletivas, proposições e metas dos entrevistados (ROSSETTI- FERREIRA, AMORIM E SILVA, 2004). No primeiro mapa podemos perceber que os alunos significam as dúvidas e incertezas em relação ao curso como: medo/ansiedade, preocupação com a remuneração, e dúvida em qual área seguir. No segundo mapa os significados vão sendo elaborados pelos alunos, onde eles entendem que o medo/ ansiedade são produzidos diante do novo começo, do novo percurso da vida, em que deixam de ser estudantes de psicologia e passam a ser psicólogos. No terceiro mapa observamos que esses significados foram elaborados e os alunos constroem o novo significado de seguir em frente. Percebemos que os estudantes entendem que, por mais que sintam medo/ansiedade diante da nova etapa da vida, eles precisam seguir em frente. Além disso, eles enunciam também que a construção do ser psicólogo é contínua, transcendendo o curso de graduação.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A seguinte pesquisa nos proporcionou entendermos como ocorre a dinâmica da construção dos significados do ser psicólogo através das narrativas de dois alunos do curso de graduação e do álbum de fotografias coletivo. Ao analisarmos as transcrições identificamos várias vozes no discurso dos entrevistados, entre elas: as vozes dos familiares, dos professores, vozes de outros psicólogos, vozes dos colegas, a voz do poeta Fernando Pessoa, a voz de Einstein, a voz de Paulo Freire e vozes das comunidades as quais tiveram contato. Acreditamos que essas vozes foram internalizadas pelos estudantes e permearam a construção dos significados do ser psicólogo. Assim, defendemos que os significados produzidos durante a pesquisa foram construídos primeiramente socialmente pelos grupos os quais os alunos participam. Depois esses significados foram internalizados e, ao internalizá-los, os alunos construíram novos significados que são modificados durante as interações. Dessa forma, acreditamos que o ser psicólogo é construído nas e pelas interações sociais (VIGOTSKI, 1989; BAKTHIN, 1995).

Essa pesquisa teve como objetivo geral descrever e identificar quais os significados do ser psicólogo, que foram construídos por dois alunos do curso de psicologia de uma instituição de Ensino Superior no município de Aracaju- SE, mediados por narrativas da vida acadêmica e por fotografias. Durante as entrevistas foram produzidos diversos significados do ser psicólogo, pelos participantes. Entre os significados construídos estão o misticismo e as crenças relacionadas ao início do curso, cujas construções foram mediadas pelo senso comum. A reflexão e o aprender a ficar só foram outros significados apresentados como uma das primeiras mudanças pessoais percebida pelos alunos após o curso. Ao iniciarem os estágios os alunos percebem a prática diferente da teoria, como outro significado atribuído à profissão. Os significados de: não julgar; servir o outro; respeitar o outro; humanizar; promover saúde; práticas educativas, foram relacionados, pelos participantes, ao aprendizado construído durante o curso. Enquanto que trabalhar com alegria e dedicação, foram relacionados pelos alunos como objetivo para alcançar a realização profissional e pessoal. Os significados de participação em eventos, experiência profissional e currículo, foram relacionados à formação profissional. Os alunos produziram significados referentes às características do psicólogo, entre eles: passar segurança; superar desafios; inovar; resistir a pressões.

Sobre as expectativas futuras foram construídos os significados de medo/ansiedade e seguir em frente.

Através das narrativas podemos observar que os alunos organizaram os significados do ser psicólogo em três movimentos temporais diferentes, como: os significados referentes ao início do curso que são carregados dos significados culturais do cotidiano, os significados construídos durante o curso, com as ansiedades, as construções de conhecimento, as dificuldades do curso, e os significados que são referentes às expectativas futuras. Em relação aos significados do ser psicólogo referentes ao início do curso podemos observar que são permeados pelas crenças e pela cultura popular, em que os alunos percebem, partindo das crenças do senso comum, que a psicologia é algo mágico, que consegue adivinhar pensamentos e entender as pessoas, inclusive sobre eles mesmos. Defendemos que há uma repetição desses significados devido à circularidade da cultura que é o mediador da produção desses significados construídos historicamente.

Os estudantes enunciam que antes do curso eram dependentes emocionalmente e que não gostavam de ficar só, e nas entrevistas percebem que durante o curso, eles aprenderam a ficar sozinhos e se tornaram mais reflexivos, característica que surge como importante para a futura profissão. No entanto, percebemos que na entrevista mediada pelo álbum de fotografias há mudanças nesse significado, pois além da reflexão percebem a observação como uma das habilidades do ser psicólogo. Esses significados são permeados pela história e pela cultura da profissão da psicologia, em que esses significados são mediados pelas teorias psicanalíticas, que, tendo origem na medicina, foi uma das primeiras linhas teóricas que contribuíram para o desenvolvimento da psicologia como ciência e profissão. No entanto, quando narram seus percursos na graduação, os significados que foram construídos e são produzidos durante as atividades práticas do psicólogo (LEONTIEV, 2004; RATNER, 1997). Nas atividades do estágio os alunos percebem a experiência como sendo diferente da teoria, e dessa forma, defendemos que não basta que os alunos entendam as teorias, pois é através das experiências que os alunos significam e constroem-se como psicólogos, associando os pressupostos teóricos às atividades da profissão e às imprevisibilidades dos eventos.

Nas entrevistas os alunos declaram que durante o curso de graduação aprenderam a: não julgar, servir ao outro, respeitar o outro, humanizar, promover saúde através das práticas educativas. Dessa forma, defendemos que o profissional da

psicologia se constrói em função do outro, e nesse momento da pesquisa os significados mobilizados são referentes à relação psicólogos e pacientes. Ao interagir com os pacientes o psicólogo aplica os conhecimentos que foram construídos durante o curso, entendendo que estes significados são construídos dialética e dialogicamente e que o aluno, futuro psicólogo, ao interagir com as pessoas nas atividades do curso, vivencia uma projeção no futuro de suas ações, podendo construir no momento da graduação posturas importantes de sua futura atuação.

Outro significado que observamos é a realização profissional e pessoal, que são construídos mediados pelas crenças dos estudantes de que através da realização profissional produzirão também realização pessoal, e os significados mobilizados para atingir a realização profissional são: trabalhar com alegria, amor, dedicação, humor e criatividade. Além disso, os participantes se posicionam durante as entrevistas como agentes ativos da sua formação profissional, em que eles participaram de eventos acadêmicos, pesquisaram na condição de alunos de iniciação científica, buscaram por experiência profissional a fim de obter um currículo profissional, uma vez que terão que ingressar em um competitivo mercado de trabalho. A consciência da dificuldade de trabalho para o psicólogo faz com que os alunos busquem por aperfeiçoamento profissional ainda na graduação, tanto no campo da pesquisa como também em estágios extra-curriculares. Ao desempenharem essas atividades os alunos acreditam que terão melhores oportunidades de emprego e uma perspectiva de pós-graduação, seja *lato sensu* ou *stricto sensu*.

Os significados construídos ao longo do curso sobre as características dos profissionais da psicologia para os participantes são: passar segurança, superar desafios, inovar, resistir a pressões. Entendemos que esses significados também circulam nas demais profissões e estão relacionadas com o “ser adulto” e o “ser profissional”. Os significados construídos durante as entrevistas em relação às expectativas futuras estão o medo/ansiedade e o seguir em frente. Acreditamos que as emoções de medo e ansiedade surgem no momento (presente) em que os alunos se preparam para enfrentar o mercado de trabalho, onde terão que desenvolver as atividades práticas aprendidas durante o curso. O significado de seguir em frente é percebido por eles como uma continuidade no processo de formação profissional que, para esses alunos, o processo de formação inicia-se no curso de graduação e desenvolve-se durante todo o tempo de atividade da prática profissional.

Um dos objetivos específicos da pesquisa foi identificar e descrever a construção do ser psicólogo a partir da história acadêmica dos dois estudantes de psicologia, quais as memórias e os significados que foram construídos coletivamente durante as narrativas, quais permaneceram, e os que foram modificados ao longo da narrativa sobre a vida acadêmica. Pudemos identificar nas entrevistas que os alunos, ao ingressarem na graduação, passam a compreender a dimensão do curso de psicologia ao estudar as diversas áreas de atuação do psicólogo e as diferentes abordagens teóricas da psicologia. Entendemos que a interação dos alunos com os professores e as disciplinas cursadas são os mediadores que inicialmente produzem a construção dos primeiros significados científicos (acadêmicos) do ser psicólogo. Por meio dessa interação os alunos começam a se posicionar como profissionais, verbalizando quais as linhas teóricas e quais áreas da psicologia possuem maior interesse.

Assim, pudemos identificar durante a pesquisa que o ser psicólogo é construído através da mediação. A mediação do ser psicólogo é permeada pelos livros, pelas teorias psicológicas, pela interação com: professores, colegas, familiares, os pacientes, a comunidade em que estão inseridos. Dessa forma, não é apenas o curso de graduação que constrói os profissionais da psicologia; a interação com a população, as trocas culturais, os valores e as crenças que são mediados culturalmente também mobilizam significados que compõem a formação profissional do psicólogo. Assim, compreendemos que o ser psicólogo se constrói tanto no processo de aprendizagem formal (em sala de aula, interagindo com os professores e colegas, lendo os livros teóricos), como também na aprendizagem informal (durante os intervalos das aulas em contato com os colegas, na sua interação com familiares e a comunidade, durante as suas experiências de vida).

Além disso, o ser psicólogo também se constrói através das atividades das práticas psicológicas em: estágios (na clínica e em instituições), observações psicológicas para a produção de projetos de intervenção. Defendemos que por meio das experiências profissionais na graduação os alunos significam o ser psicólogo, uma vez que se posicionam e são posicionados como profissionais. Identificamos os posicionamentos dos alunos como psicólogos através das narrativas quando enunciam sobre a experiência profissional como estagiários.

As narrativas enunciadas também nos permitiram compreender a forma como os alunos constroem a sua maneira de pensar, seja individualmente ou coletivamente. Mediante o discurso podemos identificar as memórias coletivas dos entrevistados.

Durante a pesquisa os alunos trouxeram uma fotografia onde ambos estavam compartilhando a mesma experiência. Todavia, ao vivenciarem a mesma experiência os alunos produziram significados diferentes, mas ao negociarem, constroem novos significados para a mesma experiência.

Observamos que os significados de aprender a ficar sozinho e o da reflexão foram mobilizados ao longo da pesquisa pelos dois participantes. Atribuímos a permanência desses significados durante as entrevistas, ao fato dos mesmos terem sido construídos através da história da psicologia. E são permeados pelas ideias da psicologia clínica, de individualização do indivíduo, abordadas no início da profissão no país, e que produziram como cultura profissional do psicólogo a auto-reflexão, uma vez que exige do psicólogo uma compreensão de si mesmo, maior do que em outras profissões (DIMENSTEIN, 2000).

Ao utilizarmos as fotografias e o álbum de fotografias como instrumentos mediadores das narrativas observamos que os alunos estavam focados somente em atribuir significados imagéticos durante a entrevista mediada pelas fotografias. Já na entrevista mediada pelo álbum de fotografias os alunos preocuparam-se em narrar a história da fotografia, uma vez que ela também faz parte da história acadêmica deles (BORGES E LINHARES, 2008). Além disso, durante a entrevista do álbum de fotografias os alunos avançaram as discussões sobre as imagens, motivo pelo qual escolheram essas fotografias para a construção do álbum. Percebemos também que há uma relação dialética entre as imagens fotográficas e as narrativas, porém, estas vão além das fotografias, ultrapassando os limites físicos da fotografia. Durante a entrevista mediada pelo álbum de fotografias Nicolas acrescentou a da barragem, apesar da imagem não estar presente fisicamente no álbum, ela é construída simbolicamente através da memória do entrevistado.

Através dessa pesquisa pudemos compreender que os significados do ser psicólogo da atualidade estão situados na fronteira entre: os significados históricos que foram construídos ainda no início da profissão no país, os significados construídos pelas crenças do imaginário popular e pelos novos significados que são construídos no momento presente das interações dos psicólogos com os livros, os professores, os colegas, os pacientes, os familiares, a comunidade, as instituições. Essa fronteira permite que esses significados construídos em diferentes momentos, sejam negociados, produzindo assim novos significados do ser psicólogo.

Assim, essa pesquisa apresentou os significados do ser psicólogo que foram construídos historicamente por dois alunos do curso de psicologia. Apresentamos como eles constroem e percebem a sua formação profissional, após as mudanças históricas sofridas pela psicologia no Brasil, que implicaram alteração curricular. No início da profissão os cursos eram voltados para a psicologia clínica, e no momento em que a pesquisa foi desenvolvida os currículos dos cursos de psicologia no país estavam voltados para a psicologia social. Esperamos que esse trabalho possa contribuir para futuras reflexões no Ensino Superior brasileiro, em especial dos cursos de psicologia. E que possa viabilizar o aperfeiçoamento da Educação no país e consequentemente obter melhorias na formação dos futuros profissionais.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, M. A. M. **A Psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição**. 5ª Ed. São Paulo: Educ, 2007.

AUMONT, J. **A imagem**. Tradução Estela dos Santos Abreu e Claudio C. Santoro. Campinas-SP: Papirus, 2002.

BAKTHIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKTHIN, M. (Volochnikov, V. N.). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 7ª ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKTHIN, M. **A cultura popular na idade média: o contexto de Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.

BARTHES, R. **A câmera clara**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2009.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaio sobre literatura e história da cultura**. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 7ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDO, J. **As palavras e as pedras**. In: ALMEIDA, M. J. **Cinema a Arte da Memória**. Campinas- SP: Autores Associados, 1999.

BETTOI, W; SIMÕES, L. M. **Profissionais para si ou para outros?** Algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 20 (2), 2000, p. 20-31.

BEZERRA, P. Polifonia. In: Brait, Beth. **Bakhtin: conceitos- chave**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

BHABHA, H. K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BOCK, A. M. B. **A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social**. *Estudos de psicologia*, 1999, 4(2), p. 315-329.

BORGES, F. T.; LINHARES, R. N. **Imagem e narrativa: a construção dialógica da fotografia na pesquisa qualitativa em ciências humanas**. *Revista Educação em Questão*, Natal- RN, v. 33, p. 128-149, 2008. Disponível em: <http://www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br/pdfs/EQ_33_web.pdf>. Acesso em: 14 de março de 2011.

BOSI, E. **Memória e sociedade: memória dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BRAUN, V.; CLARKE, V. **Using thematic analysis in psychology**. *Qualitative Research in Psychology* 2006; 3: 77_101. Disponível em: www.QualResearchPsych.com. Acesso em: 19 de abril de 2011.

BROCKMEIR, J.; HARRÉ, R. **Narrativa: Problemas e Promessas de um Paradigma Alternativo**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2003, 16(3), pp. 525-535.

BRUNER, J. **Self-making and word-making**. In: *Narrative and Identity: Studies in Autobiography, self and culture*. BROCKMEIER, J.; CARBAUGH, D. John Benjamins Publishing Company, Amsterdam, 2001a.

_____. **The narrative construction of reality**. Critical Inquiry, 17, 1-21, 2001b.

_____. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAIXETA, J. E. **Guardiães da memória: tecendo significações sobre si, suas fotografias e seus objetos**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, 2006.

CAMBAÚVA, L. G.; SILVA, L. C. da; FERREIRA, W. **Reflexões sobre o estudo da História da Psicologia**. Estudos de Psicologia (Natal). vol. 03, nº 02. Natal: Julho/Dezembro 1998.

CASADEI, E. B. **Maurice Halbwachs e Marc Bloch em torno do conceito de memória coletiva**. Revista Espaço acadêmico. nº 108, maio 2010.

CIAMPA, A. C. da. **Identidade**. In: Org. LANE, S. T. M. e CODO, W. **Psicologia Social: o indivíduo em movimento**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1999, 13ª Ed, p. 58-77.

CODO, W.; SAMPAIO, J. J. C. e HITOMI, A. H. **Indivíduo, trabalho e sofrimento: uma abordagem interdisciplinar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

CRESWELL, J. W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos**. Porto Alegre, Editora Artmed, 2007.

CUNHA, L. A. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA Filho, Luciano Mendes e VEIGA, Cynthia Greive. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 151- 204.

CUNHA, M. I. **CONTA-ME AGORA! as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Revista Faculdade de Educação v. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dez. 1997.

DAVIES, B.; HARRÉ, R. **Positioning: the discursive production of selves**. In: Wetherell, M.; Taylor, S. e Yates, S. J. *Discourse theory and practice: a reader* (p. 261-271). London: Sage Publications, 2001.

DIMENSTEIN, M. **A cultura profissional do psicólogo e o ideário individualista: implicações para a prática no campo da assistência pública à saúde**. Estudos de Psicologia, 5(1), p. 95- 121, 2000.

DUARTE, N. **A teoria da atividade como uma abordagem para a pesquisa em educação**. Perspectiva, Florianópolis, v. 20, n. 02, p.279-301, jul./dez. 2002.

ENGESTRÖM, Y. **Expansive learning at work: toward na activity theoretical reconceptualization.** Journal of Education and work, vol. 14, nº 1, 2001.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa Qualitativa.** São Paulo: Artmed, 3ª Ed., 2009.

GARCIA, J. M. **La forma narrativa de la memoria colectiva.** POLIS, 2005, vol. I, número 1, p. 9-30.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais.** In: BAUER, Martim W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático.** Editora Vozes: São Paulo, 7ª edição, 2008.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GERGEN, K. **Self-narration in social life.** In: Realities and Relationships: Sounings in social construction, Cambridge, Mass, Havard University Press, Chapter 8, 1994.

GINZBURG, C. **O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Companhia das letras, 2001.

GRANDESSO, M. **Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica.** São Paulo: Casa do psicólogo, 2006.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** São Paulo: Edições Vértice, Editora dos tribunais, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós- modernidade.** Trad. Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP & A. 2003.

HARRÉ, R., & MOGHADDAM, F. M. **The self and others: Positioning individuals and groups in personal, political, and cultural contexts.** Westport, CT.: Praeger, 2003.

HERMANS, H. J. M. The Dialogical self: Towand a theory of personal and cultural positioning. **Culture & Psychology**, v. 7, p. 323-365, 2001.

HOUAISS, A. & VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Elaborado no Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JACQUES, M. G. C. das. Identidade e trabalho uma articulação indispensável. In: Org. TAMAYO, A; ANDRADE, J. E. B e CODO, W. **Coletâneas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós- Graduação em Psicologia: Trabalho, Cultura e Organizações.** v. 01, número 11, Outubro, 1996, Ed. Yangraf Gráfica e Editora, São Paulo, p. 21-26.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem.** Campinas-SP: Papirus, 1996.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER M. W. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Editora Vozes: São Paulo, 7ª edição, 2008.

KENNEDY, D.; KOHAN, W. **Áion, Kairós and Chrónos: Fragments of on endless conversation on Childhood, Philosophy and Education**. Childhood E Philosophy, Rio de Janeiro, v. 4, nº8, julho/dezembro 2008.

LEITE, M. L. M. **Texto visual e texto verbal**. In: FELDMAN- BIANCO, B.; LEITE, M. L. M. **Desafios da imagem: Fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais**. Bela Feldman- Bianco, Mírian L. Moreira Leite (orgs.) 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

_____. **Imagem e Memória**. In: Resgate, Campinas, Centro de Memória Un, v. 8, p. 9-16, 1998.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo humano**. São Paulo: Centauro, 2ª Ed., 2004.

LOIZOS, P. **Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa**. In: BAUER, Martim W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático**. Editora Vozes: São Paulo, 7ª edição, 2008.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais**. Tradução: Fernando Limongeli Gurgueira. São Paulo: Ícone, 1990.

_____. **Pensamento e linguagem: as últimas conferências de Luria**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

MASSIMI, M. **A Psicologia dos Jesuítas: Uma Contribuição à História das Ideias Psicológicas**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2001, 14(3), pp. 625-633.

MAGALHÃES; STRALIOTTO, M.; KELLER, M.; GOMES, W. B. **Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia**. Revista Psicologia: ciência e profissão, v.21 n.2 Brasília jun., 2001.

MATUSOV, E., SMITH, M. P., CANDELA, M. A., & LILU, K. Culture has no internal territory: Culture as dialogue. In: VALSINER, J. & ROSA, A. (Eds.), **The Cambridge Handbook of Socio-Cultural Psychology**, pp. 460-483, Cambridge University Press, 2007.

OLIVEIRA, M. K. **Vigotski: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 2008.

PINHEIRO, E. M.; KAKEHASHI, T. Y.; ANGELO, M. **O uso de filmagem em pesquisas qualitativas**. Rev Latino-am Enfermagem 2005 setembro-outubro; 13(5): p. 717- 722.

PINO, A. **As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski**. São Paulo: Cortez, 2005.

RAGGATT, P. T. F. **Multiplicity and Conflict in the Dialogical Self: A Life-Narrative Approach**. In: McAdams, D. P., Josselson, R. & Lieblich, A. (Eds.), *Identity and story: Creating self in narrative* (pp. 15 – 35), Washington, 2006, DC: APA Books, Chapter 1.

RATNER, C. **Cultural Psychology: theory and method**. Nova York: Kluwer Academic- Plenum Publishers, 2002.

_____. In Defense of Activity Theory. **Culture and Psychology**, 1997, 3, 211-223.

RICOUER, P. *Tempo e narrativa* (tomo I). Tradução: Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1994.

ROSA, Alberto. Recordar, descrever e explicar o passado. O que, como e para o futuro de quem. In: CARRETERO, Mario; ROSA, Alberto; GONZALES, Maria Fernanda (Orgs). **Ensino da História e memória coletiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ROSSETTI- FERREIRA, Maria Clotilde.; AMORIM, Katia Souza de; SILVA, Ana Paula Soares da. **Rede de significações: alguns conceitos básicos**. In: Rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano. ROSSETTI- FERREIRA, Maria Clotilde.; AMORIM, Katia Souza de; SILVA, Ana Paula Soares da. e CARVALHO, Ana Maria Almeida (Orgs.). Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVEIRA, S. M.; NARDI, H. C. Formação em Psicologia e Vulnerabilidade Social: Um Estudo das Expectativas de Inserção Profissional de Formandos. *Psicologia Ciência e Profissão*, 2008, 28 (2), 228-243.

SIMSON, O. R. de M. von. **Imagem e memória**. In: *O fotográfico*. 2.ed. São Paulo: Editora Hucitec / Editora Senac São Paulo, 2005.

SIQUEIRA, S. A. **Constituição da memória como fato social: visão do mundo e comportamento cotidiano**. *Rev. Memória Social e Documento: uma abordagem interdisciplinar*. Arno Wehling, Maria José Wehling... (et. al.) Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro. Mestrado Memória Social e Documento, 1997, p. 117 – 119.

SOARES, L. L. M.; VERISSIMO, L. J. **A Formação do Aluno na Graduação em Psicologia pela Pedagogia de Paulo Freire**. *Psicologia Ciência E Profissão*, 2010, 30 (3), p. 588-603.

SPINK, M. J. **Linguagem e produção de sentidos no cotidiano**. In: www.bvce.org. Edição online: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, Rio de Janeiro: 2004.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação em massa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 6ª Ed, 2002.

VALSINER, J. **Culture in minds and societies: foundations of cultural psychology**. Nova Delhi: Sage, 2006.

_____. **Entre a "democracia da literatura" e a paixão pela compreensão: entendendo a dinâmica do desenvolvimento.** *Psicol. Reflex. Crit.*, 1999, vol.13, no.2, p. 319-325.

_____. **Human development and culture: The social nature of personality and its study.** Lexington, MA: Lexington, 1989.

VIGOTSKI, L. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **Psicologia pedagógica.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Psicologia da Arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WERTSCH, J. V. **Collective Memory.** In: *The Cambridge Handbook of Sociocultural Psychology*, VALSINER, J.; ROSA, A. New York, 2007, chapter 32, p. 645-660.

_____. **The Multivoicedness of meaning.** In: *Voices of the mind: A sociocultural approach to mediated action*, London, 1990, Harvester Wheatsheaf, chapter 4.